

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

JUSCIMAURA LIMA CANGIRANA

**O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO: A CONCORDÂNCIA VERBAL DE
TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS
RÃS-BA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

JUSCIMAURA LIMA CANGIRANA

**O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO: A CONCORDÂNCIA VERBAL DE
TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS
RÂS-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

C226p	Cangirana, Juscimaura Lima. O Português Afro-Brasileiro: a concordância verbal na terceira pessoa do plural na comunidade quilombola Rio das Rãs -Ba. / Juscimaura Lima Cangirana; orientadora Elisângela Gonçalves da Silva -- Vitória da Conquista, 2019. 110f. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) -- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Inclui referência F. 102 – 106. 1. Concordância verbal. 2. Variação linguística. 3. Sociolinguística variacionista. 4. Rio das Rãs – Bom Jesus da Lapa – Ba. I. Silva, Elisângela Gonçalves (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em Linguística. T. III. CDD: 469.5
-------	---

Catologação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Afro-Brazilian Portuguese: third-person plural verbal agreement in the Quilombola community Rio das Rãs-BA

Palavras-chave em inglês: Community of Quilombo Rio das Rãs. Verbal agreement. Linguistic Variation. Variationist Sociolinguistics.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB); Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo (UEFS)

Data da defesa: 29 de março de 2019

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

JUSCIMAURA LIMA CANGIRANA

**O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO: A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA
PESSOA DO PLURAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS RÃS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 29 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva
(Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Elisângela Gonçalves da Silva

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB

Ass.: Jorge Augusto Alves da Silva

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo
Instituição: UEFS

Ass.: Silvana Silva de F. Araújo

Ao meu esposo, Luiz Carlos (in memóriam), por ter sonhado comigo este sonho, desde as etapas do processo de seleção do mestrado até o início da elaboração desta dissertação. Foi companheiro leal e imprescindível em minhas escolhas. Deixou os seus sonhos em Bom Jesus da Lapa para viver os meus em Vitória da Conquista, me incentivando a não desistir diante dos obstáculos. Soube me entender diante das minhas ausências e limitações e me ajudar. Teria muito orgulho de ver essa dissertação concluída, mas, infelizmente, partiu antes de ver o meu sonho ser realizado. Por todo o seu imenso amor e dedicação, meu muito obrigada!

À minha pequena princesa, Heloisa, meu porto seguro, minha joia rara. Peço desculpas pelas inúmeras vezes que te tirei da escola para me acompanhar nas viagens de apresentação e orientação do mestrado. Sou feliz por fazer parte da minha vida. Te amo, filha!

AGRADECIMENTOS

Meu imenso agradecimento a Deus, por não me deixar desistir diante de tantas dificuldades e por me fortalecer durante os momentos tristes com muitas bênçãos.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia por ter me proporcionado à oportunidade de fazer esse Mestrado na área de Linguística.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.¹

A minha orientadora, professora Dra. Elisângela Gonçalves, exemplo de pessoa e profissional que, atenciosamente, e sempre de modo humilde, construiu cada parte desta dissertação comigo. Sem seu apoio e ensinamentos não teria conseguido chegar a conclusão desse Mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia que compuseram o corpo docente deste curso de mestrado e contribuíram significativamente para a conclusão desse mestrado, em especial a Professora Doutora Vera Pacheco.

Aos professores Doutores Jorge Augusto Alves e Valéria Viana Sousa pelos valiosos comentários e sugestões durante a qualificação desta dissertação.

À Banca Examinadora, Professora Doutora Silvana Silva de Farias Araújo e o Professor Doutor Jorge Augusto Alves, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação.

Meu especial agradecimento, Danilo Santos, professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia – Campus de Bom Jesus da Lapa, por ter sido a primeira pessoa a me motivar à pesquisa e por me apresentar de forma brilhante os estudos sociolinguísticos e o *corpus* da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs. A você minha gratidão pelas horas de estudo e trocas de conhecimento.

A meu amigo, Lécio Barbosa que esteve sempre presente do início ao fim desta jornada. Sua amizade, apoio, estudos, troca de materiais e paciência foram de suma importância para o início e término desta dissertação.

Aos colegas do curso, pelo aprendizado e amizade compartilhados em diversas situações, em especial Danilo Sobral, Dany, Emerson, Francisco, Mary, Mirian e Ray.

¹ Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

Aos meus pais Pedro e Francisca, meus irmãos Nelcy, Waldecir, Maria do Carmo, Dináurea, Vanda, Vandelice e João Batista, meus cunhados, cunhada e sobrinhos que mais do que nunca, me deram força para superar as dificuldades enfrentadas durante essa jornada.

Aos meus amigos, colegas, funcionários e alunos do Colégio Modelo Luís Eduardo e Centro Educacional Agenor Magalhães, que acompanharam as minhas angustias de deslocar de Bom Jesus da Lapa a Vitória da Conquista ao longo dos dois anos de curso.

A minha amiga Professora Indira Joazeiro por ter me estendido a mão quando eu julgava que não dava para conciliar trabalho e mestrado.

À Direção e Coordenação pedagógica do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, pelo apoio durante o período de estudos em Vitória da Conquista.

À Secretaria de Educação do Município de Bom Jesus da Lapa, pela concessão da licença remunerada.

À escola Municipal Elgino Nunes de Souza do Quilombo Rio das Rãs, em especial a Diretora Juvenice, as professoras Ilane e Rose e funcionários que nos ajudaram durante as entrevistas.

Aos informantes da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs pela disponibilidade para conceder as entrevistas para elaboração desta dissertação.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, o meu sincero agradecimento.

RESUMO

No presente trabalho, analisamos a concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos informantes da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa - Bahia. O estudo deste *corpus* é relevante para traçar um panorama sócio-histórico-cultural do português popular brasileiro, com o objetivo de analisar grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar motivando a marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural. A pesquisa, conduzida com base na metodologia proposta pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006) partiu de um *corpus* constituído de 24 (vinte quatro) entrevistas, registradas em inquéritos com duração de 50 minutos. Para sua constituição, os informantes foram selecionados, considerando perfis sociais como: (a) *Sexo* (12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino); (b) *Faixa etária* (08 jovens – 25 a 35 anos; 08 adultos – 45 a 55 anos; 08 idosos – com mais de 65 anos); (c) *Grau de escolaridade* (sem escolarização e semiescolarizado); (d) *Exposição à mídia*; e (e) *Redes de relações sociais*. Esses inquéritos, resultantes de coleta de fala espontânea, foram transcritos e posteriormente submetidos ao Programa estatístico GoldVarb X. Na presente análise, foram controlados os seguintes grupos de fatores linguísticos: *Realização e Posição do Sujeito*, *Concordância Nominal no Sujeito*, *Indicação do Plural no SN Sujeito*, *Caracterização Semântica no Sujeito*, *Tipo de Verbo*, *Tempo e Modo Verbais*, *Saliência Fônica e Forma do Último Constituinte do SN que está antes do verbo*. O *corpus* apresenta 993 ocorrências do fenômeno em estudo. Desse total, obtivemos um percentual de 14,4% de *marcação de concordância verbal de P6* contra 85,6% de não marcação. A partir disso, nossos resultados indicam que, do ponto de vista linguístico, com as variáveis *saliência fônica (formas verbais mais salientes)*, *tempo e modo verbais (Pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo)*, *realização e posição do sujeito (sujeito anteposto por uma relativa e sujeito não realizado)*, *concordância nominal no SN sujeito (SN sujeito com concordância)* e *tipo de verbo (copulativo e modal)* ocorrem mais marcas de CV de P6. Com a análise dos fatores extralinguísticos, observamos que a faixa etária I (25 a 35 anos), o sexo (*mulheres*) e as redes de relações sociais (*dispersa*) favorecem o uso da variante com marcas de CV de P6 na amostra de fala usada neste estudo. De um modo geral, os resultados apontam a baixa marcação da CV de P6 nos dados de fala da comunidade estudada.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidade Quilombola Rio das Rãs. Concordância Verbal. Variação Linguística. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT

In this research, we analyze the variation in the verbal agreement in the third person plural in the speech of the informants of the remaining community of quilombo Rio das Rãs, located in the city of Bom Jesus da Lapa - Bahia. The study of this *corpus* is relevant to draw a socio-historical-cultural panorama of the popular Brazilian Portuguese, with the objective of analyzing groups of linguistic and extralinguistic factors that may be motivating the marking of verbal agreement in the third person plural. The research, which is based on the methodology proposed by the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006) is compound of 24 (twenty four) interviews, which was recorded in surveys lasting 50 minutes. For their constitution, the informants were selected, considering social profiles such as: (a) Sex (12 males and 12 females); (b) Age range (08 young people - 25 to 35 years old; 08 adults - 45 to 55 years old; 08 elderly people - over 65 years old); (c) Degree of schooling (without schooling and semi-collegiate) (d) Media exposure and (e) Networks of social relations. These surveys, that are a result from the collection of spontaneous speech, were transcribed and later run in the GoldVarb X Statistical Program. In this analysis, the following groups of linguistic factors were controlled: Realization and Position of the Subject, Nominal Agreement on the Subject, Indication of the Plural in the Subject SN, Subject Semantic Characterization, Verb Type, Verbal Time and Mode, Phonic Salience and Form of the Last Constituent of the SN that is before the verb. The *corpus* presents 993 occurrences of the phenomenon under study. In this study, we obtained a percentage of 14.4% of verbal agreement marking of P6 versus 85.6% of non-marking of verbal agreement. Our results indicate that, from the linguistic point of view, the marks of CV of P6 occur more with the variables *Phonic salience* (most salient verbal forms), *Verbal time and mode* (the Perfect Tense and the Imperfect Tense of the Subjunctive), *Realization and position of the subject* (subject of a relative clause and unrealized subject), *Nominal agreement on the subject* (subject with agreement) and *Type of verb* (copulative and modal verbs). With the analysis of the extralinguistic factors, we observed that the *Age range* (25 to 35 years), *Sex* (women) and *Networks of social relations* (dispersed relation) favor the use of the variant CV mark of P6 in the speech sample in study. In general, the results point to the low marking of the CV of P6 in the speech data of the community studied.

KEYWORDS

Community of Quilombo Rio das Rãs. Verbal agreement. Linguistic Variation. Variationist Sociolinguistics.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Variação de CV de P6 na fala de informantes de Rio das Rãs	74
Gráfico 2 – Marcação da concordância de P6 na variável saliência fônica (peso relativo)	77
Gráfico 3 – Marcação da concordância de P6, segundo a variável tempo e modo verbais (pesos relativos).....	81
Gráfico 4 – Marcação da concordância de P6, segundo a variável realização e posição do sujeito (peso relativo)	83
Gráfico 5 – Marcação da concordância de P6, segundo a variável Concordância Nominal no SN Sujeito (pesos relativos)	84
Gráfico 6 – Marcação da concordância de P6, segundo a variável tipo de verbo (Peso Relativo)	86
Gráfico 7 – Presença da marca de plural, segundo o grupo de fatores faixa etária (pesos relativos).....	89
Gráfico 8 – Presença de marca de plural, segundo a variável Sexo (pesos relativos)	91
Gráfico 9 – Presença de marca de plural, segundo a variável Rede de relações sociais.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos informantes por sexo, faixa etária, escolaridade e rede de relações sociais.....	54
Quadro 2 – Distribuição de grupos de fatores considerados.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos resultados de marcação de concordância verbal de P6 em comunidades rurais do interior da Bahia.....	46
Tabela 2 – Aplicação da marca de concordância verbal de P6	74
Tabela 3 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Saliência Fônica	75
Tabela 4 – Frequência de variação pelo grupo “Saliência fônica” com amálgama.....	78
Tabela 5 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Tempo e modo verbais	80
Tabela 6 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Realização e posição do sujeito.....	82
Tabela 7 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Concordância nominal no SN sujeito.....	84
Tabela 8 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Tipo de verbo	85
Tabela 9 – Presença da marca de plural, segundo o grupo de fatores faixa etária	89
Tabela 10 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo sexo	91
Tabela 11 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo Redes de relações sociais	93
Tabela 12 – Presença da marca de plural, segundo o cruzamento das variáveis sexo e faixa etária.....	95
Tabela 13 – Presença da marca de plural, segundo o cruzamento das variáveis redes de relações socais e faixa etária	96
Tabela 14 – Presença da marca de plural, segundo o cruzamento das variáveis sexo e redes de relações sociais	96

LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS

CV	Concordância Verbal
GN	Gramática Normativa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
P6	Terceira Pessoa do Plural
PB	Português Brasileiro
PR	Peso Relativo
SIPRA	Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária
SN	Sintagma Nominal
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	19
2.1 Os estudos da variação e da mudança linguística	23
2.2 Os cinco problemas para a mudança linguística.....	26
2.3 O português afro-brasileiro	29
2.4 Sócio-história do português brasileiro por Mattos e Silva (1995; 2004).....	32
2.5 Comunidade de fala	34
2.6 O perfil da comunidade rural negra quilombola Rio das Rãs.....	35
3 A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL OU P6	41
3.1 Concordância verbal: abordagem normativa e descritiva.....	41
3.2 Concordância verbal: perspectiva variacionista	42
3.2.1 <i>Lemle e Naro (1977): a concordância verbal</i>	43
3.2.1.1 Naro (1981): a concordância verbal de P6	44
3.2.2 <i>Contribuições de alguns estudos sobre a concordância verbal de P6 no português afro-brasileiro</i>	45
3.2.2.1 Silva (2003): a concordância verbal no português afro-brasileiro	45
3.2.2.2 Almeida (2006): a concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos - Restinga Seca-RS.....	49
4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	53
4.1 O corpus da pesquisa	53
4.2 Seleção dos Informantes.....	53
4.3 Instrumentos de coleta	55
4.4 As entrevistas.....	55
4.5 Levantamento e transcrição dos dados.....	56
4.6 Variável dependente.....	57
4.6.1 <i>Variáveis linguísticas independentes</i>	57
4.6.1.1 Realização e posição do sujeito.....	58
4.6.1.2 A concordância nominal no sujeito	58
4.6.1.3 Indicação do Plural no SN Sujeito	59
4.6.1.4 Caracterização semântica do sujeito.....	60
4.6.1.5 Tipo de verbo	61
4.6.1.6 Tempo e modo verbais	62

4.6.1.7 Saliência Fônica	63
4.6.1.8 Forma do último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo	65
4.6.2 Variáveis extralinguísticas independentes.....	66
4.6.2.1 Sexo	66
4.6.2.2 Faixa etária.....	67
4.6.2.3 Escolaridade	69
4.6.2.4 Rede de relação social	70
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	72
5.1 Análise das variáveis linguísticas.....	73
5.1.1 Saliência fônica.....	75
5.1.2 Tempo e modo verbais.....	79
5.1.3 Realização e posição do sujeito.....	81
5.1.4 Concordância nominal no sujeito.....	83
5.1.5 Tipo de verbo	85
5.2 Análise das variáveis extralinguísticas	87
5.2.1 Faixa etária	88
5.2.2 Sexo.....	90
5.2.3 Redes de relações sociais	93
5.3 Cruzamento das variáveis extralinguísticas	94
5.3.1 Cruzamento das variáveis sexo e faixa etária	95
5.3.2 Cruzamento das variáveis redes de relações sociais e faixa etária	95
5.3.3 Cruzamento das variáveis sexo e redes de relações sociais.....	96
6 CONCLUSÕES.....	98
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICES	107
AÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	107

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa toma como objeto de análise o vernáculo, em termos labovianos, registrado no *corpus* da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Considera-se empiricamente, nesse registro do “português popular”, a marcação de concordância verbal (CV) de terceira pessoa do plural ou P6 no desempenho linguístico de falantes dessa comunidade. O estudo deste *corpus* é relevante para traçar um panorama sócio-histórico-cultural do português popular utilizado na comunidade Rio das Rãs.

Diante disso, percebemos que a concordância verbal de P6 é um dos aspectos da gramática que precisa de atenção, principalmente, nas comunidades rurais afro-brasileiras, nas quais esse fenômeno linguístico vem apresentando baixo índice de marcas de plural, provavelmente em decorrência de resquícios do contato entre línguas africanas, indígenas e portuguesa.

A escolha desta comunidade se deve ao fato de ela ter uma população formada, na sua totalidade, por descendentes de negros africanos, bem como de ter sido uma das primeiras comunidades quilombolas da Bahia a ter seu território titulado, consistindo em uma rica fonte para contribuir no estudo da constituição do português brasileiro.

Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a comunidade Rio das Rãs, um dos primeiros quilombos da Bahia, fica localizada na região do Médio São Francisco, à margem direita do Rio, numa distância de 70 km do município de Bom Jesus da Lapa. O território foi ocupado por escravos remanescentes de quilombos e índios aculturados a partir do século XVI. Nessa localidade, há aproximadamente 691 famílias espalhadas em quatro povoados (Rio das Rãs, Brasileira, Capão do Cedro e Exú), em uma área de cerca de 30.190,71 hectares. Após viver um período de violentos conflitos pela posse de suas terras (iniciado em 1974), a comunidade de Rio das Rãs foi oficialmente reconhecida como “comunidade remanescente de quilombo”, em 1993, pela Fundação Palmares.

Já foram realizadas diversas pesquisas sobre a formação histórica desse quilombo (CARVALHO, 1993; 1996; SILVA, 1998; SOUZA, 1994; 1995; DUTRA, 2007; entre outros); no entanto, ainda há carência de estudos que envolvam aspectos linguísticos nessa região. Desse modo, propõe-se com este estudo um novo olhar voltado às investigações linguísticas, especialmente, à marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs.

Para a construção dessa amostra de fala, foram utilizadas fontes secundárias, concentrando-se nos pressupostos teórico metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006; TARALLO, 2007). Ainda, tomamos como base estudos sobre o fenômeno linguístico, à marcação da concordância verbal de P6, tais como: Almeida (2006); Araújo (2014); Lemle e Naro (1977); Naro (1981); Guy (1986); Scherre (1988); Naro e Scherre, (1999); Silva (2003); Baxter, Lucchesi e Silva (2009), bem como fontes primárias, fotografias, depoimentos, mapas, conjuntos de dados, como estatísticas do censo demográfico, relatórios técnicos, entre outros.

Este trabalho traz a descrição do português falado na comunidade rural de Rio das Rãs/BA, especificamente a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base na amostra em estudo, composto por 24 entrevistas, distribuídas da seguinte forma: (a) Sexo (12 informantes do sexo masculino e 12 do sexo feminino); (b) Faixa etária (08 jovens – 25 a 35 anos; 08 adultos – 45 a 55 anos; 08 idosos – com mais de 65 anos); (c) Grau de escolaridade (informantes sem escolaridade e semiescolarizados); (d) Exposição à mídia; e (e) Rede de relações sociais. Pretendemos ainda colaborar no sentido de avançar a pesquisa linguística sobre o tema em questão, comparando este aos trabalhos dos pesquisadores Silva (2003) e Almeida (2006), cujas pesquisas apresentam a descrição do português afro-brasileiro em comunidades rurais quilombolas.

Embasada pelos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, a análise da variação no uso da concordância entre sujeito e verbo na terceira pessoa ou P6, no *corpus* em tela, é orientada a partir dos seguintes problemas /questões: (i) A variação linguística observada na frequência de aplicação da regra de concordância verbal (CV) em P6, registrada nessa comunidade, evidencia um fenômeno de variação estável ou mudança em progresso? (ii) Quais fatores linguísticos e extralinguísticos estariam motivando a aplicação da concordância verbal (CV) em P6 na fala vernácula da comunidade quilombola de Rio das Rãs?

Assim, esta pesquisa parte da hipótese de que a marcação da regra de concordância entre verbo e sujeito no português afro-brasileiro constitui regra variável, podendo evidenciar um processo de mudança em curso pela influência de fatores linguísticos e sociais, sobretudo considerando as variáveis linguísticas: *realização e posição do sujeito, concordância nominal no sujeito, indicação do plural no s/n sujeito, caracterização semântica do sujeito, tipos de verbo, tempo e modo verbais, saliência fônica, forma do último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo*, e os fatores extralinguísticos: *faixa etária, sexo, escolaridade, rede de relações sociais e exposição à mídia*, com destaque para a variável *faixa etária*, conforme discutiremos na análise dos dados.

Tem-se como objetivo geral verificar se a marcação de concordância verbal entre sujeito e verbo constitui fenômeno de variação estável ou mudança em curso no sentido da aquisição da regra pelos falantes mais jovens, e como objetivos específicos:

- (i) analisar como fatores externos e internos à variedade de fala vernácula observada na comunidade do quilombo Rio das Rãs podem explicar, no âmbito da Sociolinguística Variacionista, a variação ou a mudança linguística no português popular do Brasil, no que diz respeito à aplicação da concordância verbal de terceira pessoa do plural;
- (ii) observar o fenômeno da concordância verbal (CV) de terceira pessoa (P6) a fim de contribuir com os estudos que remontam à sócio-história do português brasileiro.

Além da Introdução, este trabalho encontra-se organizado em cinco seções. Na segunda, *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, abordamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, os estudos da variação e mudança linguística e os cinco problemas empíricos apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006). Apresentamos ainda uma breve discussão sobre *O português afro-brasileiro* falado nas comunidades afro-brasileiras no interior baiano com base nos estudos desenvolvidos por Baxter, Lucchesi e Ribeiro (2009). Na sequência, sintetizamos os estudos sobre a sócio-história do português brasileiro, guiado pela abordagem de Mattos e Silva (1995; 2004), a noção de comunidade de fala e o perfil da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs.

Na terceira seção, *A concordância verbal de terceira pessoa do plural ou P6* discutimos sobre concordância verbal sob a perspectiva da gramática normativa (CUNHA; CINTRA, 2010; TERRA, 1997); com as considerações críticas de alguns linguistas como Castilho (2010) e Travaglia (2006); a descritiva (PERINI, 1996; POSSENTI, 1996) e posteriormente, os trabalhos desenvolvidos na perspectiva variacionista (LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981), e os estudos de Silva (2003) e Almeida (2006) em comunidades afro-brasileiras.

Na quarta seção, *Pressupostos Metodológicos*, explicitamos a metodologia da pesquisa, baseados na Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista por Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006); Labov, (1972-2008).

Na quinta seção, *Análise e discussão dos resultados*, encontram-se a análise e discussão dos dados sobre a concordância verbal da terceira pessoa do plural, com destaque para as variáveis de maior significância apresentadas pelo programa *Godvarb X*, sendo elas: as variáveis linguísticas *Saliência fônica*, *Concordância nominal no sujeito*, *Realização e posição*

do sujeito, Tempo e modo verbais, Tipo de verbo e as variáveis extralinguísticas *Sexo, Faixa etária e Redes de relações sociais*.

Finalmente, na última seção, *Conclusões*, apresentamos as considerações que a interpretação dos resultados indicaram e tecemos algumas reflexões acerca da relação entre o problema estudado e as hipóteses levantadas que orientaram a pesquisa. Ainda apontamos as contribuições que o estudo deixa para pesquisas futuras.

Esperamos que o estudo da variedade de língua utilizada nesse *corpus* possa fornecer novas evidências sobre os caminhos da variação e mudança linguística, ancorados na Sociolinguística Variacionista, contribuindo para a descrição e análise do português brasileiro (PB), língua marcada por sua sócio-histórica, ou seja, por forças internas e externas geradas pelos contatos linguísticos e reconfigurações dos espaços urbano-rural.

2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que orientam este trabalho, a saber, o modelo da Teoria da Variação e Mudança Linguística, ou Sociolinguística Variacionista, proposto por Labov (1972-2008) e Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006). Com esse propósito, serão apresentados termos fundamentais da teoria, como variável, variante, mudança em tempo aparente, mudança em tempo real, estudo de tendência e estudo de painel. Em seguida, abordamos as primeiras pesquisas com abordagem de natureza sociolinguística realizadas por Labov (1972-2008), os cinco problemas da variação e mudança linguística: os *condicionadores*, *transição*, *encaixamento*, *implementação* e *avaliação*, o português afro-brasileiro falado nas comunidades afro-brasileiras, com base nos estudos desenvolvidos por Baxter, Lucchesi e Ribeiro (2009), os estudos sobre a sócio-histórica do português brasileiro por Mattos e Silva (1995; 2004), noção de comunidade de fala (LABOV, 1972-2008), e, por fim, o perfil da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística surgiu na década de 60 do século XX nos Estados Unidos da América, tendo como representante o linguista norte-americano William Labov. Nesta teoria linguística, Labov incluiu o *contexto social* para compreender a variação existente no sistema linguístico, que era ignorada em correntes linguísticas anteriores. Essa teoria tem seus pressupostos, principalmente, no texto fundador *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006).

A variação e a mudança passam a ser consideradas como inerentes às línguas e podem ser analisadas considerando-se grupos de fatores tanto de cunho social (faixa etária, ocupação profissional, escolaridade, sexo, rede de relações sociais, mídias, entre outros) como também de cunho linguístico (nos diferentes níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico/pragmático) que as possam estar condicionando, logo não podendo ser vistas como um efeito do acaso.

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 20), “[...] existem forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala”. Em uma pesquisa sociolinguística, segundo esses autores, há elementos (condicionadores) que apresentam uma tendência à mudança linguística, que podem ser tanto *linguísticos* quanto *extralinguísticos*. Esses grupos de fatores são relevantes para identificar o processo de mudança linguística em uma comunidade de fala, conforme as palavras dos autores abaixo:

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua rival (COELHO *et al*, 2015, p. 20).

A preocupação de Labov (1972-2008, p. 139) era relacionar “[...] o estudo da língua e o estudo da sociedade [...]”, uma vez que o processo de variação e mudança em uma comunidade de fala está diretamente ligada à realidade social dos falantes. Segundo este pesquisador,

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, (1972-2008, p. 21).

Assim, ao pesquisar um determinado fenômeno linguístico, os variacionistas focalizam a heterogeneidade linguística, visto que nenhuma língua é homogênea e é, através da heterogeneidade, que se pode compreender a mudança que ocorre na mesma². Para Weinreich, Labov, Herzog (1968-2006) [...], a língua é heterogênea e essa heterogeneidade deve ser buscada na comunidade de fala. Desse modo, a língua, um sistema heterogêneo, seria analisada na fala da comunidade e não do indivíduo.

Uma Comunidade de fala³ pode ser compreendida como um “grupo de falantes que compartilham os mesmos valores, normas, atitudes em relação ao uso de formas linguísticas” – nos aspectos fonéticos, morfológicos e/ou sintáticos de uma língua (LABOV, 1972-2008, p. 188). Logo, a postura adotada por um sociolinguísta é a de trabalhar com dados reais, produzidos por falantes reais, em uma comunidade real.

Cabe ao sociolinguista investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático (MOLLICA, 2008).

Em termos labovianos, a *variação* linguística pode ser vista como o uso alternativo de uma ou outra forma para referir um mesmo conteúdo informativo. O conjunto desses usos constitui, por sua vez, a *variável linguística* (TARALLO, 2007). Esta corresponde a um aspecto

² Ressalte-se que toda língua apresenta variação e mudança, embora nem toda variação estrutural motive mudança linguística (LABOV, 1972-2008; TARALLO, 2007).

³ Na realidade a variação pode ser estudada considerando-se uma comunidade de fala ou um informante, já que este, por sua vez, não fala da mesma forma em todas as situações ou dentro de um mesmo grupo social.

ou categoria da língua que se encontra em variação, constituindo-se de duas ou mais *variantes linguísticas*. Nesses termos, as diferentes formas usadas para expressar o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto é chamada *variante linguística*. O termo *variante* é utilizado para designar o item que é alvo no processo de variação/mudança. Para Pereira (2016, p. 31), “[...] as formas variantes apresentam o mesmo valor de verdade [...] e é necessário, contudo, identificar que elas apresentam valores sociais e estilísticos diferentes”. Segundo Tarallo (2007, p. 11-12), “[...] as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas”. No decorrer desta dissertação faremos uso dos termos *variante padrão e não padrão* por acreditarmos que elas caracterizam com mais exatidão o fenômeno linguístico em estudo.

Aplicando essas noções ao objeto de nossa análise, a concordância verbal de terceira pessoa do plural ou P6 no português brasileiro (PB), constatamos que estudos de cunho variacionista sobre este têm mostrado que esse fenômeno constitui uma variável linguística que abrange duas variantes: presença da marca de plural ou variante padrão ou marca zero ou variante não padrão, conforme mostram os exemplos apresentados em (1a) e (1b) respectivamente:

- (1) a. Eles *moram* em São Paulo.
b. Eles *mora* aqui.

Reconhecemos no exemplo (1.a) a presença de uma variante com marcação de plural no verbo *morar* em consonância à marcação de plural presente no sujeito “eles”, e no exemplo (1.b) a ausência de marcação de plural no verbo, embora esta esteja presente no sujeito. A aplicação ou não da regra pode ser motivada por fatores de caráter social e/ou linguístico⁴. Neste contexto, parte-se do pressuposto de que a concordância verbal no português brasileiro é uma regra variável, na qual há variantes em competição, procurando-se não somente verificar essa variação como também analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que estão condicionando cada uma das formas em variação nos dados em estudo. Ressaltamos que, nesta dissertação, nos dados como um todo, é baixa a aplicação de CV de P6 na fala vernácula da comunidade em estudo, conforme demonstram os resultados dos dados, apresentados na seção 5.

⁴ Conforme discutiremos ao longo desta dissertação.

Durante os trabalhos realizados sobre variação e mudança linguística, Labov (1994, p. 83) destacou dois parâmetros: *observação em tempo aparente* e *observação em tempo real*. Entendemos por mudança em *tempo aparente* aquela que analisa a marcação da regra por falantes de diferentes faixas etárias em uma dada comunidade, a partir de um certo período de tempo. Nesse sentido, o estudo em tempo aparente é de natureza sincrônica e os falantes são classificados em grupos etários que vão dos mais jovens aos mais velhos. Em nosso trabalho, utilizamos a mudança em *tempo aparente* para analisar se o fenômeno em estudo se encontra em mudança em *progresso* ou se caracteriza variação *estável*. Como nossa hipótese é de que os mais jovens (25 a 35 anos), neste trabalho, tendem à aquisição da variante padrão, uso que vai decrescendo em relação à idade dos outros falantes (intermediários – 45 a 55 anos e mais velhos a partir dos 65 anos), podemos dizer que estamos diante de uma *mudança em curso*. Se, ao contrário, não identificarmos relação entre a variável e a *faixa etária* dos falantes, verificaremos que se trata de variação *estável*, isto é, quando a fala dos informantes de uma certa faixa etária conserva a mesma variante durante a passagem dos anos. Essa reflexão poderá ser verificada na seção 5, em que apresentamos a análise dos resultados dos dados da variável extralinguística *faixa etária*.

O estudo em *tempo real*, por sua vez, analisa determinado fenômeno linguístico considerando-se diferentes períodos de tempo, com o objetivo de conceber a estabilidade, e/ou mudança. Nesta dissertação, não realizamos um estudo em tempo real, uma pesquisa diacrônica, pois, conforme afirmamos, observamos o comportamento linguístico de três gerações em um mesmo espaço de tempo (sincronia).

Na mudança em tempo *real*, há dois tipos de metodologia: *estudo de tendência* e *estudo de painel*. No primeiro, o pesquisador retorna à comunidade analisada depois de um certo tempo e repete a mesma análise, buscando identificar possíveis padrões de mudança. Labov (1994, p. 76) chama a atenção que “[...] para tal estudo produzir um retrato significativo do desenvolvimento linguístico, é essencial que a comunidade tenha permanecido num estado mais ou menos estável no período”. Já no *estudo de painel*, o pesquisador busca encontrar os mesmos informantes que participaram da primeira pesquisa, e controla todas as mudanças no seu comportamento por meio da coleta de mesmo tipo de material.

Na subseção a seguir, apresentaremos as pesquisas sobre variação e mudança linguística desenvolvidas por Labov, com o intuito de subsidiar a análise do fenômeno em estudo neste trabalho.

2.1 Os estudos da variação e da mudança linguística

Para compreendermos a variação e a mudança linguística em situações vividas pelos indivíduos dentro de uma comunidade de fala, percorreremos os primeiros estudos sociolinguísticos realizados por Labov na década de 1960. A pesquisa desenvolvida por esse linguista, no âmbito da fonética, que ganhou destaque foi o estudo da centralização dos ditongos (ay) e (aw) na fala dos moradores da Ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts, nos Estados Unidos, em 1962.

O autor utilizou grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos para compreender o processo de variação e mudança. Sua principal motivação para realizar essa pesquisa foi a constatação de que aqueles ditongos poderiam ser pronunciados de diferentes maneiras. Entre estes grupos de fatores destacam *faixa etária* e *sexo*. Labov investigou grupos ocupacionais, como: pescadores e agricultores, além de grupos geográficos e étnicos da Ilha: ingleses, portugueses e indígenas. As entrevistas foram realizadas com 69 nativos de Martha's Vineyard, representantes das diferentes regiões. Entre eles, 40 eram *up-islanders* (provenientes da Ilha Alta) e 29 eram *down-islanders* (provenientes da Ilha Baixa). Foram os seguintes grupos de fatores linguísticos considerados: (i) ambiente fonético; (ii) fatores prosódicos; (iii) influência estilística; e (iv) considerações lexicais.

Labov (1972-2008, p. 45) “[...] acreditava que poderia encontrar uma explicação específica se estudasse a configuração detalhada desta mudança sonora em função das forças sociais que afetavam mais profundamente a vida da ilha.” Seu estudo indicou que uma mudança estava evoluindo em Martha's Vineyard, e que essa mudança estava se desenvolvendo durante muito tempo. O autor observou que as variáveis linguísticas (i) ambiente fonético; (ii) fatores prosódicos (a tonicidade das formas linguísticas em que apareciam os ditongos); (iii) influência estilística; e (iv) considerações lexicais estão correlacionadas com fatores extralinguísticos como a classe social, a faixa etária e o sexo, reconhecendo que estaria em curso uma mudança linguística, ou seja, a centralização do “a” nos ditongos [ay] e [aw], no sentido de seu aumento de uso, articulados com centralização na fala local. O fator extralinguístico *faixa etária* foi importante para ocorrência dessa centralização, especificamente a *faixa etária* de 31 a 45, sendo representada pelos homens, os pescadores.

Numa análise qualitativa, o autor concluiu, que os nativos usavam essa pronúncia para se diferenciarem do falar dos turistas e intensificar sua identidade de nativos Vineyardenses, revelando, assim, um sentimento positivo em relação à Ilha. Em contrapartida, os que não a

empregam em sua fala demonstravam um sentimento negativo em relação à sua identidade Vineyardense.

A maioria desses informantes esteve nas forças armadas durante a Segunda Guerra Mundial ou no conflito da Coreia e alguns frequentaram a faculdade. Sendo assim, o pesquisador encontrou na fala dos informantes altos índices de centralização dos ditongos, especificamente entre os habitantes de um lugarejo chamado Chilmark, onde a maior parte da economia está voltada para a pesca. Os resultados de Labov indicaram que:

[...] a centralização dos ditongos [ay] e [aw] estava atrelada à estratificação social dos informantes, muito mais do que aos fatores de natureza interna. Em outras palavras, podemos dizer que as explicações encontradas não estavam na estrutura da língua – não havia quase nada no contexto linguístico que condicionava um falante a pronunciar de uma maneira ou de outra os ditongos pesquisados, mas sim fora da língua, no contexto social dos informantes da pesquisa (COELHO *et al.*, 2015, p. 51).

Seus resultados mostraram que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ estava correlacionada ao contexto social dos informantes, muito mais do que aos fatores linguísticos. Assim chegou à conclusão de que a mudança não estava na estrutura da língua. As explicações estavam fora do contexto linguístico, estavam no contexto social dos informantes. O autor conclui, de maneira geral, que os nativos usavam essa pronúncia para se diferenciarem do falar dos turistas e intensificar sua identidade de Vineyardenses nativos, revelando, assim, um sentimento positivo em relação à Ilha. Em contrapartida, os que não usavam demonstravam um sentimento negativo em relação à identidade Vineyardense. Neste sentido, o estudo realizado por Labov é de suma importância para a análise dos grupos de fatores extralinguísticos em nossa dissertação, principalmente, a *faixa etária* e as *redes de relações sociais* que se mostram significativas para a realização da marca de concordância.

Outro estudo realizado por Labov foi sobre a estratificação do /r/ na fala de *novaiorquinos*, no Lower East Side, um bairro predominantemente de imigrantes e operários. O autor apresenta uma análise sobre as variações fonológicas surgidas a partir da consoante /r/ em posição pós-vocálica, observando as condições sociais dos falantes desta comunidade de fala por meio de entrevista exploratória⁵.

Para compreender essa variação linguística, os falantes foram agrupados, principalmente, por nível socioeconômico, escolaridade, idade, sexo, raça e profissão. O

⁵ São aquelas que ajudam a constituir a problemática de investigação e tem como função revelar determinados aspectos do fenómeno estudado (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2003).

indicador socioeconômico baseou-se em três indicadores de *status* produtivo de peso igual: profissão (do chefe da família), educação (do informante) e renda (da família) e dividiu-se em grupos e classes: Grupo 0 -1, classe baixa; 2- 4, classe operária; 5 - 8, classe média baixa; 9 classe média alta. As variáveis linguísticas foram correlacionadas com os indicadores individuais de *status* social, profissão, educação e renda.

Os falantes foram observados em três lojas de departamento da cidade de *Nova York*: *a Saks Fifth Avenue* (*status* superior), *a Macy's* (*status* médio) e *S. Klein* (*status* baixo). Partiu-se da hipótese de que há certo significado social na produção deste som e que há uma distinção no ambiente social em que ocorre o apagamento ou o não apagamento do /r/ pós-vocálico.

Durante a pesquisa, foram feitas perguntas aos empregados das lojas para identificar o /r/ em sua fala. Após ouvir a realização do /r/ do informante, Labov anotava os dados produzidos pelo funcionário (dois ambientes linguísticos em final de sílaba – meio e final de palavra, em dois estilos, informal e cuidado, na repetição) e atribuía um perfil social a partir da sua impressão. A partir desses dados, o autor pôde determinar um perfil social e estilístico para a realização do /r/, concluindo que a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que se muda a posição social deles.

Os dados revelaram que o grupo social mais alto realizava o /r/ na maior parte das ocorrências, enquanto o grupo mais baixo apresentava um comportamento contrário a este. Os nova-iorquinos exibiam um notável espectro de variação estilística, bem como de variação social. Quase 80% dos informantes mostraram padrões de variação estilística coerentes com o *status* de (r-1) como marcador de prestígio, e oclusivas e africadas para (th) como formas estigmatizadas.

No que diz respeito às lojas de departamentos consideradas, constatou-se que os funcionários da *Saks* apresentaram o mais alto grau de realização do /r/, enquanto os empregados da *S. Klein* mostraram o mais baixo (o /r/ era substituído por [r-Ø] ou era vocalizado). Os funcionários da *Macy's* ficaram no meio, pois o padrão se deu tanto na pronúncia casual quanto na cuidada. O uso do /r/ era a variante nova e de prestígio do nova-iorquino; a variante conservadora e estigmatizada era a ausência de /r/. Em nosso estudo, utilizamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística para analisarmos a influência dos grupos de fatores extralinguísticos, *faixa etária*, *sexo* e *rede de relações sociais* na aplicação da concordância verbal de P6.

Esses estudos representam um avanço na área da linguística, uma vez que contribuíram para os estudos que consideram a variação e a mudança em uma dada comunidade de fala (LABOV 1972-2008), realizando pesquisas nas quais fossem correlacionadas o contexto social

às estruturas linguísticas. Os estudos de Labov resenhados neste trabalho possibilitam uma visão geral do cenário da variação e mudança linguística, principalmente, mostram a relevância que os fatores extralinguísticos podem exercer sobre o uso da língua.

Na subseção seguinte, apresentaremos os cinco problemas empíricos indicados por Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006), com o objetivo de analisar a marcação de concordância verbal de P6 na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs.

2.2 Os cinco problemas para a mudança linguística

Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006) e Labov (1972-2008) postulam cinco problemas empíricos para uma Teoria da Variação e Mudança Linguística, para que o pesquisador, ao investigá-los, possa compreender melhor a variação e a mudança linguística. Esta subseção trata dos cinco problemas propostos pelos autores, a saber: (i) *condicionamento*, (ii) *transição*, (iii) *encaixamento*, (iv) *avaliação* e (v) *implementação*. No entanto, consideramos que os *problemas de condicionamento, de transição, e de implementação* são os mais relevantes para o estudo empírico da variação e mudança relacionados ao fenômeno linguístico em questão nesta pesquisa.

No que se refere ao problema das restrições ou fatores condicionantes, segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968/2006), um pesquisador que se baseie em uma teoria da mudança deve analisar os fatores motivadores da variação e mudança linguísticas, isto é, os grupos de fatores externos e internos. Este problema possibilita investigar os aspectos gerais e regularidades da mudança linguística, bem como compreender as restrições de determinado fenômeno linguístico, ou seja, compreender algumas mudanças que não ocorrerão na língua.

O estudo desses condicionadores é importante no sentido de confirmar que a variação é inerente ao sistema linguístico, uma vez que este é heterogêneo (LABOV, 1972-2008). Lembremos de que a variação é uma propriedade regular do sistema, sendo motivada por condicionadores internos e externos, e de que o falante tem competência linguística para lidar com regras variáveis (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006).

Para exemplificar como esse problema empírico se aplica a nosso objeto de estudo, apresentamos dois grupos de fatores condicionadores considerados como relevantes pelo *Programa Goldvarb X* sobre a marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de moradores da comunidade. Nesta dissertação, procurando analisar os contextos favorecedores para cada uma das variantes: a presença de marca de concordância e a ausência

de marca de concordância, foram controlados oito grupos de fatores linguísticos e quatro grupos de fatores extralinguísticos, conforme a descrição na seção 5.

Dentre os fatores linguísticos e extralinguísticos considerados, a variável linguística *saliência fônica* e a variável extralinguística *redes de relações sociais*, um grupo linguístico e outro extralinguístico, poderão ser elencados como possíveis condicionadores respectivamente da marcação da concordância verbal de P6 na fala dos moradores da comunidade em estudo. Numa teoria da mudança, é relevante observar os condicionadores que facilitam ou limitam a mudança, conforme os resultados apresentados na seção 5 deste estudo.

O problema da *transição* baseia-se em observar como uma mudança se desenvolve de uma etapa da língua a outra. Conforme Labov (1972-2008, p. 193), “o problema da transição é encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evolui a partir de um estágio anterior”. Este problema, refere-se também ao percurso feito por dada variante, considerando-se o tempo aparente ou o tempo real. Assim, uma mudança pode ser identificada através da comparação entre duas gerações, quando a fala de uma pessoa mais velha e a fala de uma pessoa mais jovem são diferentes.

Podemos exemplificar este problema na presente pesquisa, através da variável *faixa etária* aqui representada por três faixas: *jovens*, *adultos* e *velhos*. Pressupomos que os falantes mais velhos sejam, na maioria, conservadores em relação à não aplicação de CV de P6, ao passo que os jovens, inovadores à marcação de CV de P6 na comunidade em questão, o que nos leva a supor uma mudança em curso, por parte dos jovens em relação à aquisição de marcas de CV de P6. Um dos objetivos deste problema é mostrar como a mudança linguística pode passar de um estágio a outro (de uma sincronia a outra) sem intervir na comunicação entre os falantes de uma comunidade de fala.

Labov (1972-2008, p. 193), afirma que no problema de *encaixamento*, o pesquisador deve “[...] encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo”. Busca-se, assim, apontar como a variação ou mudança está encaixada na estrutura linguística ou social da língua. Para Araújo (2014, p. 63), o encaixamento “[...] centra a questão de como uma determinada mudança está encaixada na estrutura interna da língua e no sistema de relações sociais”. Nesse caso, o encaixamento pode ser examinado quando as pesquisas confirmam uma analogia entre o fenômeno de mudança e a estrutura social (faixa etária, escolaridade, sexo, redes de relações sociais, mídia, entre outros). Isso significa que os condicionadores externos e internos podem contribuir para compreender como uma mudança se encaixa em uma dada língua.

Podemos notar a presença deste problema neste estudo por meio da influência que os condicionadores extralinguísticos - as características sociais dos falantes desta comunidade - podem ter sobre a língua. Desse modo, somente o encaixamento sociolinguístico pode explicar o fato de que a variante não padrão, neste caso, a não marcação da CV de P6, seja mais usada na comunidade Rio das Rãs, conforme os resultados que serão apresentados na seção 5 deste estudo, em relação ao uso da variante padrão. Para Labov (1972-2008, p. 326), “o problema do encaixamento tem dois aspectos: a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças (ou constantes) linguísticas, e também como encaixada num complexo social, correlacionada como mudanças sociais.”

O quarto problema citado por Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006, p. 124) é a *avaliação*. Por meio dele, busca-se avaliar a forma como os membros de uma dada comunidade avaliam a mudança, bem como o papel do falante no processo de mudança. Para Labov (1972-2008, p. 193), “o problema da avaliação é encontrar os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestos) que foram observadas”. Neste estudo, ainda não podemos atestar que este problema, atue no fenômeno em análise, ou seja que a marcação ou não marcação da CV de P6 seja avaliado pelos falantes, por meio de reações negativas ou positivas destes falantes.

O problema da *implementação*, por sua vez, pretende investigar como se dá a implementação da mudança e por que ela ocorre em determinados contextos linguísticos e não em outros, ou em determinados lugares e não em outros. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006, p. 124), “o processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua”.

A partir do momento que apontamos os grupos de fatores que podem atuar sobre a mudança linguística em uma comunidade de fala, podemos levantar as causas que condicionam e a forma como ela vai se implementando nos diferentes contextos estruturais e sociais. Segundo Araújo (2014, p. 66) “tratar da implementação de uma mudança significa focalizar os problemas anteriormente comentados, isto é, a transição, encaixamento e avaliação”.

Sendo assim, neste trabalho, podemos explicar a implementação (conforme a análise dos dados na seção 5), ao observarmos a variável *faixa etária*, na qual os mais jovens (25 a 35 anos) podem favorecer à aplicação de concordância verbal de P6, seguidos dos falantes de idade intermediária (45 a 55 anos); ao contrário dos informantes mais velhos (a partir de 65 anos). Ao controlarmos os fatores que podem atuar sobre a mudança, podemos compreender a forma como a mudança vai se implementando nos diferentes contextos estruturais e nos diferentes contextos sociais em um dado fenômeno linguístico.

Nesta subseção, apresentamos alguns pontos relevantes de WLH (1968-2006) sobre a Teoria da Variação e Mudança para auxiliar nossa pesquisa e orientar a análise do objeto em estudo.

Na próxima, discutiremos o português afro-brasileiro com base nos estudos feitos por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) em quatro comunidades rurais afro-brasileiras no interior da Bahia. Em seguida, abordaremos a sócio-história do português brasileiro, conforme Mattos e Silva (1995; 2004), assim como o conceito do termo comunidade de fala e ainda o perfil sócio-histórico da comunidade Rio das Rãs.

2.3 O português afro-brasileiro

Nesta seção, abordamos a constituição do “português afro-brasileiro” com base nas pesquisas desenvolvidas por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) em quatro comunidades rurais afro-brasileiras no interior da Bahia: as comunidades geminadas de *Barra* e *Bananal*, no município de Rio de Contas; *Helvécia*, no município de Nova Viçosa; *Cinzento*, no município de Planalto; e *Sapé*, no município de Planalto. Sendo assim, para descrever a formação sócio-histórica do português falado nessas comunidades rurais afro-brasileiras, os autores analisaram as amostras de fala vernácula constituída de 48 (quarenta e oito) entrevistas de tipo sociolinguístico, sendo doze de cada comunidade, e estruturada segundo as variáveis: **faixa etária I** (20 a 40 anos); **faixa II** (41 a 60 anos); e **faixa III**, (acima de 60 anos); **sexo** (masculino e feminino); **estada fora da comunidade** (ausência ou não da comunidade por pelo menos seis meses) e **nível de escolaridade** (analfabeto ou semianalfabeto). O processamento quantitativo dos dados foi feito através do programa estatístico *Goldvarb X* (PINTZUK, 1988; SCHERRE; NARO, 2003; TAGLIAMONTE, 2006).

Nas comunidades afro-brasileiras, a formação do português se deu a partir do momento em que os negros chegaram aos quilombos e encontraram os índios, que, assim como eles, fugiam dos maus tratos dos fazendeiros (portugueses) devido a esse contato, houve uma forma “precária” (nos termos de Lucchesi, 2009) de falar o português, trazendo, assim, mudança à estrutura linguística do português brasileiro. O contato desses povos deixou marcas típicas de línguas modificadas por um processo de *transmissão linguística irregular*⁶ em seu processo de formação (LUCCHESI, 2009). Sendo assim:

⁶ Refere-se fundamentalmente ao processo de socialização e nativização de um modelo defectivo de segunda língua adquirida por uma população de indivíduos adultos, de forma precária, em situações de contato linguístico abrupto, massivo e radical (LUCCHESI, 2009, p. 35).

[...] as comunidades rurais afro-brasileiras isoladas constituem um espaço único para a pesquisa em linguística sócio-histórica que visa a rastrear os reflexos do contato entre línguas na estrutura gramatical das variedades atuais do português brasileiro, pois os efeitos dos processos de *transmissão linguística irregular* sobre a estrutura gramatical da língua no Brasil seriam mais notáveis exatamente nessas comunidades, em função da combinação das condições históricas em que elas se formaram com o isolamento em que se conservaram até recentemente (LUCCHESI, 2009, p. 33).

O português afro-brasileiro é aquele que faz referência às variedades do português popular falado no Brasil em comunidades rurais remanescentes de quilombo que conservam resquícios linguísticos como resultado de um processo de contato entre línguas (português, africana e indígena). Assim, o português afro-brasileiro é visto como:

[...] uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do país [...] Muitas dessas comunidades têm a sua origem em antigos quilombos de escravos foragidos e ainda se conservam em um grau relativamente alto de isolamento. Dessa forma, o português afro-brasileiro guardaria uma especificidade no universo mais amplo do português popular rural brasileiro (ou, mais precisamente, norma popular rural do português brasileiro) [...] (LUCCHESI, 2009, p. 32).

Assim, este português designa uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguísticos de comunidades afro-brasileiras, apresentando diversas características morfosintáticas do português popular falado nas comunidades remanescentes de quilombo (LUCCHESI, 2009).

O contexto social das comunidades remanescentes contribuiu para um processo de variação no português brasileiro, que, por sua vez, é influenciado por grupo de fatores extralinguísticos sobre o linguístico, fazendo com que se descortine na constituição do português brasileiro não apenas o seu caráter heterogêneo e variável, mas também polarizado. Tal confirmação apresenta-se como uma importante evidência empírica a favor do contato de línguas indígenas e africanas na formação do português afro-brasileiro.

A influência de línguas distintas nas comunidades afro-brasileiras condicionou a formação do português afro-brasileiro, que pode ser visto como:

[...] uma realidade heterogênea que faz parte de um continuum, em que, em um extremo, se encontram as variedades faladas por comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e mais afetadas pelo contato entre línguas (aqui está o português afro-brasileiro) e, ao longo dele, encontram-se comunidades rurais, mais nitidamente mistas, com um grande contingente de mestiços e brancos,

até alcançar as comunidades com um percentual reduzido de afrodescendentes ou mesmo de índio-descendentes (LUCCHESI, 2009, p. 81).

O que se chama de português afro-brasileiro, seguindo de perto a proposta de Lucchesi (2009b), diferencia-se do português rural na medida em que aquele é falado por comunidades cuja constituição histórica e formação étnica é marcada pela presença forte de descendentes dos antigos escravos do empreendimento colonial brasileiro. O português rural é aquele que se constitui como uma variedade do português brasileiro, mas não foi marcado por uma forte presença de escravos. Essa diferença mostra que o português afro-brasileiro e o português rural são relevantes para compreender a formação do português brasileiro e esta diferença também pode ser relacionada à sócio-história de cada comunidade.

No que tange ao português afro-brasileiro, observamos que significativas mudanças linguísticas ocorreram ao longo do século XX e início do século XXI em relação à influência do contexto social sobre o linguístico nas comunidades rurais remanescentes de quilombo. As mudanças linguísticas que vêm ocorrendo no português afro-brasileiro estão correlacionadas à *faixa etária* dos moradores, especialmente, às gerações mais jovens, pois estes saem das comunidades à procura de emprego em outras cidades, participam de associações e estão em sintonia com as *redes sociais*, entre outros fatores, entrando em contato com os padrões linguísticos de outras comunidades, buscando neles uma referência para seu modo de falar. Desse modo, o português afro-brasileiro, atualmente, representa o resultado dos contatos linguísticos desses grupos de fala com o português da sociedade e cultura dominante em que estão inseridos. Para Lucchesi (2009, p. 73), as comunidades remanescentes de quilombos são “verdadeiros sítios arqueológicos da história sociolinguística do país”. Seguindo o pensamento de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), a fala dos informantes das quatro comunidades analisadas representa o português afro-brasileiro.

As comunidades afro-brasileiras eram isoladas até o século XX, e devido a esse isolamento geográfico, seus moradores preservaram em sua fala marcas linguísticas dos seus antepassados, os moradores mais velhos, sobretudo, que nasceram, cresceram e residem nos quilombos são falantes que usam marcas linguísticas do português afro-brasileiro, enquanto os mais jovens estão trazendo traços linguísticos inovadores (variante padrão) para sua fala. Os grupos de fatores extralinguísticos *faixa etária* e *rede de relações sociais* contribuem para as mudanças linguísticas do português brasileiro.

Concluimos nesta subseção que o português afro-brasileiro está presente nas comunidades remanescentes de quilombos, principalmente as mais isoladas e formadas por

afrodescendentes. Na próxima subseção, apresentaremos a sócio-história do português brasileiro segundo Mattos e Silva (1995; 2004).

2.4 Sócio-história do português brasileiro por Mattos e Silva (1995; 2004)

Nesta subseção, apresentamos a sócio-história do português brasileiro, com base nos estudos desenvolvidos por Rosa Virgínia Mattos e Silva (1995; 2004). Em seu trabalho, a autora traz uma discussão sobre a sócio-história do português brasileiro, oferecendo aos pesquisadores desta área suportes teóricos para compreender a sua formação. Além disso, Mattos e Silva (1995; 2004) apresenta uma breve reflexão de algumas pesquisas para o estudo sócio-histórico e linguístico do português brasileiro.

Observamos nos estudos dessa natureza, o interesse pela linguística histórica, ou seja, por analisar não apenas a história interna das línguas, mas também a sua história externa. Isso evidencia que, além das mudanças linguísticas que ocorrem no interior das estruturas ao longo do tempo, deve-se levar em consideração o contexto social histórico que pode condicionar a mudança (MATTOS; SILVA, 1995; 2004).

Outro ponto destacado pela pesquisadora sobre a realidade linguística brasileira sincrônica foram alguns estudos desenvolvidos durante a segunda metade do século XX por dialetólogos, a partir de Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto, seguidos por Nelson Rossi e outros. Além dos estudos realizados por dialetólogos sobre as variedades espaciais do português brasileiro através do projeto NURC na década de 1970, destacam-se, posteriormente, os estudos sociolinguísticos pioneiros no Rio de Janeiro, liderados por Antony Naro sobre a heterogeneidade das variantes sociais. Nesta perspectiva, a autora, destaca a teoria laboviana como relevante para os estudos sociolinguísticos no Brasil, principalmente os estudos desenvolvidos por Fernando Tarallo que abriu espaço para a compreensão do português brasileiro na perspectiva da sintaxe diacrônica (MATTOS; SILVA, 1995; 2004).

Nessa abordagem, Mattos e Silva adverte para a necessidade de pesquisar as relações entre o português e as demais línguas presentes no Brasil (indígenas, africanas e europeias), desde o período de colonização. Nesse contexto, observa-se uma situação linguística bastante complexa e heterogênea, apesar dos cuidados de filólogos e gramáticos que veem o português brasileiro falado como uma língua marcada pela homogeneidade. Assim, podemos observar que a autora procura destacar as trajetórias do português brasileiro fazendo referência às contribuições indígenas, africanas e imigrantes para a formação do português popular brasileiro.

Neste sentido, Mattos e Silva (1995; 2004) chama atenção para três fatos que fizeram voltar o interesse pelo estudo da história externa: a criação do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR) (1991), do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, com origens numa tradição filológica, iniciada por Nelson Rossi, que remonta aos anos 1970; o seminário sobre diversidade e ensino do português no Brasil (Salvador, 1993, ANPOLL); e o Projeto de História do Português de São Paulo, sob a coordenação de Castilho, que criou uma nova linha de pesquisa na USP sobre a temática da lusitanização de São Paulo.

Podemos observar as contribuições que a autora traz de Serafim da Silva Neto e Antônio Houaiss aos estudos da história externa do português brasileiro. Segundo ela, foi Serafim da Silva Neto que buscou as fontes históricas do passado para reconstruir o trajeto histórico da “língua portuguesa no Brasil”. Para a autora, em termos gerais, as questões preparadas por Antônio Houaiss sugerem alguns percursos para se compreender a questão da história do português brasileiro, tanto em sua história externa, como na história interna (MATTOS; SILVA, 2004). Esses estudos foram relevantes para compreender como se deu a formação do português brasileiro, bem como a realidade heterogênea dessa língua, sobretudo no seu contexto social.

Nesses termos, Mattos e Silva (1995; 2004) aborda alguns fatores relevantes para compreender a formação do português brasileiro, como a demografia histórica do Brasil colônia, a mobilidade populacional dos africanos e afro-descendentes no território brasileiro, a escolarização ou sua ausência durante o período colonial. Nesse sentido, a sócio-história do português brasileiro apresentada pela pesquisadora mostra a origem do português brasileiro, especialmente, a heterogeneidade das variantes regionais e sociais, bem como o contato linguístico entre brancos, índios e negros que constitui o português que hoje falamos.

Assim, essa heterogeneidade existente no português brasileiro está relacionada aos fatores que condicionam a mudança de caráter sócio-histórica, ou seja, o contato entre falantes de múltiplas línguas distintas; fatos da demografia histórica; mobilidade populacional dos escravos; escolarização no Brasil, no período colonial e pós-colonial.

O objetivo de Mattos e Silva (2004), nesse estudo, foi mostrar as características do português brasileiro em sua “heterogeneidade complexa dos usos populares e cultos”, por meio de uma “perspectiva histórica”, considerando os “fatores sócio-históricos”, dentre os quais, podemos destacar: “a demografia histórica do Brasil” e o “precário processo de escolarização na história da sociedade no espaço que veio a ser definido como brasileiro”, sem perder de vista as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, nos níveis linguísticos: fonética/fonologia, morfologia, sintaxe e léxico. Nesse contexto, a autora explica que, para

compreender a formação da realidade sociolinguística brasileira, é relevante analisar os fatos da história do Brasil e de Portugal.

No decorrer desta dissertação, refletimos sobre o contato entre as línguas indígena, portuguesa e africanas para a formação do português falado em comunidades afro-brasileiras, especificamente, para analisar a marcação da concordância verbal de P6 na fala dos moradores do quilombo Rio das Rãs – BA. Na próxima subseção, abordaremos a noção de *comunidade de fala*, para analisarmos quais grupos de fatores extralinguísticos envolvidos nos fatores linguísticos condicionam o fenômeno em estudo.

2.5 Comunidade de fala

O termo comunidade de fala surgiu nas pesquisas sociolinguísticas a partir da década de 1960. Este termo, proposto por Labov (1972-2008) objetiva englobar os grupos de fatores extralinguísticos envolvidos no uso e na avaliação das variáveis linguísticas. Na obra *Sociolinguistic Patterns*, Labov (1972-2008) mostra os padrões de definição de uma comunidade de fala:

não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972-2008, p. 150).

Assim, ao estudar a comunidade de fala, a sociolinguística busca apontar as características que um grupo de falantes compartilham para, então, fundamentar suas análises e correlacionar quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos implicam na variação e na mudança de uma determinada língua. Dessa forma, a comunidade de fala pode ser vista como um paradigma esclarecedor de semelhanças e diferenças no uso da língua.

Todavia, o conceito de comunidade de fala não é visto como algo consensual pelos sociolinguistas. De acordo com Labov (1972-2008, p. 211), “[...] comunidade de fala é vista como um grupo que compartilha o mesmo conjunto de valores normativos acerca da língua”. Essa definição é relevante para compreender a mudança linguística em uma dada comunidade.

Desse modo, o ponto de observação da sociolinguística é a comunidade, e não o indivíduo, pois, conforme argumenta Labov (1972), o vernáculo é propriedade de um grupo e não de um indivíduo. Sendo assim, a língua não é propriedade do indivíduo, mas sim da

comunidade, fato que o leva a crer que o novo modo de fazer linguística é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 1972-2008, p.259). O conceito de comunidade de fala adotada percorre pela aprovação de juízos linguísticos partilhados por uma comunidade.

[...] comunidade de fala define-se não como um grupo de falantes que partilha o mesmo código, ou utiliza as mesmas formas, mas sim como um grupo que se identifica pela mesma reação subjetiva frente a uma variedade linguística (LABOV, 1972-2008 p. 188).

Nesses termos, a comunidade de fala é muito importante para o desenvolvimento de um estudo sociolinguístico. Labov (1972-2008, p. 184), ao estabelecer o estudo da língua no contexto social, sugere “o estudo da estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala”. Assim, a análise dos fatores extralinguísticos é relevante para reconhecer os grupos linguísticos e sociais que condicionam a mudança linguística em uma dada comunidade de fala.

A comunidade de fala analisada neste estudo é constituída por 24 entrevistas, distribuídas da seguinte forma: (a) Sexo (12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino); (b) Faixa etária (08 jovens –25 a 35 anos; 08 adultos – 45 a 55 anos; 08 idosos – com mais de 65 anos); (c) Grau de escolaridade (informantes sem escolarização e informantes semiescolarizados); (d) Exposição à mídia; e (e) Rede de relações sociais.

Assim, a noção do conceito aqui apresentado sobre o termo comunidade de fala é relevante para compreender as diferenças e semelhanças no uso da língua. Na subseção que segue abordaremos a sócio-história da comunidade de fala Rio das Rãs – Bahia.

2.6 O perfil da comunidade rural negra quilombola Rio das Rãs

A comunidade de Rio das Rãs⁷ (originalmente denominada Mocambo do Pau Preto, ou simplesmente, Mocambo, segundo moradores), um dos primeiros quilombos da Bahia, fica localizada na região do Médio São Francisco⁸, à margem direita do Rio São Francisco, numa distância de 70 km do município de Bom Jesus da Lapa-BA (CARVALHO, 1996, 75).

⁷ A localidade recebeu esse nome devido ao rio que banha a região tem essa mesma denominação.

⁸ O Médio São Francisco compreende o trecho entre Pirapora (MG) e a cidade de Remanso (BA), incluindo as sub-bacias dos afluentes, Pilão Arcado, a oeste e Jacaré, a leste. Além dessas, abrange as sub-bacias dos rios Carinhonha, Corrente, Grande, Verde Grande e Paramirim, situadas no estado da Bahia e em Minas Gerais, localiza-se os rios Urucuia, das velhas e Paracatu (SOUZA, 2012, p. 12).

Conforme os moradores, o quilombo Rio das Rãs (semelhançamente a um município) era formado por vários núcleos de remanescentes de outros quilombos (que “atuariam” como distritos): Exu, Capão de Cedro, Rio das Rãs, Brasileira, Bom Retiro, Mocambo, Aribá e Riacho Seco. Durante o conflito pela posse de terras, os moradores de algumas dessas comunidades tiveram suas casas derrubadas. Nesses termos, Carvalho (1996, p. 75) afirma que das “[...] inúmeras localidades habitadas [...] cinco não foram destruídas”, pois seus moradores resistiram à expulsão: Capão do Cedro, Exu, Bom Retiro, Rio das Rãs e Brasileira”. Entre os anos de 1982 a 1992, residiram no território cerca de 300 (trezentas) famílias. Atualmente, conforme o Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária (SIPRA), há 691 (seiscentas e noventa e uma) famílias em uma área de aproximadamente 30.190,71 hectares.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) estabeleceu a reintegração dos moradores que tiveram suas casas destruídas através da implementação do Projeto Especial Quilombola de Rio das Rãs. Esse projeto tinha a capacidade de atender 700 (setecentas) famílias, conforme o processo administrativo nº 21460.001663/96-74, de 20 de dezembro de 1996. O objetivo desse projeto era desapropriar a área em conflito e transformá-la em assentamento⁹ para os remanescentes de quilombos. A transformação dessas terras em assentamentos foi um meio para que eles tivessem acesso a direitos específicos, como reconhecimento da propriedade da terra, que tem sido motivo de várias disputas no quilombo, uma vez que os descendentes de escravos não tiveram a preocupação de legalizar as terras que ocupavam.

De acordo com a memória coletiva, esses quilombolas residiam na região, desde o século XVIII, quando fugiam de Salvador em direção as margens do Rio São Francisco ao nordeste. Segundo esses moradores, o território do Rio das Rãs era um esconderijo de negros que fugiram das fazendas, devido aos maus-tratos que sofriam por parte dos fazendeiros. Eles ainda mencionam que nesse quilombo também viviam os índios¹⁰ que fugiam do trabalho

⁹ “É um conjunto de unidades (lotes) agrícolas independentes entre si, instaladas pelo INCRA, onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um único proprietário” (INCRA).

¹⁰ Os índios, explorados pelos fazendeiros na criação de gado, trabalhando como vaqueiros e boiadeiros, também viviam no quilombo por volta dos séculos XVI e XVII. No sertão do São Francisco, muitas tribos foram eliminadas pelos bandeirantes devido à sua resistência à exploração, e outros fugiram para o norte do país. Em seu trabalho sobre esse quilombo, Dutra (2007, p. 33) aborda o depoimento do morador Francisco Ferreira Magalhães sobre a presença indígena no território: No Mocambo, era grande o número de negros e índios, era muita gente, muito negro, quando ele já estava reunido trabalhando. Trabalhando assim, de roça, de roça de caça. Tinham casa de choupana, de cavaquinho, comiam mel de abelha, eles mesmo faziam o ralo de ralar a mandioca, a roupa eles mesmos faziam no teal, plantavam o algodão faziam o teal, daí a mulher descaroçava no fuso para fiar a linha tecia e vestia desses costumes deles (DUTRA, 2007, p. 33).

forçado nas fazendas. Souza e Almeida (1994, p. 7), “[...] registram a presença de muitos caboclos mistura de índios com brancos, que vieram da margem direita do Rio São Francisco [...] Na margem esquerda, a perseguição dos propostos de Manuel Nunes Viana e Athánasio de Siqueira Brandão foi muito dura e cruel contra os índios”.

A memória local descrita a partir dos depoimentos obtidos na própria comunidade remonta aos conflitos pela posse de terra entre fazendeiros e descendentes de ex-escravos que viviam no quilombo de Rio das Rãs. Esse quilombo, por estar localizado entre o Rio das Rãs e o Rio São Francisco, bem como por ser uma área agrícola de boa qualidade para plantação e criação de gado, chamou a atenção de muitos fazendeiros da região. O primeiro fazendeiro interessado por essas terras do Rio das Rãs foi o coronel Deocleciano Pires Teixeira que, em 1850, se apropriou delas, afirmando para os moradores que as tinha herdado do seu tio, o Major Francisco Teixeira de Araújo. Para evitar conflitos com os afrodescendentes, o coronel lhes conferia “favores”, tais como plantar, caçar e pescar; em contrapartida, estes tinham que cuidar de seu gado.

Nos anos de 1974, os netos e herdeiros do Coronel Deocleciano Pires Teixeira, Fernando Teixeira e Carlos Teixeira passaram a administrar a comunidade; assim, começaram uma nova política para lidar com os negros do quilombo Rio das Rãs: proibiram a pesca nas lagoas, derrubaram as cercas das roças e uma igreja evangélica.

Na década de 1980, os herdeiros da família Teixeira venderam parte do quilombo Rio das Rãs para o grupo Bonfim Indústria Algodoeira LTDA. (BIAL), o que agravou ainda mais a situação de conflito pelas terras. Nessa época, casas foram derrubadas com uso de tratores, plantações foram destruídas, os moradores foram perseguidos e alguns acabaram fugindo do quilombo para as regiões de Brasília, Minas Gerais e São Paulo (CARVALHO, 1996).

Alguns quilombolas não aceitaram sair de suas próprias terras, o que gerou um embate entre eles e o fazendeiro Carlos Bonfim. Nessa luta, contaram com o apoio de diversos órgãos, como o Ministério Público Federal, o Movimento Negro Unificado, a Comissão Pastoral da Terra, principalmente a Igreja Católica e a Comissão Evangélica dos Direitos da Terra. Para vencer esse conflito com fazendeiros, latifundiários e grileiros¹¹, os quilombolas tiveram a proteção conferida através da Constituição de 1988, que estabelece, no artigo 216, parágrafo 5, que “[...] ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos” (BRASIL, 1988, p. 164), e, no artigo 68 dos Atos das

¹¹ Grileiros são proprietários de terra que definem as fronteiras entre legalidade e ilegalidade não só na Amazônia, ou nas áreas de frente de expansão capitalista, mas no conjunto do território brasileiro (PRIETO, 2017, p. 12).

Disposições Transitórias, que “[...] aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988, p. 208).

No território do Rio das Rãs, os resquícios dos antepassados estão presentes em cada canto do quilombo, pois enquanto grupo, eles preservam histórias, valores e costumes, tais como danças de rodas, capoeira, músicas, o culto da jurema¹², rezas, entre outros. O campo religioso da comunidade apresenta uma diversidade que vai dos cultos afrodescendentes aos católicos e evangélicos. Todas as formas de cultura e tradições ainda estão vivas no dia a dia no território quilombola¹³.

Diversas mudanças aconteceram no quilombo após o conflito pela posse de terras, principalmente em relação à educação, tais como: construção de escolas, implantação do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec), que objetiva apresentar um modelo de aula com foco no estabelecimento de momentos que assegurem a interatividade em tempo real contribuindo no processo de ensino e aprendizagem, antena de *internet* e aparelhos eletrônicos (televisão, DVD, data show, som) nas escolas, professores concursados e pessoal de apoio (merendeiras, porteiros, auxiliar administrativo de educação e faxineiras). Os avanços tecnológicos, especificamente, contribuíram no modo de vida do quilombo, uma vez que, a comunidade vivia um relativo isolamento até pouco tempo.

Antigamente, só existiam no quilombo professores leigos; depois o município de Bom Jesus da Lapa começou a investir em contratação e formação continuada para os docentes em nível superior. Para trabalhar com a cultura local, foi estabelecida uma parceria com a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) município de Bom Jesus da Lapa, através do programa UNEB 2000. A maioria desses professores era da sede do município e cidades circunvizinhas. Depois dessa parceria, realizou-se concurso para preencher o quadro de vagas (professores e pessoal de apoio). No entanto, essas vagas foram preenchidas com professores que vinham da sede, bem como das cidades circunvizinhas: Caetité, Riacho de Santana e Igaporã. Atualmente, os professores e pessoal de apoio são moradores da própria comunidade. Assim, eles desenvolvem seus trabalhos voltados para a realidade do quilombo, principalmente, à

¹² O culto da Jurema, que compreende caboclos, orixás e nagôs, em meio a rezas católicas populares, é uma expressão religiosa que alude à experiência particular de constituição da comunidade (CARVALHO 1996, p. 163).

¹³ Segundo Carvalho (1996, p. 163), “a jurema é considerada um culto de área rural [...] e apresenta certas características e peculiaridades que podem dizer-nos mais da experiência historicamente situada do grupo social que a reconhece, e ou pratica [...]”. Nesse contexto, o culto da jurema é uma forma de rezas para curar doenças, bem como indicação de remédios caseiros para pessoas que procuram a cura. Nessas rezas, os trabalhos são feitos através do contato com os santos, caboclos e orixás.

preservação de seus costumes e tradições. Apesar disso, uma carência sentida é o fato de, segundo relato dos próprios professores, não ser abordado em sala de aula o português popular falado pelos alunos, privilegiando-se apenas o ensino da norma padrão.

Em relação à escolaridade, a minoria dos moradores tem nível superior, outros possuem ensino fundamental incompleto e poucos terminaram o ensino médio. No que diz respeito à escolaridade, as mulheres jovens estudam na comunidade até terminarem o ensino fundamental II, depois saem da comunidade para cursar nível superior ou então vão trabalhar em cidades grandes ou em Bom Jesus da Lapa como cozinheiras, copeiras e babás. As mais velhas são donas de casa, trabalham na roça, participam dos cultos da igreja e estudam no programa Todos pela Alfabetização (TOPA)¹⁴. Os homens mais velhos, participam do Programa TOPA, trabalham na roça ou fazem outras atividades para o sustento da família (caçam e pescam). Os mais jovens, por sua vez, permanecem na comunidade estudando até concluírem o ensino fundamental, depois abandonam os estudos para trabalhar em São Paulo (corte de cana ou outras atividades) e também nas cidades de Brasília e Bom Jesus da Lapa.

O território quilombola do Rio das Rãs representa uma expressão viva de seus antepassados, principalmente em relação às atividades de subsistência desenvolvidas no quilombo, tais como plantação de hortas, feijão, milho, mandioca, entre outras. Como toda comunidade social, o quilombo vive de outras fontes econômicas: criação de gado, caprinos, suínos, ovinos, pesca e estabelecimentos comerciais. Sendo assim, os moradores contam com o apoio de programas sociais do governo Federal - O Bolsa Família e o Programa Interministerial Brasil Quilombola (PBQ).

A história de luta sempre fez parte da vida dos moradores de Rio das Rãs – no passado, vivenciaram os conflitos de terra e perseguições por parte daqueles que desejavam tomar suas terras, o que levou muitos deles a fugirem por um período de tempo do quilombo para proteger sua vida, sem com isso poder defender as suas terras (que, até os dias atuais, ainda é motivo de cobiça por parte de fazendeiros da região); atualmente, os remanescentes desse quilombo continuam criando estratégias de resistência na luta por seus direitos em relação à saúde, educação, segurança, entre outras necessidades básicas da população, assim como pela preservação da sua identidade étnica e cultural.

Na próxima seção, abordaremos os conceitos fundamentais sobre a concordância verbal de P6 na visão da gramática normativa, descritiva, na perspectiva da Sociolinguística

¹⁴ Esse programa tem por objetivo garantir aos alunos as oportunidades necessárias à apropriação da leitura e da escrita e criar as condições objetivas para a inclusão social, política, econômica e cultural desses sujeitos.

Variacionista segundo Lemle e Naro, 1977; Naro 1981; e os estudos de Almeida (2006) e Silva (2003) em comunidades afro-brasileiras.

3 A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL OU P6

Nesta seção, abordamos o objeto de estudo desta dissertação, *a concordância verbal de terceira pessoa do plural ou P6*. Para tanto, buscamos conceitos fundamentais sobre a CV de P6 de acordo com a gramática normativa (CUNHA; CINTRA, 2010; TERRA, 1997) com as considerações críticas de alguns linguistas como Castilho (2010) e Travaglia (2006); a descritiva (PERINI, 1996; POSSENTI, 1996) e posteriormente, os trabalhos desenvolvidos na perspectiva variacionista (LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981), e os estudos de Silva (2003) e Almeida (2006) em comunidades afro-brasileiras.

3.1 Concordância verbal: abordagem normativa e descritiva

A Gramática Normativa (GN) prescreve regras de escrever e falar bem. Desse modo, seu papel é determinar a norma padrão de uma língua, ou seja, estabelecer um sistema de instruções que oriente a forma “correta” de funcionamento da mesma, tomando como base a escrita de grandes letrados.

A concordância verbal na língua portuguesa é marcada através dos elementos flexionais do verbo. Segundo a abordagem tradicional, é realizada quando se verifica uma combinação entre as marcas morfológicas do sujeito e do verbo da oração. Pode ocorrer em uma oração quando o verbo concordar com o sujeito em número e pessoa. Se este apresentar apenas um núcleo no singular, o verbo permanecerá no singular; se o sujeito aparecer no plural ou com mais de um núcleo, o verbo passará para o plural.

De acordo com Cunha e Cintra (2010, p. 510), a “[...] concordância verbal é a solidariedade entre o verbo e o sujeito, ou seja, a variabilidade do verbo para se conformar ao número e pessoa do sujeito [...]”, isto é, o verbo e o sujeito são solidários, uma vez que a forma verbal se prepara para concordar com a pessoa e o número expresso no sujeito, constituindo, assim, a concordância verbal padrão.

Para Terra (1997, p. 244), “[...] a concordância verbal é o processo pelo qual o verbo altera suas desinências para ajustar-se em pessoa e número com o sujeito”. Nesses termos, a concordância verbal ocorre quando o verbo se flexiona para concordar com o sujeito.

Sendo assim, a concordância verbal pode ser vista como um sistema de regras que deve ser usada para quem deseja falar e escrever bem. Isso significa que, se não usar as regras estabelecidas pela GN, está negando o padrão estabelecido pela norma culta da língua, o que é vista como “erro” dentro de uma sociedade.

Para Castilho (2010, p. 411), concordância verbal, é vista como “[...] uma conformidade morfológica entre uma classe, representada aqui pelo verbo, e seu escopo, representado pelo sujeito [...]”. Segundo o autor, “essa conformidade implica, portanto, na redundância de formas, ou seja, se houver marcação de plural no sujeito, haverá marcação de plural no verbo [...]” A concordância é considerada como uma regra que aparece em algumas línguas naturais e traz algumas lacunas para explicar os fenômenos linguísticos. Assim sendo, a concordância verbal é um dos aspectos da gramática que mais apresenta regras e exceções na língua escrita, algumas das quais não são empregadas no português falado.

O papel da Gramática Descritiva é descrever a forma e o funcionamento da língua. Segundo Possenti (1996, p. 65), esta gramática “[...] é a que orienta o trabalho dos linguistas cuja preocupação é descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas.” Assim, a gramática descritiva não tem o objetivo de apontar erros, mas sim de identificar todas as formas de expressão existentes e verificar quando e por quem são produzidas.

Sobre o fenômeno da concordância verbal, as Gramáticas Descritivas não seguem um padrão do que é certo ou errado. Descrevem os conceitos linguísticos levando em consideração as variações existentes na língua. Dessa forma, Perini (1996, p. 186) [...] afirma que a gramática é “como um sistema de condições de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações [...]”. Para o autor, é necessário identificar se o verbo está em consonância com seu sujeito. Desse modo, a gramática descritiva ocupa-se de explicar o mecanismo de funcionamento da língua, apresentando hipóteses que esclarecem o mesmo. Nessa concepção, saber gramática significa ser capaz de compreender a estrutura de uma língua, as classificações, as funções e as relações que entram em sua construção.

Uma vez que nosso estudo é desenvolvido a partir dos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança, cujo objetivo é analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem motivar a marcação da CV de P6 no desempenho linguístico dos informantes da comunidade, torna-se relevante, nas subseções que seguem, a compreensão e a reflexão sobre o significado da palavra *concordância* e o seu desenvolvimento no campo da Sociolinguística Variacionista.

3.2 Concordância verbal: perspectiva variacionista

Nesta subseção, selecionamos alguns trabalhos para embasar e dialogar com a presente dissertação, tais como os estudos pioneiros de Lemle e Naro (1977), Naro (1981), por nos indicarem fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes para a análise da concordância

verbal, assim como os estudos realizados por Silva (2003) em comunidades afro-brasileiras no interior da Bahia: *Cinzento, Helvécia e Rio de Contas*, e Almeida (2006) na comunidade *São Miguel dos Pretos* – RS.

As pesquisas referentes à marcação da concordância verbal em amostras de fala brasileira sob a ótica da Sociolinguística Variacionista surgiram a partir dos anos 1970. Desse modo, apresentaremos os primeiros estudos variacionistas realizados no Brasil sobre esse fenômeno.

3.2.1 Lemle e Naro (1977): a concordância verbal

Competências Básicas do Português foi o trabalho precursor sobre a *concordância verbal* desenvolvido por Lemle e Naro (1977) no Brasil. Nesse trabalho, foi analisado a fala de 20 (vinte) informantes do Projeto MOBREAL¹⁵ no Rio de Janeiro, considerando: 9 mulheres e 11 homens; na faixa etária de 17 a 50 anos (6 informantes com mais de 40 anos e 14 com a faixa etária abaixo dos 30 anos), considerando-se os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Entre os fatores linguísticos, foram selecionados pelo Programa *Varbrul*: *saliência fônica e realização e posição do sujeito*; entre os fatores extralinguísticos de maior relevância estão *faixa etária e sexo*. A primeira variável selecionada pelo Programa foi a *saliência fônica*, para qual os autores propõem a hipótese de que quanto menor for a *saliência fônica* na oposição singular/plural da forma verbal (*come/comem; ganha/ganham*), maior será a não marcação de concordância; em contrapartida, quando há maior *saliência fônica* na oposição singular/plural (*disse/disseram; fez/fizeram; é/são*), aumenta a chance de marcação de concordância. Nessa variável, as formas menos salientes, trazem peso relativo 0.11, e as formas mais salientes, com peso relativo 0.85. Em nosso trabalho, essa variável também apresenta resultado significativo nos níveis mais salientes, conforme será apresentado na seção 5.

Ao analisarem a variável *realização e posição do sujeito*, os pesquisadores constataram que o *sujeito anteposto ao verbo* traz peso relativo 0.71, favorecendo assim a marca de concordância no verbo; o *sujeito não realizado* apresenta peso relativo 0.65. O *sujeito com material interveniente* antes do verbo fica com peso relativo 0.41, enquanto o *sujeito posposto* tende a não marcação de concordância com peso relativo 0.24. Os resultados mostraram, nessa variável, que os fatores *sujeito anteposto ao verbo* e *sujeito não realizado* apresentam resultados significativos para análise do fenômeno em estudo.

¹⁵ Movimento Brasileiro de Alfabetização.

A variável *faixa etária* apresenta marcação da regra muito próximos, para os velhos e para os jovens, no entanto, percebemos essa diferença nos pesos relativos que revelam que os falantes mais velhos apresentam tendência a marcação de plural com peso relativo 0.58, enquanto os mais jovens ficam com 0.42. Esses resultados são relevantes na nossa dissertação para analisar a fala dos mais jovens que podem liderar uma tendência a marcação de CV de P6 na comunidade, ao contrário dos mais velhos.

Na variável *sexo*, os homens apresentaram peso relativo 0.46, aproximando dos resultados das mulheres com peso relativo 0.54. No entanto, o sexo feminino está mais próximo da variedade padrão. Esta análise feita pelos pesquisadores Lemle e Naro (1977) contribui para explicar os nossos resultados, uma vez que esta variável foi selecionada pelo Programa *Goldvarb X*.

Lemle e Naro (1977), chegaram a conclusão que a aplicação de regra de concordância verbal de P6 é mais produtiva no sexo feminino e na faixa etária dos mais velhos e reconheceu o papel dos fatores linguísticos e extralinguísticos para análise da concordância verbal de terceira pessoa do plural.

3.2.1.1 Naro (1981): a concordância verbal de P6

Naro (1981) ampliou seu estudo sobre a concordância verbal de P6 a partir de dados urbanos da cidade do Rio de Janeiro, observando os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Nesse estudo, o pesquisador busca demonstrar que está havendo uma perda da marca de terceira pessoa do plural nas formas verbais no português brasileiro. Repetiu as observações de Lemle e Naro (1977) no que tange à *saliência fônica* e acrescentou a relevância da distância entre o verbo e o sujeito na marcação ou não da regra de concordância, ou seja, quanto maior a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo, maior a probabilidade de ausência da regra de concordância verbal.

Em relação às variáveis *sexo*, *origem* e *faixa etária* dos informantes, na análise quantitativa realizada por Naro (1981), o programa não considerou essas variáveis significativas. Por outro lado, o pesquisador verificou que o grupo de falantes que acompanha novelas apresenta maior frequência de concordância do que aqueles que não as acompanham. Tal situação apresenta a atuação da variável *mídia* no comportamento linguístico dos informantes.

Ao analisar a concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de analfabetos cariocas, encontrou um percentual de, aproximadamente, 48% de concordância verbal em um

corpus constituído por 6.310 ocorrências, das quais 3.002 apresentaram a marcação de CV de P6. O autor identificou que a concordância de número no português brasileiro, principalmente a verbal, apresenta-se em duas direções: uma variante sem marcas de plural, e outra variante com marcas de plural. Para ele, a variação na concordância verbal de número nessa variedade do português se mostra como um processo lento de mudança linguística, caminhando em direção a um sistema sem marcas, ou seja, de ausência de concordância.

Nas décadas de 1980 e 1990, com os avanços dos estudos sociolinguísticos, as pesquisas sobre os contatos linguísticos se expandiram de forma significativa no Brasil. Assim, os bancos de dados foram ampliados, principalmente nos centros urbanos e, mais tarde, iniciaram-se os estudos nas comunidades rurais.

Os resultados de Lemle e Naro (1977) e Naro (1981) serão fundamentais para a análise de nossos dados, pois fornecerão suporte teórico para compreender a presença ou ausência da CV de P6 na fala dos informantes da comunidade em estudo.

3.2.2 Contribuições de alguns estudos sobre a concordância verbal de P6 no português afro-brasileiro

Nesta subseção, apresentamos os resultados dos dados de Silva (2003) e Almeida (2006) sobre o falar de comunidades afro-brasileiras, em relação à presença ou à ausência de marca de plural no verbo na terceira pessoa do plural.

3.2.2.1 Silva (2003): a concordância verbal no português afro-brasileiro

Em seus estudos, Silva (2003), com aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana apresenta os resultados sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural, em três comunidades afro-brasileiras rurais no interior da Bahia: *Cinzento*, *Helvécia* e *Rio de Contas*. Nesse estudo, obteve um total de 1706 ocorrências, equivalendo, respectivamente, a 16%, 13% e 24% de marcação de concordância verbal de terceira pessoa. Foram analisadas 12 entrevistas de cada comunidade, perfazendo-se o total de 36 entrevistas, com mais ou menos uma hora de duração cada. Os informantes foram divididos segundo perfis sociais como: *sexo*, *faixa etária* e excluindo-se a *escolaridade*, já que a maioria dos cinzentenses possui pouca ou nenhuma escolarização. Na faixa etária I, estão os falantes entre 20 e 40 anos; na II, aqueles entre 41 e 60; a faixa etária III compreende os falantes de mais de 60 anos.

As variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas e analisadas no estudo de Silva (2003) foram as seguintes: *saliência fônica, realização e posição do sujeito, indicação do plural no SN sujeito, concordância nominal no sujeito, tipos de verbo, caracterização semântica do sujeito, faixa etária e sexo*. Os resultados dos dados por comunidades podem ser conferidos na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Distribuição dos resultados de marcação de concordância verbal de P6 em comunidades rurais do interior da Bahia

Concordância verbal de P6 em comunidades rurais	Ocorrências	Percentual	Peso Relativo
Helvécia	374	16%	0.47
Cinzento	927	13%	0.43
Rio de Contas	405	24	0.67

Fonte: Silva (2003).

A primeira variável considerada como significativa pelo Programa *Varbrul* nos estudos de Silva (2003) foi a *saliência fônica*. O autor partiu da hipótese de que os falantes das comunidades estudadas começam a empregar as formas pluralizadas em verbos cujo material fônico interveniente, inclusive a acentuação, é mais perceptível, já que, na posição menos acentuada e com menor número de material fônico envolvido, a aplicação da regra foi menor. Nesta variável, o pesquisador considerou nove níveis de *saliência fônica*, os quais foram amalgamados em três de acordo com o grau de *saliência* apresentada entre as formas verbais do singular e do plural:

(a) Níveis 1 e 2: flexão com nível baixo de *saliência*: *bate/ batem; fala/falam*, com percentual e peso relativo, respectivamente, 6% e 0.27. Exemplo: Eles **moravam**;

(b) Níveis 3, 4 e 5: flexão com nível intermediário de *saliência*: *faz/fazem; tá/tão; bateu/bateram; quer/ querem; vai/vão; foi/foram*, com percentual e peso relativo 23% e 0.69. Exemplo: Quantas **fundaram** eu não sei;

(c) Nível 6, 7 e 8: flexão com nível alto de *saliência* *quis/quiseram; fez/fizeram; é/são; veio/ vieram*, com percentual e peso relativo 31% e 0.78. Exemplo: Eles dois **são** primo.

Como podemos ver ao fazer-se a amálgama dos fatores, as formas menos salientes apresentaram menor probabilidade de marcação de concordância de P6; já o nível em que as formas verbais são mais salientes apresentaram uma tendência maior para a marcação da concordância verbal de P6.

Outra variável considerada nos estudos de Silva (2003) foi *realização e posição do sujeito*, na qual o pesquisador identificou quatro fatores: *sujeito anteposto*, *sujeito posposto*, *sujeito não realizado* e *sujeito retomado por um pronome relativo*. O fator *sujeito não-realizado* (E **foro** namora) houve a pluralização das formas verbais com percentual de 27%. Na sequência encontra-se o *sujeito posposto ao verbo* (**Diz** eles que [...]), com frequência de 11%, para o autor esse fator não favorece a marcação de plural nos verbos. Em contrapartida, o *sujeito anteposto ao verbo* (Eles dois **chegaro** no fim) apresenta em 1134 ocorrências, 158 levaram o verbo ao plural, correspondendo a 14%. O mais baixo resultado de marcação do fenômeno de CV de P6 nos estudos de Silva (2003) fica com o *sujeito retomado pelo pronome relativo* (Os otos que **tinham** fazido), com percentual de 9%.

A variável *indicação do plural no SN sujeito* também foi significativa no estudo de Silva (2003). Nesta variável, o autor esperava avaliar quais estratégias de pluralização do sujeito poderiam influenciar a concordância verbal. Assim, três fatores foram selecionados como relevantes: *mórfica*, *quantificador* e *lexical*. O fator *mórfico* (Os cara **tiraro** trinta pessoa) apresentou um percentual de 12% e peso relativo 0.47; enquanto o fator *quantificador* (Mutchos **chamavam** até o urubu) tendeu a aquisição de marcação de plural de CV com percentual de 17% e peso relativo 0.52. Entre os fatores que formam a variável *indicação do plural no SN sujeito*, o *lexical* (A nova geração **tão** animado) foi o mais significativo para a marcação de CV de P6 com percentual de 80% e peso relativo 0.90.

Em relação à variável *concordância nominal no SN sujeito*, Silva (2003) analisou se as marcas de plural ocorrem em sua totalidade no momento que são adquiridas, ou se o processo ocorre de forma parcial. O autor observou a ocorrência de concordância nominal no sujeito, a relação de concordância entre o sujeito e seus determinantes, e a não concordância nominal no sujeito. Desse modo, o fator *concordância nominal no SN sujeito* (As pessoas **custumam** comprar) apresentou um percentual de 24% e peso relativo 0.74. Isso significa que este fator favorece a concordância de CV de P6, enquanto, o fator *sem concordância nominal no SN sujeito* (Meu avô e meus antepassado **honrarum**) tende à não marcação, com percentual de 9% e peso relativo 0.48.

A variável tipos de verbo também foi significativa nos estudos de Silva (2003). Nesta, o Programa *Varbrul* reconheceu os seguintes fatores: *verbo intransitivo*, *verbo ergativo*, *verbo transitivo (direto e indireto)*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *verbo modal* e *verbo auxiliar de voz passiva*. Para uma melhor análise desta variável, o autor amalgamou os verbos de voz passiva com os auxiliares e os modais. Assim feito, a variável foi analisada considerando-se

apenas quatro fatores: *verbos intransitivos*, *verbos ergativos*, *verbos transitivos* e *verbos auxiliares*.

Silva (2003) chamou atenção para o *verbo ergativo* (A feição da ranca **nascero**) cujo argumento está na posição de objeto direto e, portanto, tenderia a apresentar um número menor na aplicação da regra. Das 95 ocorrências desse *verbo*, apenas 8 foram pluralizadas, representando 8% do total dos ergativos. Os *verbos intransitivos* (Eles **foro**), por selecionarem sujeitos com o traço semântico [+humano], apresentam a maior tendência à pluralização, sendo responsáveis por 16% da pluralização das ocorrências num total de 396. Em números percentuais, os *verbos auxiliares* (Eles **tão** passeando) mostraram maior tendência à concordância, pois das 527 ocorrências, 97 corresponde a um percentual de 18% receberam a marca de plural. Os *verbos transitivos* (Eles **dão**) também apresentam uma tendência à concordância verbal peso relativo 0.51. Silva chegou-se à conclusão de que os *verbos ergativos* não tendem à aplicação da regra enquanto os *verbos intransitivos* favorecem a marcação de CV de P6.

A última variável linguística selecionada no estudo de Silva (2003) foi a *caracterização semântica do sujeito*. O autor partiu da hipótese de que, quando o traço do sujeito é [+humano] (Algumas pessoa **dero**), a probabilidade de aplicação da regra é maior do que quando o traço do sujeito é [- humano], o que se confirmou em seus resultados. Assim, podemos observar que o fator [+humano] apresenta um percentual de 17% e peso relativo 0.52, enquanto o fator [- humano] (Os comentaro **são** esse) aparece com percentual de 10% e peso relativo 40%. Assim, Silva (2003) afirma que “[...] a tendência de concordância com o SN [+humano] é um fator comum ao português de comunidades afro-brasileiras e comunidades etnicamente não marcadas, mas é um traço menos acentuado naquelas comunidades [...]”.

Em relação às variáveis extralinguísticas, a *faixa etária* se mostrou relevante nas três comunidades nos estudos de Silva (2003). Na faixa etária I (20 a 40 anos), que representa os jovens, há uma tendência à marcação da regra de concordância verbal com percentual de 22% e peso relativo 0.62. Segundo Silva (2003), [...] “esses jovens estariam desejosos de expandir horizontes, procurando viver uma situação menos árdua do que seus pais e avós. Seriam, da mesma forma, os mais atingidos pela mídia e pelos novos valores que ela introduz na comunidade”. Os adultos, faixa II (41 a 60 anos), aparecem com resultados intermediários de 14% de frequência e 0.48 de peso relativo de não marcação de CV de P6. Os velhos, por sua vez, apresentam 10% e peso relativo 0.36 de probabilidade de marcação da desinência número-pessoal. Esse resultado significa que este grupo apresenta um comportamento conservador quanto à não marcação de CV de P6. Para Silva (2003, p. 173) [...] “os mais velhos refletiriam

um comportamento lingüístico e social mais conservador, tendendo a conservar a norma lingüística do grupo em que viveram grande parte da vida e ao qual estão identificados como perpetuadores da tradição”.

A análise da variável extralingüística *sexo* mostra que os homens marcam a regra de concordância com 19% e peso relativo 0.56, enquanto as mulheres com um percentual de 13% e peso relativo 0.45. Tal diferença se deve ao fato de os homens terem mais oportunidades de contato com falantes de outras comunidades linguísticas, pois eles são os responsáveis pela compra e venda dos produtos na cidade, por exemplo. Já as mulheres têm acesso mais restrito a outros falares, visto que exercem atividades associadas aos cuidados com os filhos e com a casa, além de se envolverem com as tarefas da roça.

Para Silva (2003) “[...] é evidente que o índice geral de concordância de 16% apresentado pelas comunidades quilombolas baianas é muito inferior aqueles apurados nas comunidades urbanas, rurais e rurbanas¹⁶ vistos nesta seção, os quais variam entre 29% e 79% para a terceira pessoa do plural”. O autor explica que esta diferença provavelmente se deve às condições históricas e sociais das comunidades negras, que se caracterizam pela formação de uma variedade falada a partir do contato lingüístico abrupto e impositivo ocorrido na sua fundação, bem como pelo isolamento geográfico, cultural e lingüístico vivido até pouco tempo atrás.

Nesses termos, os resultados do estudo realizado por Silva (2003), em comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia: *Cinzento, Helvécia e Rio de Contas*: 13%, 16% e 24%, respectivamente, divergem dos verificados por Naro e Lemle (1977) e Naro (1981) no Rio de Janeiro com analfabetos: 48% de marcação de CV. Sendo assim, essas análises são relevantes para analisar o fenômeno lingüístico na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs.

3.2.2.2 Almeida (2006): a concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos - Restinga Seca-RS

Almeida (2006) analisou o comportamento variável da CV com a 1ª, 2ª e 3ª pessoa do plural na comunidade remanescente de escravos de São Miguel dos Pretos, localizada em Restinga - RS. Ressaltamos que consideramos apenas os resultados obtidos para a última pessoa

¹⁶ Para Bortoni-Ricardo (1989), as comunidades rurbanas são aquelas formadas por migrantes que se instalam, quase sempre, nas periferias das cidades grandes e entram em contato com o dialeto-alvo.

gramatical, a terceira pessoa do plural ou P6, que, por sua vez, serão comparados com os resultados dos dados desta dissertação na seção 5.

O objetivo desse estudo foi verificar se a variedade falada em São Miguel dos Pretos apresenta características similares às das outras comunidades já estudadas no Brasil, levando em consideração o emprego da concordância verbal.

A amostra de Almeida foi formada por 24 informantes: 12 homens e 12 mulheres, estratificados em três faixas etárias: I (de 15 a 24 anos), II (de 40 a 64 anos) e III (de 65 a 90 anos). As variáveis controladas e consideradas no estudo de Almeida (2006) foram as seguintes: *posição do sujeito, tipo do sujeito, saliência fônica, conjugação verbal, tempo e modo verbais e faixa etária*. Ao todo, foram coletadas 1.044 ocorrências de variação na concordância entre verbo e sujeito na terceira pessoa do plural, dentre as quais 81% apresentavam marcas de concordância verbal de P6 e 19% a não marcação de CV. A autora mostra que este alto índice apresenta uma disparidade com os resultados encontrados nas comunidades afro-brasileiras, localizadas no interior da Bahia: Rio de Contas (24%), Helvécia (16%) e Cinzento (13%).

Neste estudo, a *saliência fônica* foi apontada como significativa pelo Programa *Varbrul*. Assim, a pesquisadora considerou em sete níveis dentro dessa variável:

- (a) *Nível 1*: flexão com nível baixo de saliência: *bate/ batem*, com percentual e peso relativo, respectivamente, 34% e 0.08. Exemplo: Eles **batem**;
- (b) *Nível 2*: flexão com nível baixo de saliência: *fala/ falam*, com percentual e peso relativo 81% e 0.38. Exemplo: Eles **falam**;
- (c) *Nível 3*: flexão com nível baixo de saliência: *faz/fazem*, com percentual e peso relativo 41% e 0.15. Exemplo: Eles **fazem** o trabalho direito;
- (d) *Nível 4*: flexão com nível intermediário de saliência: *dá/dão*, com percentual e peso relativo 86% e 0.57. Exemplo: Eles **dão** trabalho;
- (e) *Nível 5*: flexão com nível alto de saliência: *falou/falaram*, com percentual e peso relativo 89% e 0.64. Exemplo: Eles **falaram** muito;
- (f) *Nível 6*: flexão com nível alto de saliência: *fez/fizeram*, com percentual e peso relativo 98% e 0.90. Exemplo: Eles **fizeram** o exercício;
- (g) *Nível 7*: flexão com nível de saliência: *é/são*, com percentual e peso relativo 91% e 0.73. Exemplo: Eles **são** bonitos.

Os resultados de Almeida (2006) mostram que formas verbais menos salientes, níveis 1, 2 e 3 não favoreceram à marcação de concordância verbal de P6, com percentual e pesos

relativos (**1a**: 34% e 0.08; **2b**: 81% e 0.38; **3c**: 41% e 0.15), respectivamente. Em contrapartida, as formas mais salientes, níveis 4, 5, 6 e 7 favorecem à marcação de CV de P6 com percentual e pesos relativos, respectivamente (**4d**: 87% e 0.57; **5e**: 89% e 0.64; **6f**: 98% e 0.90; **7g**: 91% e 0.73).

Na variável *posição e realização do sujeito*, foram considerados três fatores: *sujeito anteposto*, *sujeito anteposto com material* e *o sujeito posposto*. Na análise dos dados, o *sujeito anteposto* (Eles **chegaram** hoje) favorece a marcação da concordância verbal de P6 com percentual de 83% e peso relativo 0.56. De modo igual, o fator *sujeito anteposto com material interveniente* (Eles **não vieram**), também tende a marcação da CV de P6 com percentual de 57% e peso relativo 0.56; enquanto que o fator *sujeito posposto* (**Chegaram** os meninos) apresenta uma frequência mais baixa de CV de P6 em relação aos outros fatores, com percentual 51% e peso relativo 0.13.

A variável *Tempo e modo verbais* também foi significativa nos dados de Almeida (2006). Nesta variável, os fatores relevantes foram: *presente do indicativo*, *pretérito perfeito do indicativo*, *pretérito imperfeito do indicativo*, *futuro do pretérito do indicativo*, *presente do subjuntivo*, *futuro do subjuntivo* e *pretérito imperfeito do subjuntivo*, ainda, *o infinitivo pessoal*. Para a autora, os tempos do modo indicativo são os que mais favorecem a concordância verbal de P6, o *presente* com um percentual de 83% e peso relativo 0.50, o *pretérito perfeito* com percentual de 90% e peso relativo 0.52. O *pretérito imperfeito* foi amalgamado com *futuro do pretérito* do indicativo com percentual de 79% e peso relativo 0.60. Em contrapartida, os tempos verbais do modo *subjuntivo* apresentaram menos concordância verbal, com percentual de 42% e peso relativo 0.27 em relação aos do indicativo. O *infinitivo pessoal* também não trouxe resultado satisfatório em relação à CV de P6, com percentual de 9% e peso relativo 0.02.

A variável *faixa etária* foi a única relevante no grupo de fatores extralinguísticos. Para a autora, esta variável revela que os mais velhos tendem à não marcação de CV, com percentual de 79% e peso relativo 0.38. Os adultos também tendem ao emprego de marcar o plural entre o sujeito e o verbo, com percentual de 82% e peso relativo 0.56; assim como os jovens com percentual de 83% e peso relativo 0.64. Para a autora, na comunidade São Miguel dos Pretos, o estudo revelou um processo de mudança geracional devido ao aumento de escolaridade dos moradores do local, bem como ao intenso contato com falantes de outras variedades.

Observamos que os resultados de Almeida (2006), em relação à marcação de concordância verbal de P6, com percentual de 81%, divergem dos resultados das comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia: Cinzento, Helvécia e Rio de Contas, que apresentam os respectivos percentuais: 13%, 16% e 24%. Para a autora, os resultados podem ser explicados

devido às características históricas e sociais de cada comunidade. Para Almeida (2006), as comunidades baianas são marcadas pela subjugação, pelo isolamento, pela exploração e pelo abandono. Na comunidade de São Miguel dos Pretos, ao contrário, os moradores apresentam um maior contato com a zona urbana do município de Restringa Seca e outros municípios, bem como com as fazendas vizinhas, facilitando, assim, o seu contato a outras variedades da língua portuguesa. Outro fator que contribuiu para este resultado foi o aumento da *escolaridade* dos moradores do local, pois os informantes na pesquisa de Almeida (2006) possuem entre quatro a onze anos de escolaridade.

Na próxima seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos que serviram de base para esta pesquisa. Por fim, apresentamos uma breve reflexão sobre os fatores linguísticos e extralinguísticos, como possíveis condicionadores de presença ou ausência de CV de P6 na amostra utilizada, bem como as hipóteses de caráter linguístico e extralinguístico que, por sua vez, são formuladas em termos de respostas aos grupos de fatores controlados nesta dissertação.

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) é amplamente utilizada para análise de fenômenos em variação ou mudança nas línguas, considerando fatores linguísticos e extralinguísticos, que possam estar motivando-as. Assim, tomamos como base essa Teoria para analisarmos a marcação da concordância verbal (CV) em P6 na fala vernácula da comunidade remanescente do quilombo Rio das Rãs, Bahia.

Nesta seção, apresentamos o percurso metodológico utilizado para lidar com os dados empíricos e a descrição dos resultados. Em seguida, descrevemos a metodologia deste trabalho, com a seguinte ordem: o *corpus* da pesquisa, os critérios para seleção dos informantes e os procedimentos metodológicos para a coleta de dados. Descrevemos, ainda, a variável dependente deste trabalho, bem como as hipóteses específicas para cada variável linguística e extralinguística. Todas essas etapas serão detalhadas nas próximas subseções, seguindo a ordem em que foram realizadas.

4.1 O corpus da pesquisa

Seguindo os aportes teórico-metodológicos utilizados nos estudos variacionistas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006; LABOV, 1972-2008), foi constituído um *corpus*¹⁷ da comunidade remanescente do quilombo Rio das Rãs - BA, formado por 24 entrevistas, registradas em inquéritos com duração de aproximadamente 50 a 60 minutos cada.

4.2 Seleção dos Informantes

Para a escolha dos informantes, observamos os seguintes critérios:

- (i) Ter nascido no quilombo Rio das Rãs;
- (ii) Residir no quilombo;
- (iii) Ter pais nascidos na comunidade.

¹⁷ A constituição desse *corpus* foi iniciado pelo professor Danilo da Silva Santos, doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia, *campus* Bom Jesus da Lapa e membro do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

A partir dos critérios levantados, a amostra foi assim estratificada:

1. *Sexo:*

(a) Masculino: 12 informantes

(b) Feminino: 12 informantes

2. *Faixa etária:*

(a) 25 a 35 anos: 8 informantes

(b) 45 a 55 anos: 8 informantes

(c) mais de 65 anos: 8 informantes

3. *Escolaridade:*

(a) sem escolaridade

(b) semi-alfabetizado

4. *Rede de relações sociais:*

(a) local

(b) dispersa

Assim, mediante os critérios elencados, obtivemos o seguinte quadro de informantes:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes por sexo, faixa etária, escolaridade e rede de relações sociais

(continua)

Informantes	Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Redes de relações sociais
I.A.N	M	32	Sem escolaridade	03 meses
M.M.S.F	M	29	Sem escolarizado	1 mês
GFS	M	29	Semialfabetizado	04 anos
MRB	M	39	Semialfabetizado	05 anos
MAX	F	30	Semialfabetizado	02 anos
ICSS	F	28	Semialfabetizado	03 anos
AFS	F	37	Semialfabetizado	04 anos
IRS	F	26	Semialfabetizado	03 anos
TFS	M	49	Sem escolaridade	06 meses
JBS	M	54	Semialfabetizado	02 anos
PSN	M	53	Sem escolaridade	1 ano e 6 meses

(conclusão)

Informantes	Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Redes de relações sociais
EJS	M	43	Semialfabetizado	05 anos
D.A.O	F	51	Sem escolaridade	08 meses
A.N.S.B	F	45	Sem escolaridade	03 meses
J.A.S	F	45	Sem escolaridade	1 ano
I.R.S	F	53	Sem escolaridade	1 ano
A.D.S	M	66	Sem escolaridade	02 meses
A.P.S	M	86	Sem escolaridade	1 ano
E.B.S	M	65	Sem escolaridade	Nenhuma vez
J.F.C	M	65	Semialfabetizado	2 anos
A.L.S	F	65	Sem escolaridade	08 meses
V.A.S	F	70	Sem escolaridade	06 meses
F.F.S	F	65	Sem escolaridade	03 meses
L.F.S.S	R	70	Sem escolaridade	03 meses

Fonte: Elaboração própria.

4.3 Instrumentos de coleta

Para a realização das entrevistas, os entrevistadores preencheram uma ficha sobre os perfis sociais dos informantes e estes, por sua vez, concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para que pudessem participar das entrevistas, conforme prescreve o Comitê de Ética, conforme protocolo expedido pelo CEP/CONEP Nº 73233317.8.0000.0055.

Após uma prévia aproximação de vivência dos entrevistadores com os moradores da comunidade, as entrevistas foram realizadas com auxílio de um gravador de voz modelo Sony PX-240.

4.4 As entrevistas

Os dados elencados na formação do *corpus* da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs foram coletados por alunos do Programa de Pós-Graduação em Linguística PPGLin/UESB, estudantes bolsistas PIBIC/UFOB (Universidade Federal do Oeste da Bahia Bom Jesus da Lapa) e pesquisadores veiculados ao Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica

e Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Vitória da Conquista.

As entrevistas, colhidas no ambiente da comunidade (casas dos moradores e locais de trabalho), foram do tipo entrevistador/informante, conversando sobre “narrativas vida”. Nos inquéritos foram abordados temas como: *família, trabalho, religião, infância, festas, estudo, morte, doenças, costumes, uso de mídias, escolaridade, entre outros*. Antes de iniciar a gravação da entrevista, os entrevistadores preencheram uma ficha contendo as características sociais dos informantes: *nome, endereço completo, idade, profissão, exposição à mídia, nível de escolaridade, sexo, número de filhos, naturalidade, estada fora da comunidade e estado civil*.

4.5 Levantamento e transcrição dos dados

No processo de levantamento dos dados, começamos com a audição do material coletado, procedendo, em seguida, à transcrição das entrevistas em áudio, através do Programa *Transcriber* 2.0. Com os dados em mãos, selecionamos as ocorrências de construções envolvendo a concordância verbal de P6 encontradas na fala dos nossos informantes e as codificamos de acordo a Proposta da Chave de Transcrição¹⁸ do projeto Vertentes do Português (LUCCHESI, 2001), para o tratamento estatístico. Em sequência, esses dados foram submetidos ao Programa Estatístico *Goldvarb X*, cujo objetivo foi analisar em que medida os fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam a concordância verbal de terceira pessoa do plural ou P6 na fala vernácula da comunidade quilombola Rio das Rãs – BA.

O Programa *Goldvarb* forneceu, número de ocorrências, frequências e pesos relativos referentes à influência dos fatores que selecionamos como possíveis favorecedores ou não da concordância verbal no fenômeno em estudo.

Na próxima subseção serão expostas as variáveis dependente e independentes para análise desta pesquisa.

¹⁸ A chave de transcrição do Projeto Vertentes pode ser acessada através do seguinte link: http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf.

4.6 Variável dependente

Considerando que a língua é motivada por fatores internos e externos ao sistema linguístico e a fim de que os dados pudessem ser analisados pelo Programa *Goldvarb X*, estabelecemos as variáveis de natureza linguística e extralinguística a serem estudadas neste trabalho. Assim, selecionamos a concordância verbal de terceira pessoa do plural como exemplo de uma variável dependente nos moldes labovianos, motivada tanto por grupo de fatores internos, bem como fatores externos. Desse modo, consideramos essa variável como binária, constituída por duas variantes: (+) presença do morfema de 3ª pessoa do plural e (-) ausência do morfema de 3ª pessoa do plural. Seguem alguns exemplos do nosso *corpus* para ilustrar o uso variável da concordância verbal:

3. (a) Os meninos *são* bonitos. (IAN¹⁹, 32 anos, Rio das Rãs)
- (b) Meus pais *tá* aqui. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

4.6.1 Variáveis linguísticas independentes

As variáveis linguísticas são mecanismos relevantes para analisar, descrever e explicar a ocorrência de uma ou outra variante dentro de uma comunidade de fala. Nesse sentido, a marcação da regra de concordância verbal pode ocorrer devido a fatores linguísticos e extralinguísticos, conforme mencionado algumas vezes nesta dissertação. Na análise da variável dependente deste estudo, controlamos oito variáveis linguísticas. Nesse sentido, foram consideradas as seguintes variáveis linguísticas:

- a) *Realização e posição do sujeito;*
- b) *Concordância nominal no sujeito;*
- c) *Indicação do plural no SN sujeito;*
- d) *Caracterização semântica no sujeito;*
- e) *Tempo e modo verbais;*
- f) *Tipo de verbo;*
- g) *Saliência fônica;*
- h) *Forma do último constituinte do SN.*

¹⁹ As letras referem-se ao nome e sobrenome dos informantes da presente dissertação.

Nas subseções a seguir, apresentaremos o papel que cada uma delas desempenha dentro do processo de variação, para que na análise dos resultados comparemos e tracemos o perfil linguístico da comunidade em análise.

4.6.1.1 Realização e posição do sujeito

A influência da posição do sujeito em relação ao verbo anteposto ou posposto a ele pode favorecer a ausência ou presença da concordância verbal. Essa variável foi organizada conforme os fatores abaixo e seus respectivos exemplos:

4. *Sujeito imediatamente anteposto ao verbo:*

*Eles **vão** vestir aquelas ... aquelas ropona.* (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

5. *Sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes:*

*As mulheres não **tinham** ... não tinha vazia.* (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

6. *Sujeito anteposto ao verbo com uma relativa:*

*Essas pessoas que **procuraram**, sou uma pessoa conhecida né.* (TFS, 49 anos)

7. *Sujeito não-realizado (tem que ser referencial e determinado):*

*Eles **casaram** e **Ø foram** para São Paulo.* (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

8. *Sujeito imediatamente posposto:*

***Chegou** os **fi deles**.* (ADS, 66 anos, Rio das Rãs)

9. *Sujeito posposto separado por um ou mais constituintes:*

***Voltou** de fora os **quatro professores**.* (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

Em relação à distância entre o sujeito e o verbo, podemos verificar que, quanto mais próximos estiverem, maiores as chances de ocorrerem marcas de concordância verbal de P6. Por outro lado, quando a distância entre eles for maior, aumentar-se-ão as chances de não acontecer marcas de concordância verbal (ANJOS, 1999; MONGILHOTT, 2009; OLIVEIRA, 2005; RESENDE, 2006).

A posição do sujeito em relação ao verbo tem se mostrado como um fator significativo na marcação da concordância verbal de P6. O fato de o sujeito vir anteposto ao verbo possibilita a ocorrência da variante padrão; já o sujeito posposto ao verbo desfavorece a marcação da regra. Desse modo, nesta variável seguimos a hipótese de que há maior tendência de marcação da concordância verbal de P6 em contextos em que o sujeito esteja anteposto ao verbo.

4.6.1.2 A concordância nominal no sujeito

A concordância nominal no sujeito pode ser dividida em dois grupos de fatores: *SN com concordância* e *SN sem concordância*. Nessa variável, podemos verificar que há maior

possibilidade de o falante realizar a concordância verbal no SN, caso os elementos do sujeito venham com marcas de plural (SN com concordância); ao contrário, se o SN que forma o sujeito não apresenta marcas de concordância, o verbo tende a permanecer com marca zero (SN sem concordância). Nessa variável, consideramos os seguintes fatores:

10. *SN com concordância:*

(a) *Os meus filhos **estão*** em São Paulo. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

(b) *Os meninos **foram*** pra escola. (EJS, 54 anos, Rio das Rãs)

11. *SN sem concordância:*

(a) *Os meu colega **foi*** embora tudo. (ANSB, 45 anos, Rio das Rãs)

(b) *As menina **estuda*** aqui. (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

A realização da concordância no sintagma nominal ocorre quando o verbo concordar com o sujeito, pois o fato de os elementos que constituem o sujeito estarem no plural favorece a marcação da concordância. Por outro lado, quando esses elementos estão no singular, normalmente, não há marcação da concordância verbal. Martha Sherre (1988, p. 182) afirma que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. Desse modo, partimos da hipótese de que quando há marcas de plural no SN nominal que constitui o sujeito, há probabilidade de aplicação da regra de marcação morfológica de concordância verbal entre o sujeito e o verbo também na pesquisa empreendida nesta dissertação.

4.6.1.3 Indicação do Plural no SN Sujeito

O papel desta variável é importante para mostrar a realização morfológica do plural no SN sujeito através das seguintes marcações:

12. *Mórfica:* pode ocorrer através da marcação dos elementos que formam o sujeito com o acréscimo do morfema de número – s, tanto no núcleo como no determinante:

*As coisas **estão*** melhorando. (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

13. *Com numeral:* a marcação pode ocorrer quando o sujeito for composto por um numeral e um nome pluralizados):

*Dois quilos **são*** suficientes. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

14. *Lexical:* ocorre quando o SN sujeito for formado por um substantivo coletivo:

*O pessoal **chegaram***. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

15. *Com quantificador:* quando o SN sujeito for formado por um quantificador pluralizado pode ser que seja favorecida a marcação do verbo no plural:

*Todos **chegaram*** cedo. (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

16. *Mórfica e lexical:* tendem a favorecer a marcação do verbo no plural:

Muitos povos saíram daqui. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

Por outro lado, Souza (2009, p. 141) afirma que “[...] a indicação de plural no SN sujeito tem total neutralidade na aplicação geral da regra de concordância verbal, no português brasileiro, independente de a concordância ser mórfica, com a presença de um numeral ou de um quantificador”. Nesses termos, a autora afirma que estes dois fatores não são relevantes para determinar a marcação de CV de P6 em dada comunidade de fala.

Partimos da hipótese que nesta variável os elementos que formam o sujeito com o acréscimo do morfema de número – s, tanto no núcleo como no determinante pode contribuir para a marcação da concordância verbal de P6.

4.6.1.4 Caracterização semântica do sujeito

A variável *caracterização semântica do sujeito* apresenta dois fatores relevantes para a marcação da concordância verbal de P6 no português brasileiro falado: os traços semânticos [+humano] e [-humano]. Nas pesquisas variacionistas, em relação a essa variável, a probabilidade de ocorrer plural no verbo é maior quando o sujeito vier especificado pelo traço [+humano], ou seja, quando for representado por uma pessoa. Por outro lado, nessas pesquisas, os sujeitos com traço [-humano] tendem à não marcação de formas verbais de terceira pessoa do plural, ou seja, quando esse for representado por objetos ou coisas. Essa variável pode ser exemplificada da seguinte forma:

17. Traço [+humano]:

Eles me levaram para São Paulo. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

18. Traço [-humano]:

As festa antes era divertida. (APS, 85 anos, Rio das Rãs)

Podemos relacionar esses fatores ao grupo de transitividade do verbo, conforme observamos nas palavras de Rubio (2012):

A variável *traço semântico do sujeito* também está correlacionada ao grupo de fator transitividade *do verbo*, pois a seleção de sujeitos [+/- humanos] é influenciada pelo verbo. A expectativa é sempre a de que verbos intransitivos, por exemplo, selecionem argumentos [+ humanos], enquanto verbos inacusativos selecionem argumentos [+/- humanos] (RUBIO, 2012, p. 185).

Partimos da hipótese de Silva (2003) que o traço [+humano] deve favorecer a concordância verbal, já que, sendo o sujeito da oração uma pessoa, o falante deve correlacioná-lo ao verbo e à pessoa por ele indicada.

4.6.1.5 Tipo de verbo

Nos estudos linguísticos, os verbos são classificados conforme o número de argumentos que selecionam em uma determinada sentença. Seus argumentos do verbo podem ser: *externo*, representado por um sujeito, e *interno*, identificado pelo complemento (DUARTE; BRITO, 2003). Para Souza (2012, p. 153) “[...] o tipo de verbo está diretamente relacionado com o tipo de argumento selecionado pelo verbo para desempenhar a função de sujeito da oração”.

De acordo com Duarte (2003),

a classe dos verbos podem distinguir-se três grandes subclasses, com base nas propriedades de seleção categorial e semântica de cada item lexical verbal: a subclasse dos verbos principais, a subclasse dos verbos copulativos e a subclasse dos verbos auxiliares (DUARTE, 2003 p. 295-296).

Sendo assim, considera-se a seguinte classificação dos verbos para compreender a influência dessa variável na marcação da concordância verbal, seguindo Duarte (2003) e Duarte e Brito (2003):

19. *Transitivos*²⁰: Segundo Duarte (2003, p. 298), “[...] são verbos que selecionam um argumento externo e um argumento interno com relação gramatical do objeto direto”:

*Os quilombolas **quebrou** tudo.* (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

20. *Locativos*: (que fazem parte dos estativos, conforme Duarte e Brito, 2003). [...] trata-se de verbos que selecionam um argumento com papel temático de Locativo, que aceitam duas variantes em que o argumento com tal papel temático tem relações gramaticais diferentes (DUARTE, 2003, P.306).

*Juno **mora** ni São Paulo.* (EBS, 65 anos, Rio das Rãs)

21. *Inergativos*: são verbos que selecionam um argumento externo, isto é um sujeito²¹.

*Meus fis **trabalha** muito.* (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

22. *Inacusativos*²²: “[...] são verbos que se caracterizam por selecionar apenas um argumento interno, gerado na posição de complemento, mas que ocorre com a relação gramatical de

²⁰ A autora considera, ainda, os verbos *ditransitivos*: (1) Antônio deu uma rosa a Mara; os *transitivos de três lugares*: (2) Ele partilhou o almoço com o amigo; os *transitivos predicativos*: (3) Ele repartiu o bolo; os *verbos de dois lugares com argumento interno objeto indireto*: A exposição agradou aos críticos; *verbos de dois lugares com argumento interno obliquo*: O presidente assistiu à final da Taça de Portugal.

²¹ Segundo a Gramática Tradicional, esses verbos apresentam sentido completo e são reconhecidos como verbos intransitivos.

²² Todos os verbos apresentados até aqui pertencem à classe dos verbos *principais*. Os verbos *copulativos* e os *auxiliares*, discutidos a seguir, constituem outras classes de verbos.

sujeito” (DUARTE, 2003, p. 300). São considerados verbos intransitivos na gramática normativa:

*Os pais de eles **morreu**.* (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

23. *Copulativos*: (são denominados predicativos, de cópula ou de ligação a que a tradição gramatical luso-brasileira chamava de significação indefinida, Conforme Duarte (2003)). São verbos que selecionam apenas semanticamente um argumento interno – uma oração pequena, cujo núcleo pode ser adjetival, nominal, preposicional ou adverbial (DUARTE, 2003, p. 302).

*Meus fis **são** bons pra mim.* (JFC, 65 anos, Rio das Rãs)

24. *Auxiliares*: esse tipo de verbo ocorre numa sentença quando há dois verbos, um sendo auxiliar e outro, auxiliado. Os verbos auxiliares não selecionam argumentos; daí não possuem grelha temática.

*Eles não **têm** feito os trabalhos aqui no Quilombo.* (ICS, 28 anos, Rio das Rãs)

Considerando o exposto nesta subseção, o tipo de verbo, principalmente, os copulativos, podem se mostrar como um fator relevante para explicar a marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural ou P6. Segundo Silva (2005, p. 256), esses verbos são influenciados pelo material morfossintático, envolvido, agindo sobre eles o peso da saliência fônica.

Nesta variável assumimos a hipótese levantada por Monguilhott, (2001) que esta variável está relacionada ao tipo de argumento que os verbos selecionam para figurarem como sujeito na sentença e também à posição que este sujeito irá ocupar.

4.6.1.6 Tempo e modo verbais

Ao estudar esta variável, parte-se do princípio de que *tempo e modo verbais* podem contribuir na marcação da concordância do verbo com o sujeito em uma determinada comunidade de fala. Isso porque em alguns tempos e modos verbais, talvez algumas formas sejam mais salientes que outras. De acordo com Souza (2009, p. 151), “[...] alguns tempos e modos verbais são mais marcados morfológicamente e, desse modo, o tempo e modo verbais poderia estar relacionado à saliência fônica e determinar se a forma verbal teria mais ou menos concordância”. Os fatores dos tempos e modos verbais podem ser distribuídos da seguinte forma:

25. *Presente do indicativo*:

*Eles não **vão** sempre pra roça.* (JFC, 65 anos, Rio das Rãs)

26. *Pretérito imperfeito do indicativo*:

*Eles **achavam** os professores bons.* (ICS, 28 anos, Rio das Rãs)

27. *Pretérito perfeito do indicativo:*

Eles **morreu** no ri. (EBS, 65 anos, Rio das Rãs)

28. *Futuro do presente:*

Eles **estarão** na porta da escola. (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

29. *Futuro do pretérito:*

Eles **fariam** a torta de maçã. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

30. *Presente do subjuntivo:*

Talvez eles **comam** a sopa. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

31. *Pretérito imperfeito do subjuntivo:*

Se eles **pudessem**, durmiria o dia todo. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

32. *Futuro do subjuntivo:*

Quando eles **forem**, chorei muito. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

A hipótese levantada por estudiosos e assumida neste trabalho é que os tempos e modos verbais do indicativo contribuem para a aplicação da regra de concordância verbal de terceira pessoa do plural, ao contrário dos tempos verbais do subjuntivo, que tendem à não marcação no verbo na terceira pessoa do plural.

4.6.1.7 Saliência Fônica

A *saliência fônica* tem se apresentado como uma variável significativa nas análises variacionistas, podendo explicar a variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural no Português Popular do Brasil (LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; SCHERRE; NARO, 1998).

Nos estudos sobre essa variável, destaca-se a oposição existente entre as formas verbais de terceira pessoa do singular e as formas de terceira pessoa do plural. Segundo Luchesi, Baxter e Silva (2009, p. 367), “[...] nesse princípio, o falante tende a fazer mais a concordância com aqueles itens lexicais que se flexionam de forma mais acentuada, do ponto de vista fônico, conjugando-se a posição do acento e a substância fônica do morfema flexional”.

Nesse contexto, encontram-se como exemplo as formas dos verbos *é/são*, pois o *verbo ser* sofre alteração em seu radical quando passa do singular para o plural – a oposição dessas formas verbais ocorre devido à existência de dois morfemas foneticamente distintos. Sendo assim, as formas verbais mais salientes (oposição acentuada) tendem a favorecer marcas de concordância verbal, enquanto as formas menos salientes (oposição não acentuada) não as favorecem.

Nesta pesquisa, usa-se a divisão estabelecida por Naro (1981, p. 74) para analisar a “saliência fônica”:

NÍVEL 1: Oposição não acentuada

33. *Nasalização sem envolver qualidade da vogal na forma plural*: a diferença entre singular e plural só na nasalidade, não há marcação nas formas verbais. Esses verbos terminam em “e” (come/comem; sabe/sabem).

(a) Ele *come* muito.

(b) Eles *comem* muito.

34. *Nasalização que envolve qualidade na forma plural*: a diferença entre singular e plural leva à mudança na qualidade da vogal da forma plural (ganha/ganham; gosta/gostam).

(a) Ele *fala* muito.

(b) Eles *falam* muito.

35. *Acréscimo de segmento no plural*: quando aparece acréscimo de elementos no plural para marcar a oposição das formas singular e plural (quer/querem diz/dizem).

(a) Como saber se ele *diz* a verdade.

(b) Como saber se eles *dizem* a verdade.

NÍVEL 2: Oposição acentuada

36. *Ditongação e/ou mudança na qualidade*: quando aparece uma forma vocálica tônica no singular, em oposição a um ditongoônico nasal no plural (tá/tão; vai/vão).

(a) Ele *tá* aqui.

(b) Eles *estão* aqui.

37. *Acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade*: quando o acentoônico recai na vogal temática (viu/viram; foi/foram).

(a) Ele *bateu* com força a porta.

(b) Eles *bateram* com força a porta.

38. *Envolve acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa*: quando as formas são completamente distintas na oposição das formas singular e plural (veio/vieram; é/são).

(a) Ela é bonita.

(b) Elas são bonitas.

Para Silva (2003, p. 157), “a *saliência fônica* estaria atuando como um elemento contribuinte para a aquisição da regra de concordância, sendo mais sensível nos ambientes linguísticos em que a diferença singular/plural é maior”. Sendo assim, a atuação dessa variável no fenômeno da concordância verbal de P6 é relevante para compreender até que ponto a oposição entre as formas do verbo no singular e no plural possibilitará a marcação da

concordância verbal de P6. Assumimos a hipótese de que quanto mais saliente for maior a diferença material fônica entre o singular e o plural dos verbos, maior probabilidade de eles apresentarem marcas formais de plural para concordar com seus respectivos sujeitos (NARO, 1997).

4.6.1.8 Forma do último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo

Os estudos realizados sobre esta variável na Sociolinguística Variacionista têm como objetivo analisar a relação do último elemento do SN sujeito com o verbo, ou seja, se o último constituinte do sujeito for pluralizado pelo falante, este, por sua vez, tenderá à marcação do verbo no plural. Os fatores que compõem esse grupo são listados e exemplificados a seguir:

39. Núcleo com marca de plural:

Os *meninos* **estudam** aqui. (JFC, 65 anos, Rio das Rãs)

40. Núcleo sem marca de plural:

As *pessoa* **participa** bem dos cultos. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

41. Último constituinte do SN sem marca de plural:

Os filhos dos *menino* **toma** banho no rio. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

42. Pronome eles:

Eles **saíram** da bera do ri. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

43. Numeral:

Os *dois* filho meu **moram** em São Paulo. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

Na análise desta variável, Marta Sherre (1989, p. 182) parte do “[...] princípio de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, e que a presença de -s no SN favoreça a marca plural do verbo e que um sujeito com o último constituinte com marca zero de plural se some a um verbo com marca zero de plural”. Nessa perspectiva, observamos a relevância deste fator na marcação da concordância verbal de P6.

Desse modo, encerramos esta seção, com as discussões sobre as influências de fatores linguísticos sobre a concordância verbal de P6, já analisadas por alguns pesquisadores desse fenômeno. Vale ressaltar que, na seção dedicada à análise dos dados, retornaremos a abordar muitas das questões aqui tratadas, com o intuito de embasar nossas expectativas para o comportamento das variáveis linguísticas *saliência fônica, tempos e modos verbais, realização e posição do sujeito, concordância nominal no sujeito e tipo de verbo*, selecionadas nesta dissertação. Posto isso, passamos, na subseção seguinte, a discutir o papel dos fatores extralinguísticos sobre a variação na CV com P6.

4.6.2 Variáveis extralinguísticas independentes

Nesta subseção, abordaremos os fatores extralinguísticos relevantes para o nosso objeto de estudo, bem como as hipóteses que lançamos para o comportamento dos fatores extralinguísticos *sexo, faixa etária, escolaridade e redes de relações sociais*, controlados neste estudo. Desse modo, estas variáveis vêm ganhando visibilidade nos estudos linguísticos por serem consideradas elementos que condicionam a variação e a mudança linguística.

Em nosso trabalho, para analisarmos o fenômeno linguístico concordância verbal de P6, levamos em consideração os fatores extralinguísticos que podem favorecer ou inibir a variação ou a mudança. Segundo Rubio (2009, p. 2), “[...] entre os fatores externos ao sistema linguístico, alguns são inerentes ao próprio indivíduo e outros, às circunstâncias que envolvem o falante ou o evento de fala”.

Apresentamos, a seguir, as características específicas de cada um dos grupos de fatores extralinguísticos: *escolaridade, sexo, faixa etária e rede de relações sociais*, bem como a influência que eles parecem exercer supostamente sobre os fatores linguísticos.

4.6.2.1 Sexo

Diversas pesquisas já mostraram a influência do fator sexo na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres. A atuação desse fator nas pesquisas sociolinguística mostra a mulher como mais atuante ao uso das formas linguísticas de maior *prestígio*, cabendo a ela as mudanças em direção ao padrão. Enquanto os homens demonstram uso de formas *conservadoras*, próprias do falar local. Nesse contexto, mulheres e homens apresentam diferenças ao usar um determinado fenômeno linguístico.

Nos estudos realizados em centros urbanos, as mulheres apresentam uma tendência ao uso da *variante padrão*. Neste caso, as *variantes padrão* são aquelas que pertencem às variedades cultas da língua. Já os homens vêm apontando uma tendência ao uso das *variantes não padrão*, isto é, aquelas destituídas da não marcação de plural entre os falantes de uma comunidade, em se tratando do fenômeno em questão neste estudo. A *variante padrão* é vista como *variante de prestígio* em uma dada comunidade, enquanto as *não padrão* é muitas vezes *estigmatizada*. Por outro lado, nas comunidades remanescentes de quilombos, as *variantes não padrão* são consideradas como *conservadoras*, fazendo parte do repertório linguístico local do falante, ao passo que as *variantes padrão* são vistas como inovadoras, a exemplo à marcação de plural. Para Labov (1972-2008, p. 139), “[...] os padrões de prestígio mudam em função dos

acontecimentos sócio históricos”. Neste trabalho, consideraremos a ausência de marcas de plural, vistas como variantes não padrão, conservadoras, e a presença de marcas de plural, consideradas como variantes padrão, inovadoras.

Nesse tipo de comunidade, os homens tendem a liderar as mudanças que refletem uma influência dos padrões de comportamento linguístico exteriores à comunidade (Cf. LUCCHESI, 2009). As pesquisas realizadas na área da Sociolinguística têm mostrado que homens e mulheres em uma determinada comunidade de fala apresentam diferenças linguísticas a nível fonológico, morfossintático e lexical.

Quanto à variável social relacionada ao sexo/gênero dos informantes, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, ela [sic] preferem usar as variantes valorizadas socialmente. É como se as mulheres fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola. Esses resultados, no entanto, requerem cautela, afinal, os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão, a todo momento, sofrendo transformações (COELHO e et al, 2015, p. 44).

Nas comunidades afro-brasileiras, os estudos sociolinguísticos apontam que as mulheres lideram um comportamento linguístico conservador. Esse comportamento se justifica pelo fato de que saem poucas vezes da comunidade, sendo a sua cultura desenvolver trabalhos domésticos (casa e roça) e cuidar dos filhos. Conforme Silva (2003, p. 273), “[...] os espaços legítimos da presença feminina são mais restritos do que os espaços masculinos nas comunidades rurais e urbanas do interior da Bahia”. Os homens das comunidades remanescentes de quilombo tendem a ser inovadores, ou seja, caminham em direção ao uso da variante padrão. Isso pode ser explicado pelo fato de eles saírem da comunidade para trabalhar em cidades vizinhas ou em outros estados e participarem de associações, assim trazem marcas linguísticas da variante padrão à fala da comunidade.

Além disso, pode-se observar que, nas comunidades afro-brasileiras marcadas pelo isolamento geográfico, homens e mulheres não exercem as mesmas funções. Cada um exerce um papel social diferente. Neste trabalho, assumimos a hipótese de que as mulheres tendem ao uso de marca de plural nos verbos, em relação aos falantes do sexo masculino.

4.6.2.2 Faixa etária

Esta variável representa um importante fator na análise de um determinado fenômeno linguístico, pois, observando-se a fala de pessoas de grupos etários distintos, pode-se apontar

ou não a *mudança em tempo aparente*. Conforme discutido na seção 2, caso a forma linguística inovadora apareça na fala dos mais jovens, poderá estar indicando uma mudança em direção à preferência por essa forma ou, por outro lado, poderá consistir numa variação própria da gradação etária (MONTEIRO, 2000)²³.

Ao analisar a fala de um indivíduo na perspectiva sociolinguística, os mais jovens tendem a desenvolver um comportamento linguístico inovador, enquanto os mais velhos conservam aspectos linguísticos próprios de sua comunidade. Isso porque os jovens estão expostos a padrões externos à comunidade, uma vez que saem desta para trabalhar, passear e participar de reuniões de associações, entre outros afazeres. Silva (2005, p. 278), ao fazer referência às comunidades remanescentes de quilombo, afirma que “[...] os jovens já ingressaram ou desejam ingressar no mercado de trabalho, tendentes, portanto, a mudanças adaptativas em seu comportamento”. Os mais velhos, devido à idade, dificilmente saem da comunidade, pois a maioria é aposentada e gosta de permanecer em sua comunidade. Nossa hipótese é que os mais jovens, em decorrência de sua mobilidade, em seu repertório linguístico irão em direção à variante padrão em relação aos mais velhos.

Isoladamente, a faixa etária não pode exercer muita influência sobre o processo de variação ou mudança de um dado fenômeno, sendo mais decisiva se considerada em consonância com outros grupos de fatores extralinguísticos, tais como: *rede de relações sociais, sexo e escolaridade*.

A análise realizada neste trabalho é feita em tempo aparente, considerando três faixas etárias:

Faixa I: 25 - 35 anos;

Faixa II: 45 - 55 anos;

Faixa III: mais de 65 anos.

Esta divisão das faixas etárias poderá nos revelar quais as variantes que estão entrando na comunidade de fala, sendo mais utilizadas na fala das faixas etárias dos mais jovens, e quais estão sendo conservadoras na fala dos mais velhos.

²³ Nesta variável, o pesquisador deve levar em conta o estudo em *tempo real*; assim vai compreender o papel da mudança em um determinado fenômeno linguístico em períodos distintos de tempo.

4.6.2.3 Escolaridade

A escola é uma instituição social que exerce função relevante na vida de um indivíduo, inclusive, podendo influenciar no comportamento linguístico do falante no sentido de estimular o emprego de variantes padrão que possuam um maior prestígio junto à sociedade.

A variável escolaridade pode agir como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2015, p. 51). Nesse sentido, o nível de escolaridade dos informantes pode ser medido entre aqueles que tinham tido qualquer tipo de contato com o sistema de educação e aqueles que não tiveram qualquer tipo de experiência com o ensino.

Para Antonino (2009, p. 229), “[...] nas comunidades afro-brasileiras estudadas, o acesso à instituição escolar é ainda muito reduzido e as condições de estudo bastante precárias, então a maioria da população tem pouca ou nenhuma escolaridade”. Dessa forma, este quadro evidencia que nessas comunidades afro-brasileiras, os informantes desenvolvem trabalhos informais e não têm condições de frequentar a escola durante o dia. Devido ao trabalho, esses afro-descendentes frequentam a escola por pouco tempo e desse contato mínimo com a escola, na maioria das vezes, aprendem apenas a *assinar o próprio nome*, pois para eles é muito importante para poderem tirar seus documentos e terem acesso a certos serviços e benefícios.

Segundo Silva (2005, p. 296), “o dialeto da escola apresenta ao falante do português popular uma forma linguística prestigiada aceita como ‘correta’ e padronizada como modelo para os que quiserem ascender socialmente”. Nesse sentido, a escola trabalha com a variante padrão como a única forma correta e essa, por sua vez, pode atuar sobre o comportamento linguístico dos falantes de uma dada comunidade de fala.

Conforme Pereira e Araújo (2016, p. 5), “[...] a escola pode atuar fortemente nas sociedades, em função das línguas, não somente quando busca oferecer aos nossos estudantes contato com variedades prestigiadas, mas também diante de processos de variação e mudança linguística”. Verifica-se, assim, o papel da escola frente ao comportamento linguístico dos alunos, uma vez que essa instituição valoriza a variante padrão, deixando de lado a variante não padrão.

Nesta pesquisa, a variável escolaridade²⁴ foi controlada mediante estratificação dos falantes em dois níveis diferentes: *sem escolaridade* e *semiescolarizados*. Esses níveis são

²⁴ Na variável escolaridade, fez-se a distinção entre falantes *sem escolaridade* e *semiescolarizados*, sendo estes últimos aqueles que tiveram qualquer experiência com o universo do letramento, mesmo que o resultado disso se resumisse à capacidade de assinar o nome (LUCHESE, 2009).

relevantes para identificar as formas linguísticas ocorridas no decorrer do tempo na comunidade, pois, quanto mais anos de escolaridade o falante possui, aumenta a chance de ele fazer uso da variante padrão exigida pela escola.

4.6.2.4 Rede de relação social

As redes de relações sociais²⁵ têm demonstrado influência significativa sobre o uso que os falantes fazem da língua, ou seja, esse fator contribui na inovação de uma forma linguística em uma comunidade, pois o falante que sai de seu espaço de origem por mais de 06 (seis) meses, em contato com grupos de outras localidades traz traços linguísticos destas para a comunidade de origem.

A influência das redes sociais no comportamento linguístico dos falantes começou a ser estudada a partir dos anos 1970, quando:

[...] os usos linguísticos que os membros da comunidade encontravam nas regiões vizinhas ou nos pequenos centros urbanos regionais não deveriam divergir muito dos seus ou, pelo menos, não deveriam provocar um maior efeito. A influência maior se deu, então, a partir do contato direto com o padrão dos grandes centros urbanos, em função até das atuais condições de maior difusão linguística e cultural. É nesse contexto que se pode compreender melhor o nivelamento linguístico de todas as regiões do país a partir da ação reitora das grandes metrópoles brasileiras (LUCHESE, 2009, p. 314-315).

As redes são fatores que determinam o comportamento linguístico de um grupo, ou uma comunidade, pois as mudanças linguísticas ocorrem na comunidade, muitas vezes, em decorrência da interação de seus membros, sobretudo os falantes mais jovens, com membros de outras comunidades, trazendo para o meio influências externas. Sendo assim, os falantes que viveram por mais (6) de seis meses fora da comunidade passariam a utilizar mais ou maior frequência uma variante padrão na fala. Assim, levantamos a hipótese de que os falantes com uma rede social dispersa (saiu da comunidade por mais de seis meses) tendem a realizar a marcação da CV de P6, ao contrário daqueles falantes com relações mais locais. Concluímos, assim, a exposição dos fatores condicionadores linguísticos e extralinguísticos considerados na análise dos dados.

²⁵ As redes de relações são divididas em dois fatores: local (*l*) e dispersa (*d*). Local significa que o informante sempre morou na comunidade e dispersa significa que o informante passou mais de seis meses fora da comunidade (geralmente por motivo de trabalho) (LUCHESE, 2009).

Na próxima seção, apresentaremos as análises dos resultados relacionados às variáveis controladas em nosso trabalho. Constatamos que, quatro variáveis linguísticas mostraram-se significativas pelo Programa *Goldvarb X*: *Saliência fônica, realização e posição do sujeito, concordância nominal no sujeito, tempo e modo verbais e tipo de verbo*; e três variáveis extralinguísticas: *faixa etária, sexo e redes de relações sociais*. Após a análise quantitativa dos dados, realizamos também o cruzamento de algumas variáveis extralinguísticas, a fim de verificarmos a influência dessas variáveis diante da marcação de CV de P6.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, com base na Teoria da Variação Laboviana (LABOV, 1972-2008), apresentamos os resultados obtidos na análise do fenômeno da concordância verbal de P6 na fala vernácula da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs – BA. Para tanto, selecionamos previamente oito grupos de fatores linguísticos e cinco grupos de fatores extralinguísticos, todos correlacionados à variante concordância verbal da terceira pessoa. Os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos controlados estão distribuídos da seguinte forma:

Quadro 2 – Distribuição de grupos de fatores considerados

Variáveis Linguísticas	Variáveis extralinguísticas
- Realização e posição do sujeito	- Faixa etária
- Concordância nominal no sujeito	- Sexo
- Indicação do plural no SN sujeito	- Redes de relações sociais
- Caracterização semântica no sujeito	- Escolaridade
- Tipo de verbo	- Exposição à mídia
- Tempo e modo verbais	
- Saliência fônica	
- Forma do último constituinte do SN que está antes do verbo	

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados obtidos através da quantificação das ocorrências de variáveis controladas na fala de 24 informantes totalizaram 993 ocorrências de concordância verbal. A análise dos resultados é apresentada por meio de tabelas e gráficos elaborados através de dados fornecidos pelo programa estatístico *Goldvarb X*, nos quais apresentamos o comportamento dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos significativos para a presença do morfema de terceira pessoa do plural nos dados de fala da comunidade estudada. Alguns fatores de cunho social e linguístico foram excluídos pelo Programa *Goldvarb X*, por apresentarem baixa relevância estatística, tais como: *escolaridade, nível de exposição à mídia, forma do último constituinte do SN que está antes do verbo, indicação do Plural no SN Sujeito e caracterização semântica no sujeito*.

Em seguida, serão analisados os resultados dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, em comparação aos de Silva (2003) e Almeida (2006) em comunidades remanescentes de quilombo.

5.1 Análise das variáveis linguísticas

É de extrema importância a análise das variáveis linguísticas, para detectar principalmente se elas são mais propensas ou não a atuação da marcação da concordância verbal de P6. Assim, para a análise da amostra de fala desta comunidade, o Programa Estatístico *GoldVarb X* apontou por ordem de significância, as variáveis linguísticas que possivelmente influenciaram a aplicação da regra em P6:

- a) *Saliência fônica;*
- b) *Tempo e modo verbais;*
- c) *Realização e posição do sujeito;*
- d) *Concordância nominal no sujeito;*
- e) *Tipo de verbo.*

Como mencionado, optamos pela eliminação do fator em que o *knockout* aparece ou pelo amálgama, isto é, junção dos fatores que apresentaram *knockout* com outros fatores do grupo. Assim, na variável tempo e modo verbais, os fatores que apresentaram *knockout* foram: *futuro do presente do indicativo* e o *futuro do subjuntivo*. Esses fatores foram excluídos por apresentarem apenas uma ocorrência de marcação de concordância verbal de P6. O *knockout* acontece quando uma das variantes controladas ocorre de modo categórico em um determinado contexto (GUY e ZILLES, 2007). As variáveis linguísticas *indicação do plural no SN sujeito*, *caracterização semântica no sujeito e forma do último constituinte do SN* foram descartados pelo Programa *Goldvarb X*.

Conforme discutido na seção 4, estudos linguísticos têm mostrado que o fenômeno da concordância verbal constitui uma variável linguística que abrange duas variantes: presença do morfema de terceira pessoa do plural (marca de plural ou variante padrão) ou ausência do morfema de terceira pessoa do plural (marca zero ou variante não padrão), conforme, exemplificado, em (44 a) e (44 b):

44. (a) Eles *vão trabalhar* ni São Paulo. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

(b) Eles *passava* daqui pra lá [...] (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

Na rodada dos dados, obteve-se um total de 993 ocorrências, das quais 143 apresentam aplicação da regra de concordância, equivalendo a 14,4%, e 850 acontecem sem concordância, equivalendo a 85,6%, conforme demonstram os exemplos em (45 a) e (45 b), respectivamente. Esses resultados são apresentados na Tabela 2 a seguir.

45. (a) *Vocês não estão trabaiaando.* (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

(b) Quando *eles construiu* [...] (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

Tabela 2 – Aplicação da marca de concordância verbal de P6

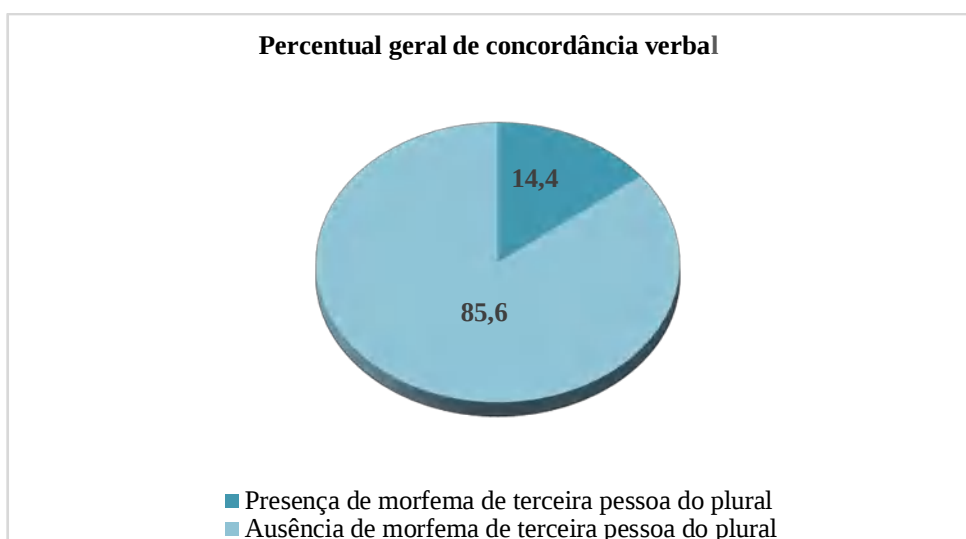
Concordância verbal de P6	Número de ocorrências	Percentual
Aplicação da regra	143/993	14,4%
Não aplicação da regra	850/993	85,6%

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos resultados apresentados na tabela 2, verificamos que na fala dos informantes da comunidade em estudo há a tendência à não marcação de terceira pessoa do plural ou P6.

Observamos que a concordância não padrão prevalece nas ocorrências, com percentual de 85,6%, enquanto a marcação de uso de concordância verbal no comportamento linguístico dos falantes traz um percentual de 14,4%. O objetivo deste trabalho é verificar se está havendo nessa comunidade uma mudança quanto à aplicação da concordância verbal (CV) em P6 na fala vernácula da comunidade quilombola de Rio das Rãs. O gráfico 1 apresenta a amostra analisada em relação à variação da CV de P6:

Gráfico 1 – Variação de CV de P6 na fala de informantes de Rio das Rãs



Fonte: Elaboração própria.

Comparando os resultados desta pesquisa aos obtidos por Silva (2003) nos estudos das comunidades afro-brasileiras isoladas do interior da Bahia: Cinzento, Helvécia e Rio de Contas, no que se refere à presença de morfema de terceira pessoa do plural ou P6, verificamos que os resultados se assemelham: 13%, 16% e 24%, respectivamente. Os resultados desse fenômeno linguístico em comunidades afro-brasileiras se devem ao contato de falantes do português com falantes de línguas africana, indígena e portuguesa na época da formação histórica dessas comunidades, o que fez com que se formasse o português popular, com a aquisição de formas não padrão (BAXTER; LUCHESSI; RIBEIRO, 2009).

Na sequência, apresentamos os resultados específicos de cada variável selecionada como significativa pelo Programa *Goldvarb X*, com seus respectivos exemplos retirados do *corpus* desta pesquisa.

5.1.1 Saliência fônica

Entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas rodadas no programa, a *saliência fônica* foi apontada como a mais relevante para o fenômeno em estudo. Neste trabalho, analisamos a oposição singular/plural, destacando-se as formas verbais [+salientes] e [-salientes].

Ao analisarmos essa variável, verificamos que as formas menos salientes (1 e 3) tendem à não marcação de concordância verbal de P6, enquanto as formas mais salientes (4 e 6) favorecem a sua marcação na fala vernácula da comunidade em estudo. Posto isso, vejam-se os resultados para os fatores que constituem a variável *saliência fônica*, representados na tabela 3:

Tabela 3 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Saliência Fônica

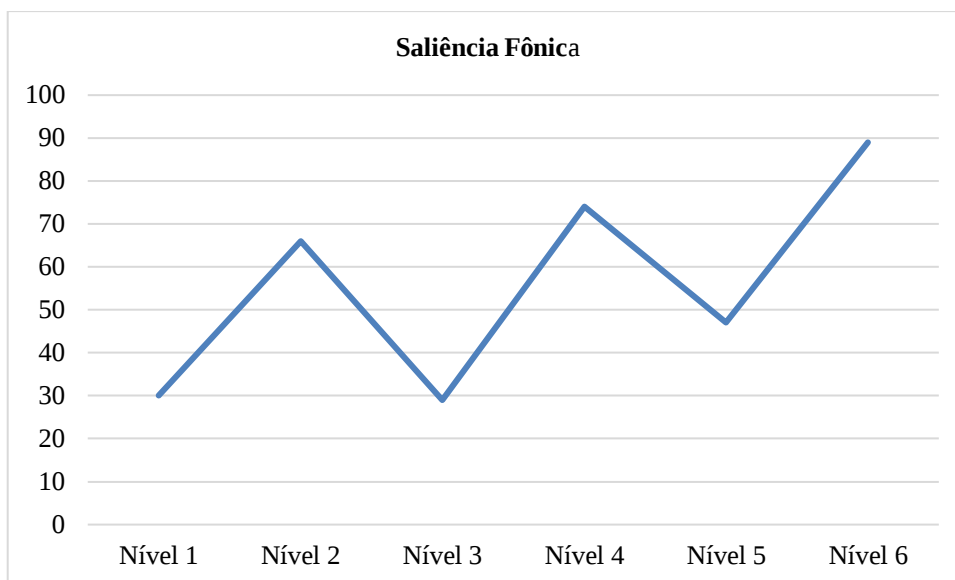
(continua)				
Posição	Nível de saliência	Ocorrências	Percentual	Peso
Fora da sílaba fônica	Nível 1 - Nasalização sem envolver qualidade (come/comem)	4/58	6.5	0.30
	Nível 2 - Nasalização com mudança de qualidade e formação de ditongo (fala/falam)	77/497	13.4	0.66
	Nível 3 - Acréscimo de segmento no plural (diz/dizem; quer/querem)	4/46	8.0	0.29

(conclusão)				
Posição	Nível de saliência	Ocorrências	Percentual	Peso
Dentro da sílaba tônica	Nível 4 - Ditongação e/ou mudança na qualidade (tá/tão; vai/vão)	27/88	23.5	0.74
	Nível 5 - Acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade (bateu/bateram; foi/foram)	4/158	2.5	0.47
	Nível 6 - Envolve acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa (veio/vieram; é/são)	21/31	59.6	0.89

Fonte: Elaboração própria.

No tocante aos resultados da tabela 2, observamos nos níveis 1 e 3 uma tendência à não marcação da concordância com pesos relativos 0.30 e 0.29, respectivamente. Curiosamente o mesmo se verifica no nível 5, no qual se constata o menor índice de realização da regra em formas que são mais salientes, peso relativo 0.47. Por outro lado, nos níveis 4 e 6, os mais salientes encontramos uma maior tendência para a aplicação da variante padrão, conforme pesos relativos 0.74 e 0.89, respectivamente.

No gráfico 2 apresentado abaixo, percebemos que os dados comprovam, de um modo geral, a hipótese para a atuação da variável *saliência fônica* sobre a variação da CV de P6 na amostra, isso porque as formas menos salientes, distribuídas no nível 1 (posição não acentuada), apresentam índices bem menores para o uso da variante com ausência de marcas de CV; ao contrário das formas mais salientes. No entanto, o nível 2 (nasalização envolvendo qualidade) apresenta marcas de P6 para o uso da variante padrão, o que pode ser explicado pela quantidade de dados existentes nesse fator, isto é, o nível que apresenta a maior quantidade de ocorrência em relação aos fatores 1 e 3, conforme verificado na tabela acima. O nível 5 também não obedece à hierarquia proposta nos estudos sobre *saliência fônica*, apresentando baixo nível de CV de P6, em relação aos fatores que fazem parte das formas mais salientes.

Gráfico 2 – Marcação da concordância de P6 na variável saliência fônica (peso relativo)

Fonte: Elaboração Própria.

Ao compararmos esses resultados com os de Silva (2003), verificamos que ambos se assemelham no que se refere aos verbos mais salientes, níveis 4, 5 e 6 (o autor amalgamou os três níveis), que apresentam percentual e pesos relativos 31% e 0.78, respectivamente. Para o pesquisador, o maior nível de saliência encontra-se nos casos em que oposição singular/plural é marcada pela mudança de raiz, seguida do nível em que a oposição singular/plural ocorre graças à manutenção ou mudança da vogal acentuada, com acréscimo de um segmento, podendo ou não ocorrer a alteração de tonicidade. Os resultados desta pesquisa e os de Silva (2003) também se assemelham no que diz respeito aos níveis 1, 2 e 3, que apresentam baixo índice de concordância verbal visto que seus resultados apontam peso relativo 0.13 e 0.22, respectivamente. De acordo com o pesquisador o nível menos saliente é aquele não acentuado, em que a oposição singular/plural dá-se apenas pela oposição oral/nasal na desinência de número e pessoa.

Comparando nosso estudo ao de Almeida (2006), realizado na comunidade negra São Miguel do Pretos - RS, verificamos que a variável *saliência fônica* mostrou um baixo índice de aplicação da regra com os níveis menos salientes (1, 2, 3), com pesos relativos 0.08, 0.15, 0.38, respectivamente, e os mais salientes (4, 5, 6), com pesos relativos 0.57, 0.64, 0.73, respectivamente. A autora explica que “[...] os primeiros níveis, com oposições menos salientes, apresentam menor incidência de concordância, enquanto os últimos níveis, com oposições mais salientes, são mais propensos à aplicação da regra em questão” (ALMEIDA, 2006, p. 115).

Dessa forma, no rumo da aquisição das marcas de concordância verbal, o utente do português afro-brasileiro de Rio das Rãs utiliza com maior frequência aquelas formas em que há nítida diferenciação entre o singular e seu correspondente plural, justificando a percepção daquilo que é mais saliente.

Para melhor compreensão dessa variável, os verbos foram reunidos em dois grupos: os níveis 1, 2 e 3 [- saliente], de um lado e outro [+ saliente], os níveis 4, 5 e 6,. Os resultados podem ser conferidos na tabela 3:

Tabela 4 – Frequência de variação pelo grupo “Saliência fônica” com amálgama

Nível de Saliência fônica	Ocorrências	Percentual
Em posição não acentuada	85/601	33,2%
Em posição acentuada	51/277	64,8%

Fonte: Elaboração própria.

Com o amálgama dos níveis menos salientes (1,2, 3) e dos mais salientes (4, 5, 6), a tabela 3 mostra resultados que comprovam a hipótese, segundo a qual, níveis com maior saliência nas formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma em P6.

Apresentamos, a seguir, exemplos retirados do *corpus* referentes aos níveis 1, 2, 3, 4, 5 e 6, isto é, aos contextos que mostram a oposição entre o singular e o plural na amostra, em relação à presença e à ausência da marcação de CV de terceira P6:

46. Nível 1: *conhece / comem*

(a) Umas pessoas *conhece* muito. (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

(b) Eles *conhecem* todos. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

47. Nível 2: *ganha / ganham*

(a) Eles *ganha* daqui pra cá. (VAS, 70 anos, Rio das Rãs)

(b) Outros *ganham* os anos deles. (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

48. Nível 3: *faz / fazem*

(a) As pessoas *faz* que ele canta muito bonito. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

(b) Eles não *fazem* brincadeira não. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

49. Nível 4: *tá / tão*

(a) As coisa *tá* tudo diferente. (VAS, 70 anos, Rio das Rãs)

(b) Cês *tão* brincano? (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

50. Nível 5: *foi / foram*

(a) Uns *foi* se embora pro lugar que é [...] (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

(b) Meus filho *foram* criado [...] (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

51. **Nível 6:** *é / são*

(a) Vocês *é* demais. (MMSF, 32 anos, Rio das Rãs)

(b) Essas coisa *são* um pouco mais diferente. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

Embora, neste estudo, as formas menos salientes tendam à não marcação da variante de CV, vimos que essa constatação não é totalmente confirmada, já que o fator do nível 2 (nasalização com mudança de qualidade), situado entre as formas menos salientes, se mostrou favorável para o uso da marcação de CV de P6, com peso relativo 0.66, contrariando, assim, o que se esperava para o comportamento do referido fator, nesse nível.

Segundo Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 351), os resultados da variável *saliência fônica* podem ser interpretados como uma evidência de que está em curso, nessas comunidades afro-brasileiras isoladas, um processo de mudança aquisicional da regra de concordância verbal.

5.1.2 *Tempo e modo verbais*

Esta variável foi inserida neste estudo por representar um papel relevante à *saliência fônica*, já que os tempos e modos verbais podem favorecer a marcação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Os verbos controlados no *corpus* desta pesquisa foram organizados da seguinte forma: *presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo*.

Os dados analisados demonstram que nem todos tempo e modo verbais controlados foram selecionados pelo Programa *Goldvarb X* como significativos: ocorreu *Knockout* com o *futuro do presente do indicativo*, uma vez que houve apenas uma ocorrência com essa variável (sem marca de plural), o que levou à sua exclusão. Os fatores *pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito do indicativo* e o *presente do subjuntivo* não apresentaram ocorrência no *corpus*.

Seguem exemplos retirados do *corpus* da presente pesquisa:

52. *Presente do indicativo*

As coisa **são** muito difícil. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

53. *Pretérito perfeito do indicativo*

Eles **falou** que esse mês talvez podia sair. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

54. *Pretérito imperfeito do indicativo*

Os mato **era** verde. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

55. *Imperfeito do subjuntivo*

Eles **saísse** mais eu queria. (PSN, 53 anos, Rio das Rãs)

Desse modo, apresentamos na tabela, os seguintes tempo e modo verbais selecionados pelo Programa *Goldvarb X*:

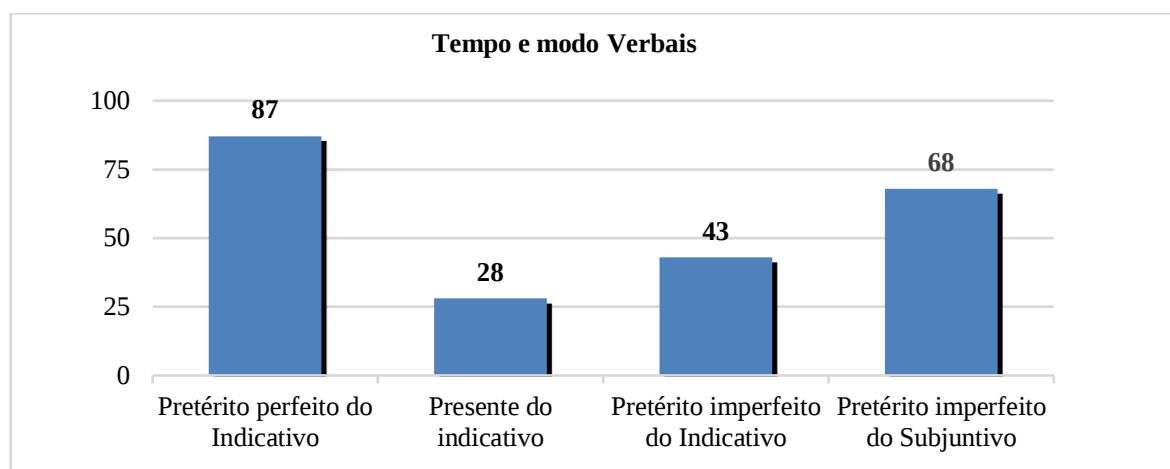
Tabela 5 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Tempo e modo verbais

Tempo e modo verbais	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Pretérito perfeito do Indicativo	47/194	19.5	0.87
Presente do Indicativo	23/338	6.4	0.28
Pretérito Imperfeito do Indicativo	75/326	18.7	0.43
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	2/10	6.7	0.68

Fonte: Elaboração própria

Olhando para os dados, constatamos que o *pretérito perfeito do indicativo* possui uma forte tendência à marcação de CV com peso relativo 0.87. Em seguida, encontra-se o *pretérito imperfeito do subjuntivo*, com peso relativo 0.68. O *presente do indicativo*, por outro lado, não favoreceu a concordância verbal, apresentando peso relativo 0.28; isso se justifica pelo uso de temas abordados nas entrevistas, que se concentraram mais em lembranças vividas no passado, daí o uso do *pretérito perfeito do indicativo*. Já o *pretérito imperfeito do indicativo* apresenta peso relativo 0.43. A baixa frequência do fator *pretérito imperfeito do indicativo* pode ser explicada pelo tipo de resposta dada pelos informantes às questões das entrevistas. Apesar de esse tempo/modo verbal expressar um processo no passado, a ação verbal não foi concluída, tratando-se de uma ação contínua; todavia, os informantes se referem a situações vivenciadas por eles e concluídas no passado ou situações hipotéticas ou a desejos a que aspiram – tudo relacionado aos conflitos pela posse de terra que experienciaram. Esses resultados podem ser melhor visualizados no gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Marcação da concordância de P6, segundo a variável tempo e modo verbais (pesos relativos)



Fonte: Elaboração própria.

Comparando os dados deste estudo com os dados de Almeida (2006), ao contrário do que fora verificado na presente pesquisa, o fator *presente do indicativo*, mostrou-se significativo na comunidade negra de São Miguel dos Pretos, com peso relativo 0.50; todavia os resultados se igualaram no concernente ao *pretérito perfeito do indicativo*, peso relativo 0.52, e ao *pretérito imperfeito do indicativo*, com peso relativo 0.47.

5.1.3 Realização e posição do sujeito

No estudo da variável *realização e posição do sujeito* (ordem SV - sujeito verbo - ou VS - verbo sujeito), os fatores considerados são os seguintes, conforme discutido na seção 4:

56. Sujeito imediatamente anteposto ao verbo

Eles **viaja** assim porque [...] (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

57. Sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes

Eles não **limpa** aquilo ali [...] (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

58. Sujeito anteposto ao verbo com uma relativa

Essas lâmparas que **colocavam** velas [...] (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

59. Sujeito não-realizado tem que ser referencial, e não indeterminado

Eles soube e **trouxeram** praqui [...] (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

60. Sujeito imediatamente posposto

Vieram as pessoas de fora. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

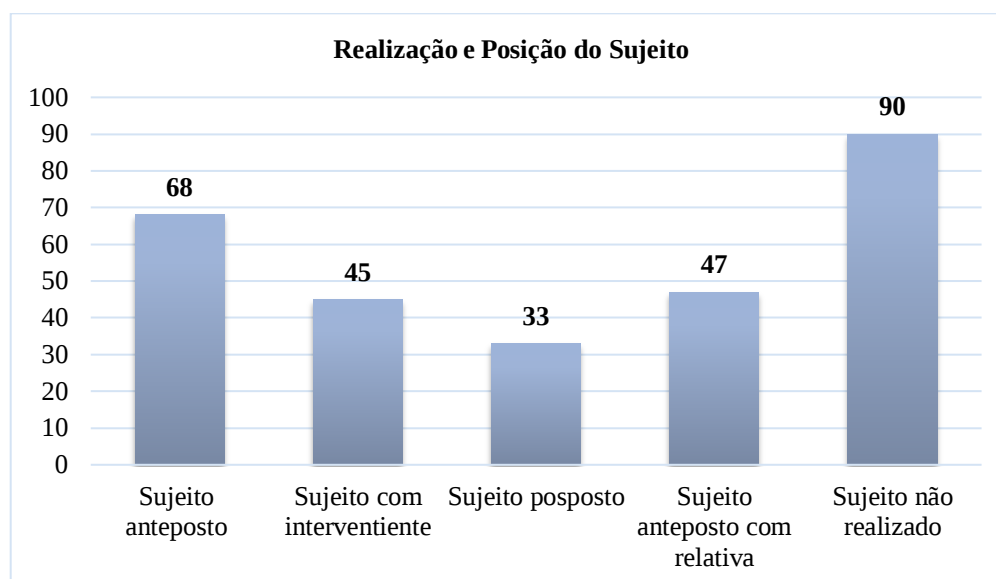
Tabela 6 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Realização e posição do sujeito

Realização e posição do sujeito	Ocorrência	Percentual	PR
Sujeito anteposto por uma relativa	91/550	14,5%	0.47
Sujeito com interveniente	21/171	11%	0.45
Sujeito posposto	2/21	8,7%	0.33
Sujeito anteposto	24/117	17%	0.68
Sujeito não realizado	7/9	43,8%	0.90

Fonte: Elaboração própria.

Observando os dados na tabela 6, a concordância apresenta baixo índice quando o sujeito vem posposto ao verbo, seguindo a ordem VS, ou se há entre o sujeito e o verbo um ou dois elementos intervenientes. Segundo os resultados apresentados nessa tabela, notamos que o *sujeito não realizado* e o *sujeito anteposto* são os fatores que mais se destacam na marcação da concordância verbal, com pesos relativos 0.90 e 0.68, respectivamente. Uma possível explicação para estes resultados pode ser o fato de, no primeiro caso, na ausência de um sujeito lexicalmente realizado, o verbo precisar dar conta de identificar a pessoa e o número, logo vindo com a marca morfológica da P6. Já no segundo caso, *sujeito anteposto*, há a marcação de concordância verbal de P6 devido à proximidade entre o núcleo do sintagma nominal e o verbo. O *sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes*, apresenta baixo peso relativo, 0.45, para a CV de P6, o que é esperado devido à existência de constituintes entre o sujeito e o verbo. O *sujeito posposto* e o *sujeito anteposto com uma relativa* também não trazem marcação expressiva de concordância de P6, com pesos relativos de 0.47 e 0.33, respectivamente. Os resultados são ilustrados no gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Marcação da concordância de P6, segundo a variável realização e posição do sujeito (peso relativo)



Fonte: Elaboração própria.

Na análise de Silva (2003, p. 165), os fatores *sujeito posposto* e *sujeito não realizado* se mostraram relevantes para a marcação de concordância verbal de P6, com pesos relativos 0.51 e 0.61, respectivamente. Os fatores *sujeito anteposto* e *sujeito anteposto por uma relativa* não demonstram uma tendência a marcação de CV de P6 em seus dados, com pesos relativos 0.35 e 0.49, respectivamente. Assim há uma discrepância entre os nossos resultados e o de Silva (2003) no concernente a essa variável, principalmente, no que diz respeito a esse primeiro fator (sujeito anteposto por uma relativa).

5.1.4 Concordância nominal no sujeito

Esta variável é representada por meio dos seguintes fatores: *SN com concordância* e *SN sem concordância*. Entendemos como SN com concordância as ocorrências em que a marca de plural aparece tanto no núcleo do SN como nos elementos a ele adjuntos. Em oposição, consideramos como SN sem concordância as ocorrências em que o determinante e o núcleo estão com uma marcação de número diferente. Eis alguns exemplos extraídos de nosso *corpus*:

61. SN sujeito com concordância

Muitas pessoas falam [...] (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

62. SN sujeito sem concordância

Os povo pega os lixo [...] (DAO, 39 anos, Rio das Rãs)

Os resultados obtidos seguem na tabela 7.

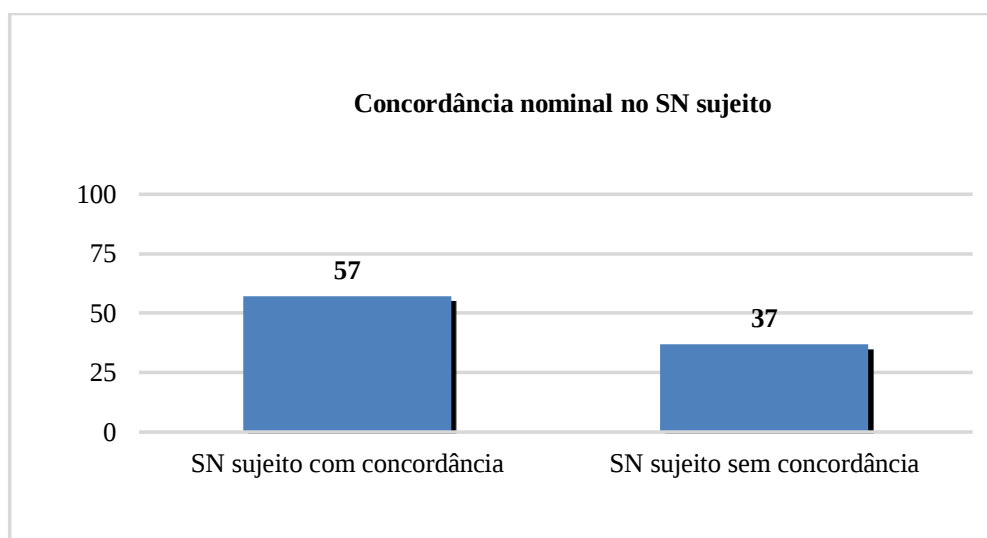
Tabela 7 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Concordância nominal no SN sujeito

Concordância no SN	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
SN sujeito com concordância	29/318	18%	0.57
SN sujeito sem concordância	18/550	9%	0.37

Fonte: Elaboração Própria.

É perceptível nos resultados apresentados nessa tabela a diferença que há entre os pesos relativos dos dois fatores: o fator representado pelo SN sujeito com concordância tende à marcação da concordância verbal com peso relativo 0.57; ao contrário do SN sujeito sem concordância que apresenta relativo 0.37, como mostra o gráfico 5:

Gráfico 5 – Marcação da concordância de P6, segundo a variável Concordância Nominal no SN Sujeito (pesos relativos)



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados obtidos por Silva para esse grupo de fatores se coadunam com os nossos, já que o *SN sujeito com concordância* leva à marcação morfológica de plural no verbo, com peso relativo 0.74, enquanto o *SN sujeito sem concordância* apresenta peso relativo 0.42 para ocorrência dessa regra. Para o autor, isso significa que ao adquirir os padrões linguísticos da norma padrão, o falante tende a fazer aquisição com maior frequência das marcas explícitas de número no sintagma nominal e no sintagma verbal concomitantemente. Nessa comparação,

percebemos que, nas comunidades quilombolas, há uma tendência à concordância no SN sujeito.

5.1.5 Tipo de verbo

A variável *tipo de verbo* foi selecionada pelo Programa como favorecedora da aplicação da regra de marcação de plural no verbo. Esta proposta de que a carga semântico-funcional do verbo influencia a marcação ou não marcação do plural (SILVA, 2005; GRACIOSA, 1991; ARAÚJO, 2014). Visando medir a importância do *tipo do verbo* na aplicação da regra de concordância, consideramos inicialmente os seguintes casos:

63. *Verbo transitivo*

As muier **fazia** sabão. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

64. *Verbo Locativo*

Eles **chegaram** em casa. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

65. *Verbo de ligação*

Eles **são** pequeno também. (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

66. *Verbo inergativo*

As coisa **sumiu**. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

67. *Verbo auxiliar*

Maria ainda **vai casar**. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

68. *Verbo Inacusativo*

Duas família que **morreu**. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

69. *Verbo Modal*

Eles **pode trazer** o feijão. (DAO, 51 anos, Rio das Rãs)

Os resultados obtidos podem ser vistos na tabela 8 abaixo:

Tabela 8 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Tipo de verbo

Tipo de Verbo	Ocorrências	Percentual	PR
Transitivo	45/352	12%	0.47
Locativo	7/75	9%	0.39
Copulativo	51/120	30%	0.70
Inergativo	26/203	12%	0.45
Auxiliar	6/37	14%	0.45
Inacusativo	9/53	15%	0.46
Modal	3/28	10%	0.58

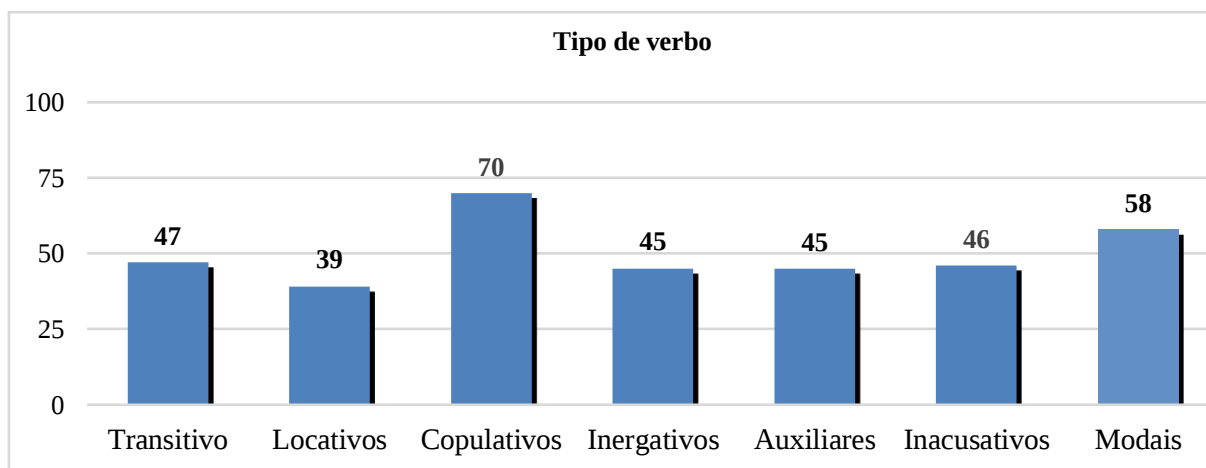
Fonte: Elaboração própria.

Observando os dados apresentados na tabela 7, percebemos que os *verbos locativos* são os que estão com peso relativo mais baixo em relação aos demais 0.39. Esse fator, que exprime um predicado com valor de localização, desfavorece a marcação de concordância verbal de P6. Os *inergativos* também apresentam baixo peso relativo 0.45, assim como os *auxiliares* com

peso relativo 0.45; o fato de aparecerem duas formas verbais, um verbo auxiliar e outro principal em uma das formas nominais, pode estar desfavorecendo a concordância verbal de P6. Os *inacusativos* também apresentam peso relativo 0.46, desfavorável à aplicação da regra, talvez isso se deva ao fato de esses verbos selecionarem um argumento interno, gerado na posição de complemento, que “[...] ocorre com a relação gramatical de sujeito (DUARTE; BRITO, 2003, p. 300), o que faz com que o falante não o reconheça como sujeito de uma oração, não estabelecendo a concordância verbal. Os verbos *transitivos* também não trazem um resultado favorável à aplicação da concordância verbal, apresentando peso relativo 0.47, o que contraria o esperado – o fato de o sujeito que acontece com esse tipo de verbo possuir papel temático agente (logo serem mais animados) levaria à concordância entre este e o verbo.

O fator *copulativo* (ou de ligação) é o que apresenta índice mais significativo de marcação de concordância verbal de P6, com peso relativo 0.70. Este verbo seleciona semanticamente apenas um argumento interno, uma oração pequena, cujo núcleo pode ser adjetival, nominal, preposicional ou adverbial (DUARTE, 2003). Essa tendência à marcação de concordância verbal de P6 nesse fator pode ser explicada devido à relação existente entre o sujeito e o predicativo, e principalmente por conta de esses verbos se mostrarem mais salientes (*e, são / foi, foram*). Os *verbos modais* também trazem percentual de 10% e peso relativo significativo, 0.58 em alguns casos. Esse resultado pode ser explicado devido, esse verbo expressar desejos, vontade, necessidade entre outros significados, em relação aos conflitos pela posse de terra que os moradores de Rio das Rãs vivenciaram. Esses resultados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Marcação da concordância de P6, segundo a variável tipo de verbo (Peso Relativo)



Fonte: Elaboração própria.

No concernente a esse grupo de fatores, nossos resultados se assemelham, em alguns casos aos de Silva (2003, p. 167), principalmente no que diz respeito aos fatores *transitivo e intransitivo*²⁶ que para o autor, esses fatores demonstraram uma tendência à marcação de CV de P6, com pesos relativos 0.58 e 0.51 em relação aos demais verbos. Conforme o pesquisador, entre os *verbos transitivos* figuram aqueles que possuem sujeito animado, geralmente com traço semântico [+humano], tendendo, portanto, a ser agente, e consequentemente, favorecendo a concordância. O mesmo acontece com os *intransitivos* que também tendem à marcação de CV de P6. Os verbos *copulativos* e *locativos* não foram considerados nos estudos de Silva (2003). Quanto aos estudos de Almeida (2003) esta variável não foi selecionada pelo programa.

Quanto ao verbo *copulativo*, este apresenta à marcação de CV de P6, pois o verbo pode concordar com o sujeito ou com o predicativo. Os verbos, *auxiliar* e *inacusativo* não apresentam à marcação de CV de P6.

Dando continuidade à análise e interpretação dos dados desta pesquisa, apresentamos, em seguida, as variáveis extralinguísticas.

5.2 Análise das variáveis extralinguísticas

Os grupos de fatores têm demonstrado uma relevância nos estudos de natureza sociolinguística, pois são eles que caracterizam o falante e a língua em uso que está sendo estudada. Nesta pesquisa, foram consideradas as seguintes variáveis extralinguísticas:

- a) *Sexo*;
- b) *Faixa etária*;
- c) *Escolaridade* e;
- d) *Redes de relações sociais*.

Ao analisar a influência de cada grupo de fatores extralinguísticos na marcação de concordância verbal de P6 na fala vernácula de falantes da comunidade quilombola de Rio das Rãs, das variáveis extralinguísticas, três se mostraram estatisticamente relevantes pelo Programa *Goldvarb X*: (i) *Sexo*; (ii) *Faixa etária*; e (iii) *Rede de relações sociais*.

²⁶ Neste estudo é denominado como *inergativo*.

5.2.1 Faixa etária

A variável *faixa etária* é considerada de grande relevância nas pesquisas sociolinguísticas, não só para identificar as mudanças como também para explicar. Cangirana e Gonçalves (2017), por exemplo, analisaram a aplicação da regra de CV de P6 em dados de fala da comunidade quilombola Rio das Rãs, por meio do controle e análise da variável social *faixa etária*. Os resultados por elas obtidos apontaram para que os falantes mais jovens tendem a realizar variantes inovadoras (marcas morfológicas de plural no verbo), ao contrário dos mais velhos.

Tem sido consenso entre os estudiosos que essa variável não deve ser considerada isoladamente, mas correlacionada aos demais fatores extralinguísticos, como *sexo, escolaridade e rede de relações sociais*.

Vários estudos sociolinguísticos partem da hipótese clássica no que se refere à mudança em *tempo aparente* de que o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua. Nesse sentido, a fala de indivíduos adultos estariam refletindo o estado da língua adquirida quando tinham aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa de 70 anos estaria refletindo a fala usada há 55 anos atrás. Essa abordagem é chamada *degradação etária*. Em muitas pesquisas, notamos que os grupos etários mais jovens introduzem na sua fala a variante padrão, substituindo gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos adultos, que conservam em sua fala a variante não padrão. Logo, ao compararmos a fala de um adulto de 70 anos e a fala de um jovem de 15 anos, por exemplo, poderíamos observar mudança em curso. Essas constatações podem ser verificadas em nosso estudo, ao considerarmos o grupo de fatores *faixa etária*, visto que os falantes mais jovens apontam para a marcação de concordância verbal de P6, conforme demonstra a tabela 8 a seguir.

Nesta variável, consideramos três faixas etárias:

Faixa I: 25 a 35 anos - jovens;

Faixa II: 35 a 55 anos – adultos;

Faixa III: mais de 65 anos – idosos.

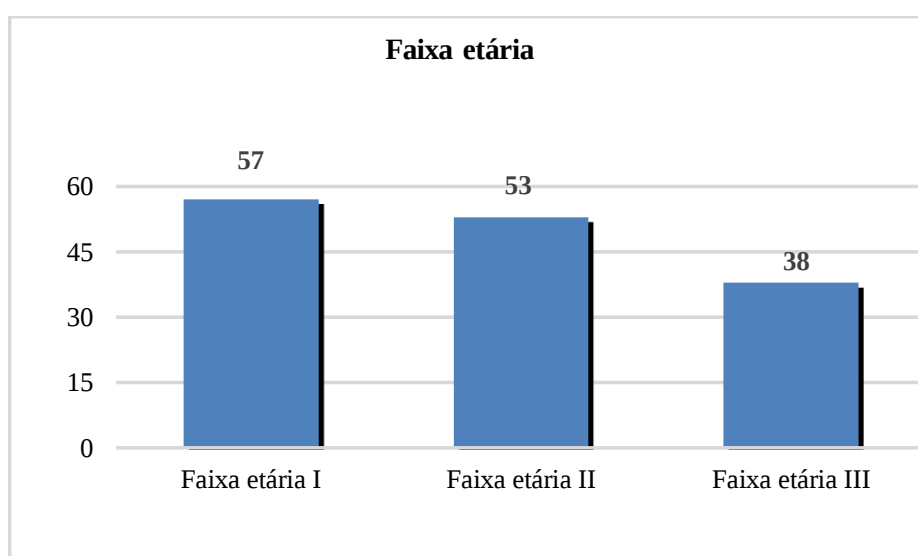
Tabela 9 – Presença da marca de plural, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
25 a 35 anos	70/378	18.5%	0.57
45 a 55 anos	46/293	15.7%	0.53
Mais de 65 anos	27/322	8.4%	0.38

Fonte: Elaboração própria

Ainda que, de um modo geral, os dados aqui analisados não favoreçam a aplicação da regra de concordância (14,4%), observando os resultados na tabela 9, vemos que a tendência à realização de concordância de P6 aparece mais realização dos jovens (de 25 a 35 anos), representada pela faixa etária I, com peso relativo 0.57. Em seguida, vem a faixa II, formada pelos adultos, com peso relativo 0.53 de aplicação de CV de P6, moderadamente favorável. Na fala dos mais velhos (os que têm mais de 65 anos), por outro lado, verificamos uma queda considerável no número de ocorrências da marca de concordância – o que demonstra o peso relativo 0.38, mais baixo entre as faixas etárias estudadas.

Os resultados parecem estar apontando para uma *mudança em curso* em direção à realização de marcas de concordância verbal em P6, já que as gerações mais jovens apresentam um peso relativo favorecedor desta, o que pode ser visualizado claramente no gráfico 7. O esperado é que as próximas gerações sigam nesta direção, realizando cada vez mais esta marca.

Gráfico 7 – Presença da marca de plural, segundo o grupo de fatores faixa etária (pesos relativos)

Fonte: Elaboração própria.

Assumimos a explicação dada por Cangirana e Gonçalves (2017) para o fato de os falantes mais jovens de Rio das Rãs tenderem a realizar a variante padrão, ao contrário dos mais velhos, que conservam a variante não padrão. Segundo elas, esse resultado se explica pelo fato de os falantes mais jovens conviverem com outros grupos fora da comunidade, participarem de campeonatos de futebol, associações, frequentarem festas na sede do município e cidades vizinhas. O contato com outras variantes linguísticas proporcionam a eles a aplicação de concordância verbal de P6.

Comparando nossos resultados aos de Silva (2003), constatamos que estes se assemelham aos que obtivemos, pois os informantes das faixas I por ele estudado, com pesos relativos 0.62, tendem a realizar mais a variante padrão do que os informantes das faixas etárias II e III, com pesos relativos 0.36 e 0.48, respectivamente. Silva (2003, p. 174) explica que “a faixa etária I demonstra uma situação linguística em que atua a influência de uma gramática mais próxima da língua alvo do que aquela falada pelos mais velhos”. Para Silva (2003, p. 174), “[...] os mais velhos tendem a reproduzir a língua que aprenderam com a geração anterior [...]”

Os dados obtidos por Almeida (2006), por sua vez, também se aproximam dos nossos, visto que há maior probabilidade de aplicação de regra de P6 pelos falantes mais jovens, com 0.64 de peso relativo, assim como peso relativo 0.56 para os adultos. Em contrapartida, os mais velhos demonstram uma tendência à não aplicação da regra de P6, com peso relativo 0.38.

Assim, vale salientarmos que a hipótese por nós levantada quanto à variável foi confirmada, pois, os mais jovens estão em processo de aquisição ao uso da variante padrão do que os mais velhos, o que pode estar caracterizando um indício de *mudança em curso*, considerando o *tempo aparente*.

5.2.2 Sexo

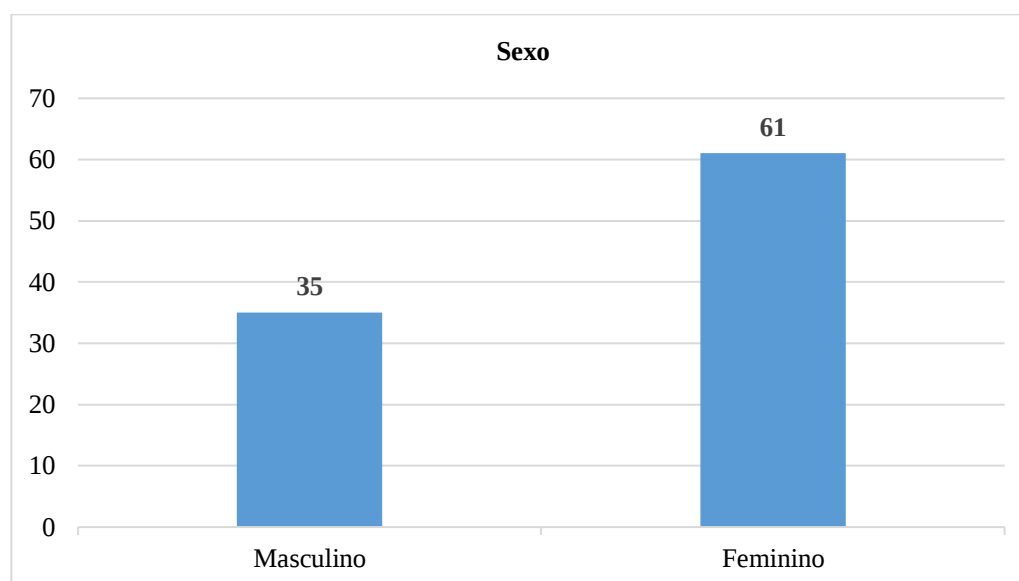
Diversos estudos já constataram a influência do fator sexo na escolha das formas linguísticas utilizadas por membros de uma comunidade de fala. Esses estudos têm constatado que existe uma tendência de as mulheres liderarem a mudança linguística dentro de uma comunidade de fala. Sendo assim, vemos que o objetivo dessas pesquisas é verificar como e em que medida mulheres e homens se comportam frente a um dado fenômeno em estudo (CANGIRANA; GONÇALVES, 2018). Os resultados da tabela 9 indicam que essa variável é de suma relevância para o condicionamento da concordância verbal de P6 na comunidade em estudo.

Tabela 10 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo sexo

Sexo	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Masculino	33/432	7.6%	0.35
Feminino	110/561	19.6%	0.61

Fonte: Elaboração própria.

Observamos nos resultados apresentados na tabela 10 índices de peso relativo de aplicação de marca de concordância verbal maiores para informantes do sexo feminino (0.61) do que para informantes do sexo masculino (0.35). Esses resultados corroboram o que tem sido apontado em pesquisas de base sociolinguística para núcleos urbanos de que as mulheres tendem a se aproximar mais da variante padrão (que os homens), diferenciando-se do que se tem verificado em comunidades quilombolas. Esses resultados podem ser conferidos no gráfico 8:

Gráfico 8 – Presença de marca de plural, segundo a variável Sexo (pesos relativos)

Fonte: Elaboração própria.

Esses resultados podem estar correlacionados à participação ativa das mulheres em atividades sociais dentro da comunidade, bem como a seu deslocamento para fazer compras na cidade e vender produtos produzidos na comunidade (CANGIRANA; GONÇALVES, 2018). Nessas atividades, elas participam dos cultos evangélicos, missas, reuniões dos sindicatos e programas voltados à saúde da mulher no Posto de Saúde, com profissionais dessa área. Além disso, essas mulheres participam de *Movimentos das Mulheres Quilombolas*, a fim de buscarem políticas públicas e garantia de seus direitos. Observa-se que, com sua participação efetiva em

sindicatos, no *Programa Saúde da Mulher* no posto da comunidade, em associações de mulheres e cultos evangélicos, as mulheres têm se destacado na realização de diversas tarefas, com a finalidade de lutar por melhores condições de vida, não apenas para suas famílias, mas também para a comunidade. Isso faz com que ampliem suas redes de contatos, visto terem uma ampla mobilidade na sociedade, e tragam marcas linguísticas para a sua fala. Os homens, por sua vez, participam de associações de moradores e, às vezes, de grupos religiosos. Todavia, sua participação nesses grupos é mínima, devido à sua excessiva jornada de trabalho: lidam na roça ou em fazendas com agricultura, fazem viagens rápidas para cidades vizinhas, como Bom Jesus da Lapa, Carinhanha e Serra do Ramalho, para fazerem compras, e para a cidade de São Paulo para trabalharem como pedreiros ou na colheita de cana-de-açúcar (permanecendo lá por três meses), o que poderia caracterizar a ampliação de suas redes sociais, mas que, ao contrário, só lhes permite permanecer basicamente no mesmo ciclo, não mantendo contato com sujeitos que detenham o padrão, como acontece no caso das mulheres (CANGIRANA; GONÇALVES, 2018). Vemos, dessa forma, que o contato que as mulheres mantêm com falantes que empregam o padrão linguístico está refletindo no seu próprio uso da língua.

Diferentemente dos resultados deste estudo, os obtidos por Silva (2003, p. 174), na análise das comunidades de Cinzento, Hévelcia e Rio de Contas - BA, apontam que as mulheres tendem à não concordância verbal de P6, com peso relativo 0.43, ao contrário dos homens, que apresentam uma tendência à marcação de P6, com peso relativo 0.57. Para o autor, os homens dessas comunidades mantêm cada vez mais contato com membros de outros grupos, trazendo, assim, marcas linguísticas para a comunidade, modificando a sua forma de falar.

No estudo de Almeida (2006, p. 125) sobre o falar da comunidade de São Miguel dos Pretos, os homens também lideram a variante padrão, com percentual de 82%, ao contrário das mulheres, cujas ocorrências equivalem ao percentual de 81%. A autora ressalta que é importante que haja uma análise mais detalhada a respeito do papel social de homens e mulheres em São Miguel dos Pretos.

Vemos, assim, que os resultados de nossa pesquisa se diferem dos que têm sido verificados em pesquisas sobre a fala de moradores de comunidades isoladas (SILVA, 2003; ALMEIDA, 2006), nos quais são os homens que lideram a realização da marca de concordância verbal na terceira pessoa do plural.

De todo modo, a hipótese aqui levantada quanto a essa variável foi confirmada, pois o sexo feminino está condicionando a mudança, ou seja, são as mulheres que favorecem a marca de regra de CV de P6 como forma inovadora.

5.2.3 Redes de relações sociais

O contato social realizado pelos informantes exerce papel fundamental sobre o seu desempenho linguístico (CANGIRANA; GONÇALVES, 2018). Assim sendo, nesta subseção analisamos a influência das *redes sociais* na aplicação da concordância verbal de P6 na comunidade de fala considerada. Neste estudo, as redes de relações sociais são analisadas, conforme dois critérios: *local* e *dispersa*. Em termos de *rede de relação local*, serão observados a valorização da comunidade em que o indivíduo reside e os usos linguísticos locais; assim, o termo *local* se aplicará ao falante que fez viagens rápidas e próximas à comunidade. Na *rede de relação dispersa*, são considerados os indivíduos que saem da comunidade por mais de seis meses e, ao retornarem à sua comunidade, trazem padrões linguísticos externos a esta.

Para compreender o papel das redes de relações sociais, classificamos os informantes em dois grupos, de acordo com o papel social que exercem: (a) *Rede local*: formada por donas de casa, aposentados e aqueles que fazem serviços de roças; (b) *Rede dispersa*: formada por garçons, cozinheiras, comerciantes, ambulantes, faxineiras, entre outros.

Na tabela 11 a seguir, podem ser conferidos os resultados obtidos nesse grupo de fatores:

Tabela 11 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo Redes de relações sociais

Rede de relações sociais	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Local	71/589	12.1%	0.35
Dispersa	72/404	17.8%	0.61

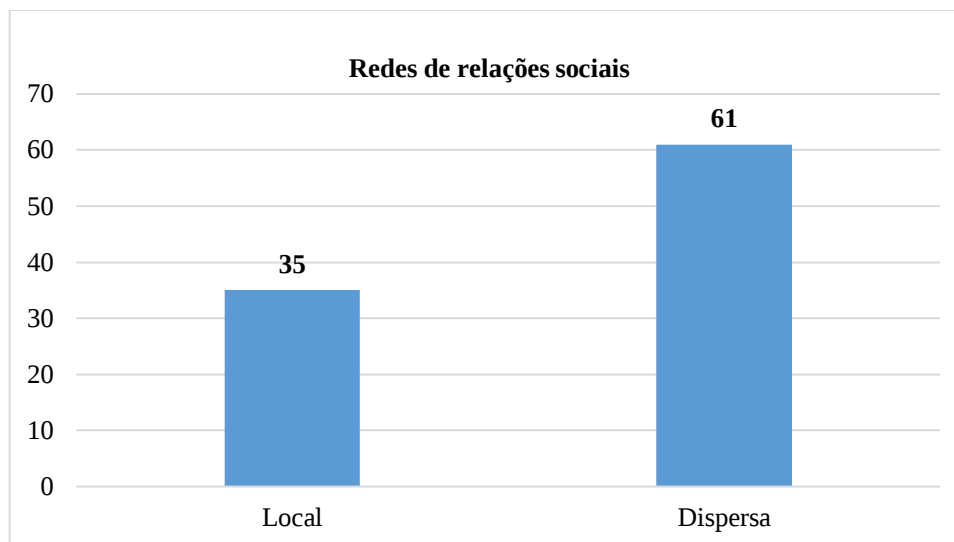
Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar nos resultados constantes na tabela 10, o peso relativo 0.61 indica que os falantes com uma *rede de relações sociais dispersa*, ou seja, aqueles que interagem mais com falantes de outras comunidades, tendem à marcação da regra de concordância verbal de P6, confirmando a nossa hipótese, ao contrário daqueles falantes que permanecem na comunidade, que apresentam um menor índice de concordância verbal de P6 com peso relativo 0.35. Dessa forma, podemos observar que os falantes que apresentam uma rede de relações *dispersa* entram em contato com os padrões linguísticos de outras comunidades, encontrando neles uma referência para seu modo de falar. Percebemos que os sujeitos que permanecem na comunidade desenvolvem um sentimento de pertencimento à comunidade e, conseqüentemente, de valorização do da mesma. E, devido à valorização de seus

costumes e tradições, “preferem” não se locomover para outras comunidades; assim, acabam preservando as variantes linguísticas próprias do falar local.

Esses resultados também podem ser verificados no gráfico 9:

Gráfico 9 – Presença de marca de plural, segundo a variável Rede de relações sociais



Fonte: Elaboração própria.

Com o estudo desta variável, concluímos que é forte sua influência sobre os outros grupos de fatores, o que foi muito bem demonstrado na análise dos grupos de fatores *faixa etária* e *sexo*. Ademais, estudos sociolinguísticos têm apontado que os falantes que estão em contato com a mídia são mais influenciados pelo uso da variante padrão, condicionando a variação linguística e apontando tendências de mudança.

O fato de as variáveis extralinguísticas não atuarem isoladamente levou-nos a realizar diferentes cruzamentos entre as mesmas, que são apresentados nas próximas subseções.

5.3 Cruzamento das variáveis extralinguísticas

A fim de analisar a aplicação da concordância verbal de P6 na fala dos informantes da comunidade em estudo, fizemos o cruzamento das variáveis extralinguísticas *sexo* e *faixa etária*, *faixa etária* e *rede de relações sociais*, *rede de relações sociais* e *sexo*, apresentados nas tabelas que seguem²⁷:

²⁷ Os resultados são apresentados em valores percentuais, já que nos cruzamentos, o programa não aponta os pesos relativos.

5.3.1 Cruzamento das variáveis sexo e faixa etária

Ao cruzarmos os dados das variáveis *sexo* e *faixa etária*, observamos que as mulheres mais jovens dominam a aplicação da concordância verbal de P6, conforme nos mostra a tabela 12 abaixo:

Tabela 12 – Presença da marca de plural, segundo o cruzamento das variáveis sexo e faixa etária

Sexo	Faixa etária	Ocorrências	Frequência
Masculino	Faixa I	17/181	9%
	Faixa II	7/125	6%
	Faixa III	9/126	7%
Feminino	Faixa I	53/197	27%
	Faixa II	39/168	23%
	Faixa III	18/196	9%

Fonte: elaboração própria.

O cruzamento dessas variáveis (*sexo* e *faixa etária*) revelam, em termos percentuais, que há mais ocorrências de aplicação de concordância verbal de P6 nos dados das mulheres das faixas I (25 a 35 anos) e II (45 a 55 anos), com percentuais de, respectivamente, 27%, 23%. O percentual da marcação da concordância verbal de P6 se reduz drasticamente para 9% nas realizações das mulheres da faixa etária III (mais de 65 anos). Em relação aos homens, a faixa etária I (25 a 35 anos), a II (45 a 55 anos) e a III (mais de 65 anos) mostram baixa taxa de concordância verbal de P6, com percentuais 9%, 6% e 7% respectivamente. Os resultados obtidos com esse cruzamento vem ratificar o que tem sido constatado neste estudo: (i) de um lado, os homens das faixas etárias mais avançadas são os que menos marcam a concordância de plural no verbo na terceira pessoa; (ii) de outro, são as mulheres mais jovens que tendem a realizar mais essa marca.

5.3.2 Cruzamento das variáveis redes de relações sociais e faixa etária

Outros fatores que cruzamos foram as *redes de relações sociais* e *faixa etária*, por acreditarmos que a rede de relações sociais seja um fator definidor na marcação da CV de P6

na fala dos informantes mais jovens. Os resultados desse procedimento estão expostos na tabela 13 a seguir:

Tabela 13 – Presença da marca de plural, segundo o cruzamento das variáveis redes de relações sociais e faixa etária

Redes de relações Sociais	Faixa etária	Ocorrências	Frequência
Local	Faixa I	26/220	12%
	Faixa II	20/110	18%
	Faixa III	25/259	10%
Dispersa	Faixa I	44/158	28%
	Faixa II	26/183	14%
	Faixa III	2/63	3%

Fonte: elaboração própria.

O cruzamento entre essas variáveis mostra que a faixa etária I, constituída por jovens (25 a 35 anos) apresenta uma rede de relações mais ampla que as faixas etárias II e III. Os informantes mais jovens que permaneceram mais de seis meses ou mais fora da comunidade são os que mais usam a variedade padrão, com percentual de 28%. Os informantes que nunca saíram da comunidade, e que pertencem à faixa III apresentam um percentual de 3%. Este resultado desfavorece à marcação de P6 por parte desta faixa etária na comunidade em estudo.

5.3.3 Cruzamento das variáveis sexo e redes de relações sociais

O cruzamento destas variáveis apresenta maior influência da aplicação da regra de concordância para os informantes que estiveram mais tempo fora da comunidade, consequentemente ampliando suas redes de relações sociais. A tabela 14 abaixo, referente ao cruzamento das referidas variáveis extralinguísticas, demonstra isso:

Tabela 14 – Presença da marca de plural, segundo o cruzamento das variáveis sexo e redes de relações sociais

Redes de relações sociais	Sexo	Ocorrências	Frequência
Local	Masculino	20/182	11%
	Feminino	51/407	13%
Dispersa	Masculino	13/250	5%
	Feminino	59/154	38%

Fonte: Elaboração própria.

O cruzamento entre essas variáveis mostra que *a rede de relações sociais dispersa* exerce influência sobre o sexo feminino, com percentual de 38%, mas não sobre o sexo masculino, com 5% percentuais. Logo, apesar do baixo índice de marcação de CV de P6, o sexo feminino associado à *rede de relações sociais dispersa* leva a uma realização maior da variante padrão do que o masculino. Ainda, com relação ao sexo feminino, percebemos que as mulheres que desenvolvem uma *rede dispersa* realizam mais a variante padrão (com 38%) do que aquelas que desenvolvem uma rede local (com 13%). Esses resultados estão correlacionados aos argumentos apresentados quando realizada a discussão sobre cada um desses grupos de fatores, corroborando-os.

Findas essas considerações, passaremos às conclusões sobre as considerações realizadas ao longo desta dissertação.

6 CONCLUSÕES

O presente trabalho teve por objetivo analisar a marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos informantes da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, no município de Bom Jesus da Lapa–Bahia.

À luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística apresentada por Weinreich, Labov, Herzog (1968-2006) e Labov (1972-2008), analisamos a variável dependente *a concordância verbal de P6* correlacionada a variáveis independentes. Na análise das variáveis independentes linguísticas, destacaram-se os grupos (i) *saliência fônica*; (ii) *tempo e modo verbais*; (iii) *tipo de verbo*; (iv) *realização e posição do sujeito*; (v) *concordância nominal no SN sujeito* como favorecedores da aplicação da regra de marcação de CV de P6; entre as variáveis independentes extralinguísticas sobressaíram: (vi) *faixa etária*; (vii) *sexo*; e (viii) *redes de relações sociais*. Assim, destacamos os resultados dos dados das variáveis linguísticas e extralinguísticas que demonstram relevância à marcação de concordância verbal de P6 no português popular do quilombo Rio das Rãs.

Nessa análise, obtivemos um total de 993 dados, dos quais 143 apresentam aplicação da regra de concordância, equivalendo a 14,4%, e 850 acontecem sem concordância, equivalendo a 85,6% de CV de P6. Esses resultados revelam a baixa marcação da CV de P6 nos dados de fala da comunidade estudada. Atribuímos esses resultados ao fato de essa comunidade ter constituído no passado um reduto de escravos foragidos e se manter em relativo isolamento até o final do século XX.

Em relação à variável *Saliência Fônica*, na relação singular e plural da forma verbal, os nossos resultados evidenciaram pesos relativos favorecedores à concordância verbal de P6 quando a vogal do verbo é acentuada, isto é, nos níveis mais salientes (4, 5, 6), com pesos relativos 0.74, 0.47, 0.89 respectivamente. Os níveis não acentuados (1, 2, 3), por sua vez, com pesos relativos 0.30, 0.66, 0.22 respectivamente, desfavorecem a concordância verbal de P6. Outro fato interessante nos apontou a amálgama dos níveis, uma vez que os verbos não acentuados, agrupados nos níveis (1,2,3), com frequência de 35,2%, não demonstraram tendência à marcação de CV de P6, ao contrário daqueles cuja saliência é acentuada (como demonstrou a amálgama dos níveis 4, 5, 6), com frequência de 64.8% que demonstraram forte preferência à marcação de concordância verbal de P6, confirmando, assim, a hipótese levantada neste estudo.

No tocante aos tempos e modos verbais, percebemos que o *pretérito perfeito do indicativo*, com peso relativo 0.87, e o *pretérito imperfeito do subjuntivo* com peso relativo

0.68, favorecem a concordância verbal de P6 em relação aos demais tempos e modos. Os fatores *presente do indicativo*, com peso relativo 0.28, e o *pretérito imperfeito do indicativo*, com peso relativo 0.43, não se mostraram favoráveis à marcação de concordância verbal de P6. Nesse caso, não pudemos confirmar a hipótese levantada para o *pretérito imperfeito do subjuntivo*, pois este demonstrou ser significativo na análise dos dados, devido, os informantes se referirem a situações hipotéticas

A *realização e posição do sujeito* foi relevante para a marcação de concordância verbal de P6, sobretudo no que se refere aos fatores *sujeito anteposto*, com peso relativo 0.68, e *sujeito não realizado*, com peso relativo 0.90. Por outro lado, os menos favorecedores à CV de P6 foram *sujeito posposto*, com peso relativo 0.33, *sujeito com interveniente*, com peso relativo 0.45, e *sujeito anteposto com uma relativa*, com peso relativo 0.47. Sendo assim, a nossa hipótese foi confirmada, pois o fator sujeito anteposto ao verbo foi propício à marcação de CV de P6.

A variável *concordância nominal no sujeito*, representada por dois fatores: *SN com concordância* e *SN sem concordância*, apresenta os seguintes resultados: o fator representado pelo *SN sujeito com concordância* tende à marcação da concordância verbal, com peso relativo 0.57; ao contrário do *SN sujeito sem concordância*, que apresenta peso relativo 0.37. Este resultado evidencia que, quando há marcas de plural no SN nominal que constitui o sujeito, há probabilidade de aplicação da regra de marcação morfológica de concordância entre o sujeito e o verbo, o que comprova, assim, o que afirma Scherre (1988, p. 182): “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”.

Quanto à variável *tipo de verbo*, observamos que os *verbos copulativo* e os *modais* são os que mais favorecem a concordância verbal de P6 na fala dos rioranzenses, com pesos relativos 0.70 e 0.58 respectivamente. Já os verbos *locativos*, *inergativos*, *auxiliares* e *inacusativos*, embora não favoreçam a aplicação da marca morfológica de concordância verbal de P6, apresentam pesos relativos bem significativos: 0.39, 0.45, 0.45, 0.46 respectivamente.

Em nosso trabalho, destacamos a relevância dos fatores extralinguísticos para a concordância verbal de P6, entre os quais foram selecionados pelo Programa *Goldvarb X* a *faixa etária*, *sexo* e *redes de relações sociais*. A *escolaridade* e *mídia* foram excluídos por esse programa.

No que tange à *faixa etária*, verificamos na fala dos mais jovens (25 a 35 anos) uma tendência ao uso da forma padrão no que diz respeito à marcação da concordância verbal de P6, com peso relativo 0.57. Este resultado pode ser explicado devido à mobilidade desses falantes mais jovens, ou seja, ao contato que fazem durante as viagens para cidades vizinhas e

grandes centros urbanos. A faixa etária II (45 a 55 anos), constituída por adultos, também demonstra essa tendência à marcação de concordância verbal, com peso relativo 0.53, enquanto a faixa etária III (mais de 65 anos) desfavorece o uso da concordância verbal de P6, com peso relativo 0.38. Isso acontece porque essas pessoas saem poucas vezes da comunidade, assim, conservam marcas linguísticas do falar local, confirmando a hipótese levantada nesta variável em relação aos falantes mais jovens.

Ao analisarmos a variável *sexo*, constatamos que esta está intimamente atrelada ao grupo rede de relações sociais, o que leva as mulheres a fazerem maior uso da forma padrão, o que demonstra o peso relativo 0.61. Estas participam de cultos, missas, fazem parte de sindicatos e dos encontros que o *Programa Saúde da Mulher* realiza semanalmente no Posto de Saúde, o que as faz expandirem seus olhares sobre os problemas da comunidade e buscarem propostas para a sua melhoria. Os homens, por sua vez, trabalham na roça ou em fazendas (com a agricultura) e têm pouca participação nas associações de moradores e grupos religiosos, com peso relativo 0.35, mostram-se mais conservadores favorecendo a não marcação de CV na comunidade.

No concernente às *redes de relações sociais*, os informantes que saem mais de seis meses da comunidade para trabalhar tendem a fazer maior marcação da regra de concordância verbal de terceira pessoa do plural, com peso relativo 0.61, em relação àqueles que permanecem (nunca saíram) da comunidade (peso relativo 0.35). A rede de relações sociais está relacionada à mobilidade dos moradores do quilombo, principalmente, à interação desses moradores com outras pessoas fora da comunidade, o que pode aproximá-los do uso da variante padrão da língua. Esses contatos externos feitos pelos moradores são determinantes para as mudanças linguísticas que podem ocorrer na comunidade.

Percebemos que há uma semelhança significativa entre os resultados obtidos neste trabalho, cujos resultados gerais relativos à aplicação da regra de marcação de CV de P6, 14,4%, e os obtidos por Silva (2003) em comunidades afro-brasileiras no interior da Bahia: *Cinzento, Helvécia e Rio de Contas*, 16%, prevalecendo em ambos a não marcação de plural no verbo na terceira pessoa. Esses resultados nos levam a compreender a influência do contato entre línguas na sócio-história do Português Brasileiro. Por outro lado, em termos gerais, há um distanciamento de nossos resultados com relação aos obtidos por Almeida (2006) na comunidade afro-brasileira São Miguel dos Pretos – RS, 81%, que favorecem a aplicação da regra. Para a autora, este resultado pode ser explicado devido à proximidade de 10 km da comunidade São Miguel dos Pretos com o centro urbano (cidade de Restinga Seca – RS). Essa marcação de concordância verbal de P6 se refere ao falar dos moradores dessa zona rural que

migravam para o perímetro urbano e que, em consequência do contato linguístico com a variedade urbana, traziam marcas para sua fala. Observamos que os resultados obtidos em comunidades afro-brasileiras é inferior àqueles de centros urbanos, nos quais a concordância verbal de P6 chega a 48%, conforme os estudos de Naro (1981).

Através da análise estatística e qualitativa dos dados, mostramos que os resultados apresentados neste trabalho demonstram uma tendência à não marcação do uso das regras de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural na comunidade remanescente de quilombo, localizada no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia.

Esperamos que a análise deste *corpus*, que fornece dados inéditos sobre a fala vernácula no Oeste da Bahia, possa oferecer subsídios que contribuam com as pesquisas sobre a variação do português brasileiro (PB) que refletem sobre quais implicações as reconfigurações dos espaços urbano-rural podem trazer à variedade de língua usada por esses indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. P. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ANJOS, S. E. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- ANTONINO, V. **A concordância nominal em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português popular do interior do estado da Bahia.** Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- ARAÚJO, S. S. F. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana - BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro.** Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2014.
- BAXTER, A. A Contribuição das Comunidades Afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a crioulação prévia: um exemplo do Estado da Bahia. In: D'ANDRADE, E.; KIHM, A. (orgs). **Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa.** Lisboa: Colibri, 1992.
- BORTONI-RICARDO, S. M. A migração rural-urbana: uma análise sociolinguística. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolinguísticas.** Campinas: Pontes, 1989. p. 167-180.
- BRASIL. **A nova Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.** São Paulo: Mandarino, 1988.
- BRASIL. **Programa Brasil Quilombola.** Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília: INCRA, 2004.
- BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Brasília, DF: INCRA, 1998. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/assentamento>>. Acesso em: 4 dez. 2017.
- CANGIRANA, J. L.; GONÇALVES, E. A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular da comunidade rural de Rio das Rãs – BA. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 9., 21 e 22 de setembro de 2017, Vitória da Conquista. **Anais [...].** Vitória da Conquista, Edições UESB, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/viewFile/7608/7405>. Acesso em: 4 dez. 2017.
- CANGIRANA, J. L.; GONÇALVES, E. Influência dos fatores extralinguísticos na marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala da comunidade rural de Rio das Rãs – BA. **Linguagem, texto e ensino.** Gelne 40 anos. Recife, 2018.
- CANGIRANA, J. L.; GONÇALVES, E. A marcação de concordância verbal de p6 na fala de mulheres do quilombo Rio das Rãs – Bahia. In: ABRALIN EM CENA: LINGUAGEM E SOCIEDADE, 23 a 25 de outubro, 2018, Feira de Santana – Bahia. **Anais [...].** Feira de Santana, 2018. Disponível em:

https://www.abralin.org/abralinemcenabahia/arquivos/AECBA2018_Caderno.pdf. Acesso em: 30 mar. 2019.

CARVALHO, J. J. (org.). **O Quilombo do Rio das Rãs: Histórias, tradições, lutas**. Salvador: EDUFBA, 1996.

CASTILHO, A. T. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.
CEZÁRIO, M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo – SP: Editora Contexto, 2015.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1985].

DUTRA, N. O. **Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira-BA (1982-2004)**. 2007. 178f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

FREITAG, R. M. K. O social da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Diadorim**, n. 8, v.1, 2005.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa, instrumental de análise**. São Paulo. Parábola Editorial, 2007.

GAMEIRO, M. B. **A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio**. Tese (Doutorado em Linguística) – UNESP, São Paulo, 2009.

GRACIOSA, D. **Concordância verbal na fala culta carioca**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2010 – **Características Gerais da População**. Resultados da Amostra. Bahia, 2010. Disponível em:
<<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=Rio%20das%20R%C3%AAs%20na%20bahia&searchphrase=all>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol I: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial (1972-2008).

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras MOBRAL e Fundação FORD. Rio de Janeiro, 1977.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística brasileira. **D.E.L.T.A**, São Paulo, 2001.

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. 2001. 331 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

LUCCHESI, D.. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, 2006.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: BAXTER, A.; LUCCHESI, D.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

MACHADO FILHO, A. A questão da constituição histórica do português brasileiro: revendo razões. **Biblos - Revista da Faculdade de Letras**, Coimbra, n. s. V, p. 187- 206, 2007.

MATTOS E SILVA, R. V. **Contradições no ensino de português**: a língua que se fala X a língua que se ensina. São Paulo: Contexto; Salvador: EDUFBA, 1995.

MATTOS E SILVA, R. V. Idéias para a história do português brasileiro: Fragmentos para uma composição posterior. In: MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004a. cap. 3, p. 43-67.

MATTOS E SILVA, R. V.; OLIVEIRA, K.; LOBO, T. Panorama preliminar da história do letramento de negros na Bahia. In: RAMOS, J.; ALKMIM, T. (org.). **Para a história do português brasileiro**. Volume V: estudos sobre mudança lingüística e história social. Belo Horizonte: FALÉ, 2007. p. 373-422.

MIRA MATEUS, M. H.; ANA, M. B.; DUARTE, I. FARIA, I. H. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003

MONGUILHOTT, I. O. S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

NARO, A. Idade. In: MOLLICA, C. (org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. 3. ed. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 1996. p. 17-25.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language. LSA**, 57, n.1, p. 63-98, 1981.

OLIVEIRA, M. S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em vitória da conquista**: variação estável ou mudança em progresso? Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

- PEIXOTO, A. C. S. **A construção de identidades em narrativas de comunidades quilombolas no sertão das gerais**. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- PEREIRA, M. L. S.; ARAÚJO, A. A. Considerações acerca da variável escolaridade e sua influência sobre a variação entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no português brasileiro. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 6, n. 12, 2016.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- PETTER, M. M. T. A presença de línguas africanas na América Latina. **Linguística**, São Paulo, v. 26, 2011.
- PINTZUK, S. VARBRUL programs. 1988, inédito.
- POSSENTI, S. **Por que (não) Ensinar Gramática na Escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1996.
- PRIETO, G. F. T. **A aliança entre terra e capital na ditadura brasileira**. 2017.
- OLIVEIRA, N. C. A concordância nominal como um fator determinante para a ocorrência da concordância verbal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., João Pessoa, 2009. **Anais [...]**, João Pessoa, 2009. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Nat%C3%A1lia%20Cristina%20de%20OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 2 jan. 2019.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1995.
- RIBEIRO, I. M. O. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996. p. 343-386.
- RESENDE, T. C. C. **Dinâmica do contato dialetal: estudo sociolingüístico em Conceição de Ibitipoca – MG**. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2006.
- RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolingüístico comparativo**. São José do Rio Preto, 2012.
- SANTOS, R. L. A. A escolaridade e a variação de concordância verbal na língua usada por menores carentes de Maceió. **Letras e Letras**, Uberlândia, v. 31/2, jul./dez. 2015.
- SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Estudos de linguagem**, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 7(2), p. 29-59, jul./dez. 1998.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-177.

SILVA, J. A. A. **A concordância verbal no português afro-brasileiro**: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do estado da Bahia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SILVA, J. A. A. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia. 323 p. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SILVA, V. S. **Do Mucambo do pau preto à Rio das rãs**: Liberdade e escravidão na construção da Identidade Negra de um Quilombo Contemporâneo (Ensaio Etnográfico). Salvador: UFBA, 1998.

SOUZA, C. M. B. **A concordância verbal na fala de Salvador**: duas realidades sociolinguísticas. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, J. E.; ALMEIDA, J. C. D. **O Mucambo do Rio das rãs**: um modelo de Resistência Negra. Bom Jesus da Lapa-BA, 1994.

SOUZA, J. E.; ALMEIDA, J. C. D. **Comunidades Rurais Negras Rio das Rãs** – Bahia. Distrito Federal: Documentário. Distrito Federal: Arte e Movimento, 1994.

SOUZA, L. R. **Simulação hidrológica e aplicação de uma análise multivariada no estudo de chuva-vazão na bacia hidrográfica do rio São Francisco**. Dissertação (Mestrado em Meteorologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

VIEIRA, S. R. **Concordância verbal**: variação em dialetos populares do norte fluminense. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

VIEIRA, S. R. **O estatuto da regra variável e o fenômeno da concordância verbal em variedades do português**. Documentos para el XVI Congreso Internacional de la ALFAL. Alcalá de Henares: ALFAL, 2011.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: University Cambridge Press, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICES

AÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE AS NARRATIVAS DE VIDA DOS INFORMANTES

Comunidade: Rio das Rãs – município: Bom Jesus da Lapa – Bahia

As entrevistas serão colhidas no ambiente da comunidade (casas dos moradores e locais de trabalho), será do tipo entrevistador/informante, conversando sobre “narrativas de vida”. Nos inquéritos vão ser abordados temas como família, trabalho, religião, infância, estudo, doenças, costumes, etc. Primeiro, será preparado uma ficha para identificar o perfil social dos informantes, logo após será feito a entrevista:

Nome do Informante:

Idade:

Profissão:

Naturalidade:

Sexo:

Escolaridade:

Estado civil:

Número de filhos:

Tempo fora da comunidade

Exposição à mídia:

Uso de Internet:

Religião:

1. Onde você nasceu?
2. Como foi a sua infância?
3. Quais as brincadeiras que você mais gostava?
4. Sua família é daqui de Rio das Rãs?
5. Até quantos anos você estudou?
6. Você estudou até que série?
7. Os professores são daqui ou de outro lugar?
8. Como são as festas aqui na comunidade?
9. Você já trabalhou fora da comunidade?
10. Quando alguém adoece aqui, como faz?
11. Por que houve os conflitos de terra na comunidade?
12. Você participou desses conflitos de terra?
13. Você participa de alguma associação aqui?
14. Aqui em Rio das Rãs vocês mantêm as tradições em relação as danças, a linguagem, a vestimenta ...?
15. Você tem algum sonho?

Organização do *corpus* de fala

FAIXA I (25 a 35 ANOS)						
Nº	Sexo		Escolaridade	Viagens	Mídia	Redes
1	Homens - 04		Nível I – 0 a 02 anos INF 01 – IAN (Israel Arcanjo Nunes)	Nível I	Nível I	Nível I
2			INF 02 – MMSF (Manoel Messias de Souza Filho)			
3			Nível II – 03 a 05 anos INF 03 – GFS (Gilson Ferreira dos Santos)	Nível II	Nível II	Nível II
4			INF 04 – MRB (Maurício Rodrigues Batista)			
5	Mulheres - 04		Nível I – 0 a 02 anos INF 05 – MAX (Maria Arcanja Xavier)	Nível I	Nível I	Nível I
6			INF 06 - ICSS (Iraci Costa dos Santos de Souza)			
7			Nível II – 03 a 05 anos INF 07 – AFS (Antônia Francisca de Souza)	Nível II	Nível II	Nível II
8			INF 08 – IRS (Ivanete Ramos de Souza)			

FAIXA II (45 a 55 ANOS)						
Nº	Sexo		Escolaridade	Viagens	Mídia	Redes
9	Homens - 04		Nível I – 0 a 02 anos INF 09 – TFS (Teodoro Francisco de Souza)	Nível I	Nível I	Nível I
10			INF 10 – JBS (José Batista de Souza)			
11			Nível II – 03 a 05 anos INF 11 – PSN (Patrício de Souza Nunes)	Nível II	Nível II	Nível II
12			INF 12 – EJS (Elieis José de Souza)			
13			Nível I – 0 a 02 anos	Nível I	Nível I	Nível I

14	Mulheres - 04		INF 13 – DAO (Darcir Arcanjo de Oliveira) INF 14 - ANSB (Ana Nunes de Souza Barbosa)			
15			Nível II – 03 a 05 anos INF 15 – JAS (Júlia Arcanjo da Silva)	Nível II	Nível II	Nível II
16			INF 16 – IRS (Ivani Rodrigues de Souza)			

FAIXA III (65 ANOS ou mais)						
Nº	Sexo		Escolaridade	Viagens	Mídia	Redes
17	Homens - 04		Nível I – 0 a 02 anos INF 17 – ADS (Alvino Duque de Souza)	Nível I	Nível I	Nível I
18			INF 18 – APS (Abílio Pereira dos Santos)			
19			Nível II – 03 a 05 anos INF 19 – EBS (Eliezer Batista dos Santos)	Nível II	Nível II	Nível II
20			INF 20 – JFC (José Francisco da Cruz)			
21	Mulheres - 04		Nível I – 0 a 02 anos INF 21 – ALS (Anatália Lopes dos Santos)	Nível I	Nível I	Nível I
22			INF 22 - VAS (Virgilina Arcanjo dos Santos)			
23			Nível II – 03 a 05 anos INF 23 – FFS (Francisca Ferreira dos Santos)	Nível II	Nível II	Nível II
24			INF 24 – LFSS (Luiza Francisca da Silva Souza)			